



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro

Artur Junior Santos Cardoso

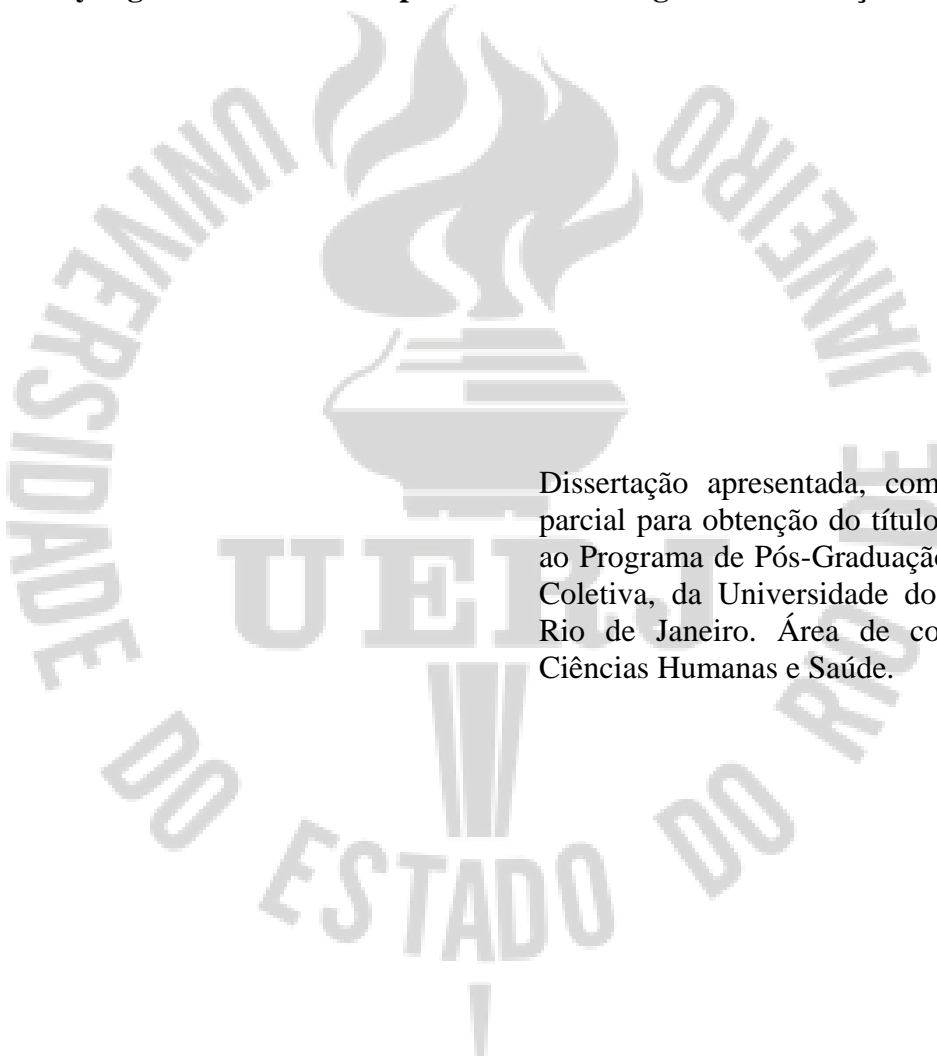
Byung-Chul Han e o campo da Saúde: diálogos e contribuições

Rio de Janeiro

2023

Artur Junior Santos Cardoso

Byung-Chul Han e o campo da Saúde: diálogos e contribuições



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Rogerio Lopes Azize

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

C268 Cardoso, Artur Junior Santos

Byung-Chul Han e o campo da Saúde: diálogos e contribuições / Artur Junior Santos
Cardoso – 2023.
128 f.

Orientador: Prof. Dr. Rogerio Lopes Azize

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de
Medicina Social Hesio Cordeiro.

1. Saúde pública – Teses. 2. Han, Byung-Chul, 1959 – Teses. 3. Filosofia – Teses. 4.
Pesquisa qualitativa – Teses. I. Azize, Rogerio Lopes. II. Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro. III. Título.

CDU 614

Bibliotecária: Marianna Lopes Bezerra – CRB 7 6386

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Artur Junior Santos Cardoso

Byung-Chul Han e o campo da Saúde: diálogos e contribuições

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 16 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rogerio Lopes Azize (Orientador)
Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro – UERJ

Prof. Dr. André Luis de Oliveira Mendonça
Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro – UERJ

Prof. Dr. Lucas Nascimento Machado
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Para minha mãe deixo meu primeiro, mais importante e mais profundo agradecimento, por ter acreditado em mim, por ter me dado forças e incentivado não só a minha entrada neste programa de mestrado, mas também, a minha permanência. Nos dias difíceis, foi minha mãe que esteve do meu lado me apoiando de maneira incondicional. Nada disso seria possível sem os esforços gigantes dela.

Deixo aqui, agradecimentos ao meu pai também, que é um apoiador da minha carreira. Agradeço o fato dele se esforçar para me incentivar mesmo estando longe e por compreender os esforços que fiz e ainda preciso fazer por causa dos meus estudos.

Sou muito grato também ao meu querido professor e orientador Rogerio Azize. Desde nossa primeira conversa, nos primeiros meses de 2021, que ele dedica uma atenção impar ao meu percurso no mestrado. Sempre muito atencioso em nossas conversas, sincero em suas correções e solícito a ajudar da melhor forma. Nunca esquecerei as palavras que ouvi do professor Rogerio em um momento onde eu me encontrava perdido e sem perspectivas no mestrado. Sem ele, essa dissertação não seria possível.

Sem os professores André Luis e Lucas Machado, essa dissertação também não teria tomado a direção que tomou. Ambos os professores leram este trabalho com muito carinho e deram contribuições importantíssimas, que foram de grande valor. Aos dois, meu muito obrigado.

Agradeço também, de forma muito especial, alguns professores e professoras que tive em minha graduação e que mudaram minha vida e minha trajetória dentro do universo acadêmico e da saúde quando acreditaram em meu potencial e me incentivaram. Se eu entrei no mestrado e escrevi essa dissertação é, em parte, pela força que recebi de todos e todas. Obrigado aos professores Carlos, Leo, Rodolfo, Sergio e Victor, e obrigado às professoras Claudia Santana, Claudia Vaz, Daisy e Maira.

A graduação em psicologia também me deu grandes amigos e amigas. Essas pessoas me incentivaram bastante a entrar no mestrado e estiveram ao meu lado, acompanhando os momentos bons e ruins dos últimos anos. Obrigado Bruna, Clara, Davi, Jaque, Lucas, Natália e Tayná.

Amigos e amigas que a vida me deu, antes e durante o mestrado, e que sempre estiveram comigo, também merecem menção. Deixo meus agradecimentos aqui a Bia, Bruce, Eric,

Fernanda, Jennyfer, Jhuly, Luis, Manoel, Rayane, Rayssa, Ruan, Rute e Victoria. Obrigado pela amizade.

E por último, mas não menos importante, agradeço a minha base forte: minha família. Me orgulho por ter um avô e duas avós, tios e tias, e primos e primas que comemoram minhas vitórias e se entristecem com minhas derrotas. São pessoas que me dão carinho e amor, acreditam que posso chegar longe e me incentivam sempre que podem. Deixo um obrigado cheio de amor ao meu avô José e às minhas avós Ceci e Maria; aos meus tios Ivan Jurandir, Neto, Nildon, Ricardo, Sivaldo e, especialmente, Mendes – meu herói; às minhas tias Fátima, Iris, Sandra, Silvania, Silva e Socorro; aos meus primos José Neto, José Nildon e, especialmente, Raphael, que é como se fosse um irmão; e às minhas primas, Bruna, Thais e, especialmente, Camilla, uma companheira de todas as horas, o brilho da minha vida. A todos e todas, obrigado por tanto amor e companheirismo. Obrigado por serem referência em minha trajetória. Nunca vou conseguir devolver tudo que vocês fizeram e ainda fazem por mim.

Obrigado!

RESUMO

CARDOSO, Artur Junior Santos. *Byung-Chul Han e o Campo da Saúde: diálogos e contribuições*. 2023. 128 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabalho tem como objetivo analisar como a obra de Byung-Chul Han vem sendo apropriada pelo campo da Saúde no Brasil, especialmente pelo campo da Saúde Coletiva. São discussões científicas e acadêmicas com temas importantes para a Saúde Coletiva e que estão sendo publicadas pelo campo ou fora dele que são investigadas nesta dissertação. Aqui procuramos saber em quais temas em saúde o pensamento do filósofo sul-coreano tem sido solicitado, quais conceitos do autor estão sendo utilizados e quais livros de Han estão sendo lidos. Para tanto, esta dissertação está dividida em duas partes: a primeira, presente no capítulo 1, tem como principal preocupação apresentar Byung-Chul Han. Assim, o texto passa por sua trajetória, sua popularidade no Brasil e no mundo, livros publicados, conceitos e temas presentes em sua obra, intelectuais e ideias com as quais o filósofo dialoga e algumas insinuações acerca de temas que aproximam o autor com o campo da Saúde Coletiva. A segunda parte expõe um levantamento bibliográfico realizado em portais e plataformas na *internet* em busca de artigos com temas que integram o campo da Saúde Coletiva e que fazem algum uso da filosofia de Han, para poder analisar de que forma os livros e conceitos deste autor estão sendo absorvidos em discussões sobre saúde, no Brasil. Após a exposição e análise do material levantado, este trabalho chega na conclusão de que, muito embora haja aproximações entre a filosofia de Han e o campo da Saúde Coletiva e uma produção profícua de artigos sobre questões relacionadas ao campo que fazem algum tipo de uso do pensamento do autor, essas discussões ainda não alcançaram os periódicos exclusivos da Saúde Coletiva no Brasil. Este trabalho se encerra com propostas de contribuições para alguns temas aproximam o pensamento de Han e o campo da Saúde Coletiva. Tendo em vista que esta dissertação envolve busca, exposição e análise de um determinado conjunto específico de material, que não se restringe apenas a artigos publicados em periódicos científicos, mas também dos próprios livros e conceitos nucleares da filosofia de Byung-Chul Han, é possível considerar que esta pesquisa se caracteriza como uma revisão de literatura com um caráter narrativo.

Palavras-chave: Byung-Chul Han. Saúde Coletiva. Filosofia. Diálogos.

ABSTRACT

CARDOSO, Artur Junior Santos. *Byung-Chul Han and the Field of Health: dialogues and contributions*. 2023. 128 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This work aims to analyze how the work of Byung-Chul Han has been appropriated by the field of Health in Brazil, especially by the field of Collective Health. These are scientific and academic discussions with important themes for Collective Health and that are being published by the field or outside it that are investigated in this dissertation. Here we seek to find out in which health topics the South Korean philosopher's thought has been solicited, which of the author's concepts are being used, and which of Han's books are being read. To this end, this dissertation is divided into two parts: the first, present in chapter 1, is mainly concerned with introducing Byung-Chul Han. Thus, the text goes through his trajectory, his popularity in Brazil and in the world, published books, concepts and themes present in his work, intellectuals and ideas with which the philosopher dialogues, and some insinuations about themes that bring the author closer to the field of Collective Health. The second part exposes a bibliographical survey carried out in Internet portals and platforms in search of articles with themes that integrate the field of Collective Health and that make some use of Han's philosophy, in order to analyze how this author's books and concepts are being absorbed in discussions about health in Brazil. After the exhibition and analysis of the material surveyed, this paper comes to the conclusion that, although there is an approximation between Han's philosophy and the field of Collective Health and a fruitful production of articles on issues related to the field that make some use of the author's thought, these discussions have not yet reached the exclusive periodicals of Collective Health in Brazil. This work ends with proposals of contributions to some themes that bring Han's thought and the field of Collective Health closer together. Considering that this dissertation involves searching, exposing and analyzing a specific set of material, which is not restricted only to articles published in scientific journals, but also the very books and core concepts of Byung-Chul Han's philosophy, it is possible to consider that this research is characterized as a literature review with a narrative character.

Keywords: Byung-Chul Han. Collective Health. Philosophy. Dialogues.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Categorias em que os artigos foram distribuídos.....	66
Gráfico 2 –	Áreas de conhecimento dos periódicos em que os artigos foram publicados.....	68
Gráfico 3 –	Livros de Byung-Chul Han utilizados nos artigos selecionados.....	70
Gráfico 4 –	Distribuição dos anos em que os artigos selecionados foram publicados.....	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Artigos selecionados.....	64
------------	---------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
DSM	<i>Diagnostic and Statistical Manual</i> (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais)
GEPEB	Grupo de Estudos e Pesquisas em Byung-Chul Han
NIMH	<i>National Institute of Mental Health</i> (Instituto Nacional de Saúde Mental)
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPGSC	Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O EFEITO HAN: OS PRINCIPAIS LIVROS E CONCEITOS DO FILÓSOFO QUE “SE TORNOU VIRAL”	17
1.1 A Degradação Humana Pelas Vias do Desempenho e da Positividade	23
1.2 Os Novos Contornos Adquiridos Pela Violência na Sociedade do Cansaço	31
1.3 A Entrada da Esfera Psíquica no Cálculo Político do Poder Neoliberal	39
1.4 Felicidade, Saúde e Sobrevivência: a batalha do sujeito de desempenho contra o sofrimento	50
2 HAN E A PRODUÇÃO ACADÊMICA EM SAÚDE NO BRASIL	61
2.1 Metodologia de Busca, Resultados e os Dados Obtidos	62
2.2 Análise Qualitativa dos Resultados: a filosofia de Han em diálogo com temas em Saúde no Brasil	71
2.2.1 <u>A pandemia da Covid-19: a gestão do Governo Federal e os impactos pandêmicos e infodêmicos na vida do sujeito na sociedade do cansaço</u>	71
2.2.2 <u>O processo de positivação da violência e sua manifestação nos ambientes virtuais</u>	87
2.2.3 <u>A subjetivação através do mundo do trabalho: a racionalidade econômica que atravessa o sujeito de desempenho</u>	93
2.2.4 <u>Os interesses farmacêuticos, neoliberais e psiquiátricos sobre o campo da Saúde Mental e como o sofrimento é percebido e utilizado na contemporaneidade</u>	107
CONCLUSÃO	119
REFERÊNCIAS	124

INTRODUÇÃO

Desde que saí da cidade de Duque de Caxias e me mudei para a cidade de Petrópolis, ambas no Estado do Rio de Janeiro, em 2016, eu desenvolvi o hábito de frequentar livrarias. Pelo menos até 2021 – meu último ano na cidade – eram três livrarias no centro de Petrópolis: duas pertencentes à Editora Vozes, sediada na cidade, e uma franquia da Livraria Nobel. Isso sem contar os diversos sebos espalhados no centro e fora do centro de Petrópolis. Para mim, um graduando em psicologia na época, era inevitável frequentar esses ambientes para comprar livros específicos ou mesmo apenas para olhar as novidades.

Em algum momento de 2018, enquanto eu visitava de maneira despreziosa uma das livrarias da Editora Vozes, me deparei com três livros que me chamaram a atenção, por alguns motivos. O primeiro deles foi seu tamanho e padronização, pois eram livros de bolso e relativamente curtos, com capas que tinham um *design* gráfico semelhante, o que lembrava alguma série – só se diferenciavam pelas cores. Um segundo aspecto diz respeito aos títulos dos livros, que indicavam falar sobre temáticas atuais e interessantes: o roxo se chamava *Sociedade do Cansaço*, o laranja *Sociedade da Transparência* e o vermelho escuro era identificado como *Topologia da Violência*. O terceiro motivo, e que talvez tenha sido o mais marcante, foi o nome do autor desses livros: Byung-Chul Han, o que indicava uma origem oriental, menos comum naquelas prateleiras.

Em 2018, enquanto eu fazia aquela visita em uma das livrarias da Editora Vozes, eu não fazia ideia de quem era Han, além de ser a primeira vez que entrava em contato com seus livros. Contudo, por causa dos motivos já citados, fiquei bastante curioso. Coloquei seu nome no *Google* e fui pesquisar quem era e, para minha surpresa, parecia que Byung-Chul Han só não era conhecido por mim.

A pesquisa rápida que fiz no *Google* com o nome do autor naquele dia já mostrou matérias e artigos sobre Han em portais importantes de comunicação aqui no Brasil como o *El País*, CNN e *VejaRio*, além de terem aparecido vídeos no *YouTube* que falavam sobre o filósofo. Em uma das matérias que vasculhei – e que será melhor explorada no capítulo 1 –, Byung-Chul Han é apontado como um “filósofo que se tornou viral” (GALINDO, 2018), o que indicava que eu estava diante de livros que foram escritos por alguém, já agora, muito popular.

Descobri ainda com minha rápida pesquisa que Han é sul-coreano, mas vive na Alemanha, onde se graduou e se doutorou em filosofia e dá aulas hoje. Descobri também que

Han é autor de verdadeiros *best-sellers* pelo mundo e, principalmente, na Alemanha, onde reside. Quase todo *site* pesquisado naquele dia indicava a *Sociedade do Cansaço*¹ como o livro de maior destaque na obra do autor – justamente o livrinho roxo que estava em minhas mãos. Naquele momento eu já tinha lido o suficiente no *Google* e estava convencido a comprar. Na dúvida entre qual livro levaria para casa, adquiri os três títulos; naquele momento, começava minha relação com a filosofia de Byung-Chul Han.

Quando cheguei em casa escolhi *Topologia da Violência* para iniciar a leitura. Como poucas vezes tinha acontecido em minha vida, a identificação com o pensamento do autor foi instantânea, fazia muito sentido para mim tudo que eu lia naquele livro. Os argumentos usados por Han, somado à forma como o filósofo sul-coreano se expressa em seus escritos foram fazendo eu entender o motivo pelo qual o *El País* afirmava que Han “era um filósofo que tinha se tornado viral” (GALINDO, 2018).

Devido a esse entusiasmo todo, não é difícil imaginar a velocidade com a qual eu li o livro. Na mesma semana estava eu na faculdade, entre uma aula e outra, falando de Byung-Chul Han e do livro *Topologia da Violência* para meus pares. Consegui convencer um amigo e uma amiga da graduação em psicologia a lerem o autor, que logo compartilharam do meu entusiasmo. A partir daí, éramos três na faculdade conversando sobre o autor, seu pensamento, seus argumentos, além de, é claro, compartilharmos uns com os outros as experiências de cada novo livro lido de Han.

Seguimos nessa empolgação pelo resto de 2018 e início de 2019, até que resolvemos sistematizar nossas conversas, discussões e leituras sobre Byung-Chul Han. Para tanto, criamos o Grupo de Estudos e Pesquisas em Byung-Chul Han (GEPEB). O grupo nunca teve nenhuma vinculação institucional e nasceu da nossa percepção de que as conversas que tínhamos estavam produzindo resultados interessantes, por isso havia a necessidade de nos organizarmos melhor e não perder nenhuma conclusão obtida a partir de nossas leituras e conversas.

Nos organizamos então para que nossos encontros acontecessem quinzenalmente. Assim foi em 2019 de forma presencial e em 2020 de forma remota devido à pandemia. Ao longo dos quinze dias entre um encontro e outro, nós, do GEPEB, líamos os mesmos capítulos de algum livro de Han e um de nós ficava responsável por iniciar a discussão no dia do encontro; essa pessoa também precisava escrever um pequeno texto sobre qualquer tipo de reflexão que lhe ocorresse a partir da leitura da quinzena. Esses textos eram produzidos e guardados de maneira despretensiosa, sem nenhum fim específico, pelo menos a princípio.

¹ Fato que se confirma nos dados apresentados no capítulo 1 e no levantamento bibliográfico presente no capítulo 2.

Em 2022, selecionamos alguns desses textos que estavam guardados, “costuramos” um tema central e o resultado foi um ensaio filosófico que acabou sendo publicado de forma independente como livro, que foi denominado como *O Neoliberalês: um ensaio filosófico sobre o idioma da sociedade do desempenho* (2022). Este livro, além de ser um desdobramento direto das pesquisas realizadas pelo GEPEB, conta com um prefácio assinado pelo Dr. Prof. Lucas Nascimento Machado, que é tradutor das obras de Byung-Chul Han no Brasil.

O livro foi uma conquista coletiva do GEPEB, mas, para além disso, o grupo contribuiu para algumas conquistas individuais minhas. Através das discussões e das produções do GEPEB, consegui me apropriar da filosofia de Han e desenvolver um arsenal teórico que foi fundamental em artigos científicos que escrevi ou ajudei a escrever, em eventos onde fui convidado para falar, em minicursos que pude organizar e ministrar e, claro, para o trabalho de conclusão de curso que precisei escrever para a graduação em psicologia. Foi através do grupo que eu e os demais colegas alinhamos aquilo que era abordado na filosofia de Han com as nossas próprias discussões em psicologia e em Saúde Mental.

A filosofia de Byung-Chul Han apresenta uma reflexão e preocupação com a forma como se dá o sofrimento do sujeito contemporâneo, muitas vezes depressivo, insone, ansioso, hiperativo e exausto. O filósofo sul-coreano busca compreender essas experiências à luz de como determinadas estruturas políticas, econômicas e sociais se relacionam com os indivíduos na sociedade. Uma parte considerável do projeto filosófico do autor é estruturado em análises acerca de como o poder e o capitalismo se organizam na contemporaneidade, além de como opera a política neste cenário.

Todas as discussões empreendidas por Han levam o autor a perceber a existência de uma racionalidade econômica que atravessa e estrutura a forma como o sujeito se relaciona com seu trabalho, seu descanso, com os ambientes virtuais e com sua saúde. As relações formadas por essa racionalidade econômica, contribuem para um processo de subjetivação que forja um novo sujeito, interpretado pelo filósofo sul-coreano como um *sujeito do desempenho*: uma figura que, em razão de uma alta produtividade e performance que precisa aparecer em todas as áreas de sua vida, se explora de maneira violenta, sem que haja necessidade de qualquer coerção externa, e essa conta é paga com sua saúde, sofrendo física e mentalmente.

A forma como Han interpreta os modos de subjetivação especialmente nas sociedades capitalistas fez muito sentido para mim quando eu era um graduando em psicologia; hoje, enquanto psicólogo formado, ela faz mais sentido ainda. Esse sujeito do desempenho, atravessado por uma racionalidade econômica que faz com que ele se explore de maneira intensa até o colapso físico e mental, é o indivíduo que chega nos consultórios terapêuticos

pedindo ajuda para lidar com a frustração, a depressão, o esgotamento, a ansiedade, a falta de sono, entre outras coisas.

Para além das análises que Han faz da sociedade e dos indivíduos, o filósofo sul-coreano dialoga com autores e autoras que nós, da psicologia, costumamos ler e estudar. É bastante comum nos livros de Han encontrar o autor abordando perspectivas de intelectuais como Michel Foucault, Martin Heidegger, Zygmunt Bauman, Alain Ehrenberg, Sigmund Freud, Karl Marx, Ivan Illich, entre outros. Por esses motivos, Han tem sido lido por mim e por cada vez mais profissionais da psicologia e da Saúde Mental, de uma maneira geral. Mas em outros campos, como o da Saúde Coletiva, por exemplo, será que o filósofo sul-coreano tem tido algum impacto?

Pergunto sobre esse campo específico porque foi nele que me inseri na pós-graduação. Eu nunca tive dúvidas de que quando eu fosse ingressar em um programa de mestrado, levaria meus estudos sobre Byung-Chul Han comigo, e fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) acabou se mostrando uma escolha adequada para que eu prosseguisse em meus estudos sobre o filósofo sul-coreano, já que se trata de um campo vasto, de caráter interdisciplinar.

Eu encontrei na Saúde Coletiva uma perspectiva crítica sobre o sujeito e a sociedade que, na minha opinião, dialoga com a filosofia de Byung-Chul Han. Dentre os pressupostos básicos da Saúde Coletiva, é possível citar o fato de que os determinantes sociais são levados em consideração em toda discussão sobre saúde e doença, seja como estado vital, seja como setor de produção composto por organizações e serviços, ou seja como área do saber. A Saúde Coletiva não tem pretensões de que seu processo de ensino e aprendizagem sejam neutros e ainda estimula que sua prática seja instrumento de mudança social. Vale destacar também que neste campo, nem saúde e nem doença são circunscritos dentro dos limites biológicos, unicamente. (VIEIRA-DA-SILVA, 2015; 2018).

Sobretudo o apelo aos determinantes sociais e o olhar não apenas biológico sobre o processo saúde-doença colocam a Saúde Coletiva e a filosofia de Byung-Chul Han em uma posição de possível diálogo. Isso fica mais evidente quando se percebe que temas discutidos pela Saúde Coletiva, como biopolítica, neoliberalismo, saúde, medicalização, vida e morte, biotecnologias, dispositivo médico, drogas psiquiátricas e saúde mental, atravessam de forma considerável o projeto filosófico de Han que dialoga com autores com ampla circulação nesta área, como Pierre Bourdieu, Giorgio Agamben, além do já citado Michel Foucault.

A percepção de um possível diálogo entre autor e campo despertou em mim a ideia de que, talvez, a interseção entre o pensamento filosófico de Han e a Saúde Coletiva pudesse gerar

contribuições importantes. Dessa forma, investigar possíveis trânsitos entre autor e campo, mirando a forma como se lança mão do acervo conceitual de Han nesse campo nos parece pertinente e plenamente justificável. É diante disso que justifica questionar: como o campo da Saúde, em seus diversos âmbitos, mas especialmente da Saúde Coletiva, vem se apropriando do aparato conceitual de Byung-Chul Han? Feito este levantamento, quais outras direções podemos indicar para este diálogo? É para essa pergunta de pesquisa que esta dissertação busca respostas.

O objetivo geral deste trabalho de mestrado é analisar como a obra de Byung-Chul Han vem sendo apropriada pelo campo da Saúde no Brasil, especialmente pelo campo da Saúde Coletiva. São discussões científicas e acadêmicas com temas importantes para a Saúde Coletiva e que estão sendo publicadas pelo campo ou fora dele que são investigadas nesta dissertação. Aqui procuramos saber em quais temas em saúde o pensamento do filósofo sul-coreano tem sido solicitado, quais conceitos do autor estão sendo utilizados e quais livros de Han estão sendo lidos.

Mas para que essa investigação tenha bases mais sólidas, entendemos que ela precisa ser precedida de uma apresentação sobre Byung-Chul Han, e é disso que se trata o capítulo 1. No primeiro capítulo é realizada uma exposição do pensamento do filósofo sul-coreano São apresentadas as ideias e conceitos fundamentais que estruturam o projeto filosófico desse “*astro da filosofia*”, como diz Navarro (2018). Por toda a dificuldade de se abordar a obra inteira de Han, que é bastante extensa, optamos por apresentá-lo através de uma leitura de quatro livros específicos: *Sociedade do Cansaço* (2017c), *Topologia da Violência* (2017d), *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas do poder* (2018) e *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021).

Nossa escolha por esse recorte de livros se deu pelo entendimento de que eles se conectam de certa maneira e de que neles as principais ideias e contribuições do filósofo sul-coreano não só se fazem presentes como aparecem de maneira mais aprofundada. Uma leitura desses quatro livros possibilita saber quais são os temas fundamentais da filosofia de Han e por quais perspectivas ele os aborda. Claro que outros livros do autor são mencionados ao longo desta dissertação, mas as discussões abordadas nesses livros de Han colocam o leitor e a leitora a par das principais inquietações e conclusões do autor sobre a sociedade contemporânea².

Com isso, avanço para o segundo capítulo, onde há uma investigação acerca da forma como a pesquisa brasileira tem se apropriado projeto filosófico de Han em artigos que abordem discussões que integram o campo da Saúde Coletiva, de quais elementos de sua filosofia estão

² Os limites deste termo, tal como são interpretados pelo próprio Han, serão discutidos mais adiante.

sendo utilizados e dos diálogos e contribuições que estão surgindo entre autor e campo. Este segundo capítulo apresenta levantamento bibliográfico realizado em algumas plataformas digitais, com o auxílio de palavras-chave e descritores específicos, a fim de encontrar artigos científicos que abordem questões relacionadas à saúde de uma maneira geral e que ao mesmo tempo referenciem o filósofo sul-coreano. Os artigos selecionados dialogam com questões voltadas para o campo da Saúde, porém, muitos deles foram publicados pelas revistas de outros campos. A metodologia será abordada com mais detalhes no segundo capítulo.

A primeira parte do segundo capítulo apresenta dados de caráter quantitativos. Além de uma tabela que indica os sites onde as buscas ocorreram, as combinações de palavras-chaves utilizadas e quais/quantos artigos foram selecionados, há também gráficos que servem para demonstrar quais assuntos mais aparecem nestes artigos, as áreas de conhecimento dos periódicos onde eles foram publicados, em quais anos e os livros e textos de Byung-Chul Han que foram utilizados como referência.

Na segunda parte deste capítulo 2, consta uma análise de caráter qualitativo dos textos selecionados. Nesta parte os artigos são abordados individualmente, sempre tendo como destaque o nome do texto, periódico e ano em que foi publicado, principais discussões levantadas pelo artigo e a forma como a filosofia de Han é acionada para complementar a discussão do artigo. Os artigos encontrados pelo levantamento bibliográfico são distribuídos por cinco categorias: Pandemia da Covid-19, Violência, Contextos de Trabalho e Subjetividade e Saúde Mental; aspectos diversos dessas categorias são exploradas pelos diversos artigos que as compõem.

O segundo capítulo termina com um fechamento que apresenta as nossas considerações sobre o que foi observado e concluído a partir do que foi exposto em todo o capítulo.

Tendo em vista que esta dissertação envolve busca, exposição e análise de um determinado conjunto específico de material – que não se restringe apenas a artigos publicados em periódicos científicos, mas também dos próprios livros e conceitos nucleares da filosofia de Byung-Chul Han – com o objetivo de trazer esclarecimento acerca de uma questão colocada aqui, é possível considerar que esta pesquisa se caracteriza como uma revisão de literatura.

A revisão de literatura realizada nesta dissertação apresenta um caráter narrativo, já que a exposição e análise dos dados contidas aqui não segue critérios tão sistemáticos. O levantamento bibliográfico realizado não esgotou todas as fontes de informação e a apresentação de ideias, diálogos e articulações desenvolvidos nesta pesquisa é atravessada pelos nossos olhares e interpretações.

1 O EFEITO HAN: OS PRINCIPAIS LIVROS E CONCEITOS DO FILÓSOFO QUE “SE TORNOU VIRAL”

Em 2018, o site *El País* publicou duas matérias sobre Byung-Chul Han. A primeira delas, publicada no dia 12 de fevereiro de 2018, escrita pelo jornalista Jaime Rubio Hancock e denominada como *Nós somos o “Big Brother”*: o que Byung-Chul Han escreve sobre as redes sociais, apresentou um fluxo de acessos impressionante: foram “mais de meio milhão de usuários únicos nos dois primeiros dias e foi o conteúdo mais visto do site durante mais de 30 horas”. Para além disso, a versão em português dessa matéria “se transformou na [...] mais lida do jornal em toda a América Latina” (GALINDO, 2018).

Quem apresenta esses dados é outro jornalista, também do *El País*, que, impressionado com os números da matéria de Hancock, também resolve falar sobre Han. Assim, no dia 14 de fevereiro de 2018, dois dias depois da primeira matéria, o jornal *online* publica um segundo texto, dessa vez escrito por Juan Carlos Galindo, denominado *Byung-Chul Han, o filósofo coreano que ataca as redes e se tornou viral*. Nessa matéria, Galindo (2018) não se poupa de atribuir ao filósofo sul-coreano um certo *status* de sucesso.

Na matéria de Galindo (2018), são buscadas razões que possam justificar o motivo pelo qual Han tenha se tornado viral. Com a ajuda de acadêmicos e acadêmicas, a matéria chega em quatro aspectos essenciais que poderiam justificar o sucesso do filósofo sul-coreano: 1) o formato curto dos ensaios filosóficos de Han, que parece não se preocupar mesmo em escrever obras muito extensas; 2) a linguagem de seus textos, que é bastante atrativa e clara, ao invés de ser muito densa como comumente se espera de obras filosóficas; 3) a confiança que seus textos passam; 4) e a experiência que o autor parece ter sobre aquilo que ele escreve.

Já em 2020, o site da Veja Rio também resolveu falar sobre o filósofo sul-coreano. Elizabeth Carneiro, autora da matéria, nomeou seu texto da seguinte forma: *Byung-Chul Han: você ainda vai ouvir falar dele*. Nessa matéria, Carneiro (2020) coloca Han em um grupo seletivo de pensadores contemporâneos que transcenderam as estantes das livrarias e os debates acadêmicos. Nesse grupo estão o filósofo suíço Alain de Botton, o sociólogo italiano Domenico Masi, o historiador israelense Yuval Noah Harari e o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) – todos pensadores importantes e muito populares.

Bauman e Harari são autores de *best-sellers*. O israelense se popularizou através de *Sapiens: uma breve história da humanidade* (2018), uma obra do campo da história que narra de forma didática a trajetória do *homo sapiens* e que alcançou um público amplo ao redor do

mundo, tendo inspirado, inclusive, uma peça teatral aqui no Brasil, chamada de *Ficções*, estrelada pela atriz Vera Holtz (RODRIGUES, 2022). O polonês, por sua vez, se destacou pela teoria da liquidez, que afirma que as estruturas sociais que sustentam nossa vida em sociedade se transformam de maneira intensa, acelerada e desordenada, se desmancham e fluem como as substâncias líquidas. Bauman também tem seu *best-seller: Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), além de ter seu rosto ou teoria expostos em locais diferentes da *internet*, como páginas de humor, por exemplo, que brincam de formas diferentes com a ideia de que vivemos em tempos líquidos.

Botton por sua vez, tem contribuído de forma intensa para a popularização da filosofia, tornando-a, através de seus livros, uma importante ferramenta da vida cotidiana. Masi cunhou o conceito de *ócio criativo*, que acabou se tornando mais famoso que o próprio autor.

Fato é que todos esses intelectuais conseguiram se comunicar com o público amplo sem perder a densidade de suas ideias. Colocar Han nesse grupo seletivo mostra a popularidade que o filósofo tem adquirido nos últimos anos e o quanto suas ideias têm chamado a atenção do público geral, e não apenas daquela pequena parcela que está inserida em ambientes acadêmicos³.

Não é para menos. Além de ser citado em grandes portais de notícia, como o *El País* e a CNN⁴, os livros de Byung-Chul Han são verdadeiros *Best-Sellers* na Alemanha, e são tratados com enorme prestígio por lá. Esse fato tem colocado Han na lista dos filósofos vivos mais importantes do país, ao lado de nomes como Jürgen Habermas, Peter Sloterdijk e Richard David Precht (ARROYO, 2014).

Esses fatores indicam que a escolha de Han, de trocar a metalurgia pela filosofia, foi muito acertada. Quando era jovem, ainda em Seoul, na Coreia do Sul, Han estudou metalurgia na Universidade da Coreia, mas chegou ao final de seus estudos se sentindo um idiota, como o próprio afirma em uma entrevista dada a Arroyo – jornalista do site *El País* – em 2014. De acordo com Han, ele sempre teve interesse em estudar literatura, algo que seus pais não permitiam, o que o obrigou a mentir: mesmo sabendo pouco de alemão, Han se mudou para a

³ É importante dizer que apesar desses autores citados estarem na mesma categoria dado a popularidade de ambos, eles não se enquadram no mesmo registro literário. Han é um ensaísta e seu material é diferente de uma obra de divulgação científica como a de outros autores, e também se distancia do “flerte” com auto-ajuda encontrado em textos de Masi.

⁴ CNN. *Byung-Chul Han analiza la pandemia: “Sobrevivir se convertirá en algo absoluto, como un estado de guerra permanente”*. 2020. Publicada por CNN Chile. Disponível em: https://www.cnnchile.com/coronavirus/analisis-byung-chul-han-covid-19-estado-de-guerra_20200518/. Acesso em: 21 fev. 2022.

Alemanha com a justificativa de continuar seus estudos em metalurgia, mas o que foi estudar de fato foi a literatura alemã.

Sua dificuldade em ler na velocidade que o curso exigia o fez trocar a literatura pela filosofia, mesmo não conhecendo muito da área. De acordo com Han, estudar filosofia parecia interessante porque “*Para estudar a Hegel la velocidad no es importante. Basta con poder leer una página por día*”⁵ (HAN, 2014 apud ARROYO, 2014).

Entretanto, trocar a literatura pela filosofia não fez com que o sul-coreano desistisse da primeira. Ele se formou em literatura e teologia alemã pela Universidade de Munique e em filosofia pela Universidade de Friburgo, lugar onde também se doutorou em 1994 com uma tese sobre Martin Heidegger. Após receber sua titulação, já se lançou como professor universitário na Universidade de Basileia (ARROYO, 2014). Em 2010, Han se tornou membro da faculdade *Staatliche Hochschule für Gestaltung Karlsruhe*, tendo a filosofia dos séculos XVIII, XIX e XX, a ética, a filosofia social, a fenomenologia, a antropologia cultural, a estética, a religião, a teoria da mídia e a filosofia intercultural como principais áreas de interesse (HFG KARLSRUHE, 2020).

Atualmente, Han leciona filosofia e estudos culturais na Universidade de Artes de Berlim⁶, além de escrever e lançar diversos livros que abordam aspectos diferentes de nossa sociedade, sempre estabelecendo relações entre o que ele chama de *paisagem patológica*⁷ contemporânea, a globalização e os modos de subjetivação e intersubjetivação que atravessam ou dialogam com a complexa paisagem do que se convencionou chamar *neoliberalismo*.

Apesar de toda a popularidade de Byung-Chul Han, é bastante difícil encontrar dados biográficos que vão além destes que foram apresentados aqui. Sabe-se que ele nasceu em 1959, mas a data específica, por algum motivo, não é divulgada. As entrevistas que o autor dá são poucas e ele não aparece muito em lugares que não sejam nas salas de aula onde leciona. Em uma de suas raras entrevistas, dessa vez concedida ao *site* espanhol *Ocio y Cultura* em 2018 – nessa matéria, denominada como *Menos darle al 'like' y más coger el azadón*⁸, Han é identificado, inclusive, como um “astro da filosofia” –, Han revela que não tem *smartphone*, não costuma fazer turismo em nenhum lugar dentro e fora da Alemanha e escuta músicas de forma analógica (NAVARRO, 2018).

⁵ “Para estudar Hegel, a velocidade não é importante. Basta ler uma página por dia” (tradução nossa).

⁶ Informação encontrada nas orelhas dos livros, antigos e novos, do autor lançados pela Editora Vozes.

⁷ Esse e outros conceitos centrais serão abordados mais a frente neste capítulo.

⁸ Algo como “Dando menos *like* e pegando mais na enxada” (tradução nossa).

Independentemente de gostar do autor ou não, de concordar com ele ou não, é fato que Galindo (2018) acerta em dizer que Byung-Chul Han se tornou viral, uma grande ambiguidade na verdade, tendo em vista que a popularidade do sul-coreano vem das redes sociais⁹, um meio que é bastante problematizado por ele.

Aqui no Brasil parece haver uma espécie de *Efeito Han*: cada vez mais livros do autor são traduzidos para o português e publicados em nosso país, em uma tentativa de atender – e de se aproveitar de – uma demanda que só cresce pelo “filósofo que se tornou viral”. Ao todo, em nosso país, Han soma 21 livros publicados¹⁰, sendo 20 pela Editora Vozes, que parece deter boa parte dos direitos de publicação do autor por aqui, e 1 lançado pela Editora Âyiné.

As discussões abordadas por Han em seus livros estão espalhadas por muitos lugares da *internet*: desde publicações em perfis acadêmicos e mais especializados que buscam explorar os conceitos do autor, até os chamados memes; com uma simples pesquisa no *YouTube* usando o nome do filósofo, surgem diversos vídeos que se propõem a explicar livros e conceitos de Han. Como será visto no capítulo 2, muitos periódicos científicos aqui no Brasil, de várias áreas diferentes e não somente da filosofia, também estão publicando textos onde o autor é citado, muitas vezes, com certo protagonismo, o que mostra como os pesquisadores e pesquisadoras por todo o país estão se apropriando das discussões do filósofo. Isso sem ignorar os dados apresentados por Galindo (2018) e que já mostramos aqui, de que a versão em português de uma matéria sobre Han publicada no *EL País* em 2018, se tornou a mais lida do jornal na América Latina.

No momento em que escrevo esta dissertação¹¹, *Sociedade do Cansaço* (2017c) ocupa a posição 49 no *ranking* de livros mais vendidos no Brasil pelo *site Amazon*, a segunda posição na categoria de livros sobre Filosofia Política e Ciências Sociais e a sexta posição em duas outras categorias: uma sobre Psicologia e Aconselhamento Saúde e Família, e a outra sobre *New Age* Religião e Espiritualidade. No *site* Estante Virtual, no *ranking* de livros de não-ficção

⁹ A perspectiva de Han sobre as redes sociais e a *internet* de uma maneira geral, será exposta mais a frente neste capítulo.

¹⁰ *Não Coisas: reviravoltas do mundo da vida* (2022), *Hegel e o Poder: um ensaio sobre a amabilidade* (2022), *Infocracia: digitalização e a crise da democracia* (2022), *A Expulsão do Outro: sociedade, percepção e comunicação hoje* (2022), *Louvor à Terra: uma viagem no jardim* (2022), *Capitalismo e Impulso de Morte: ensaios e entrevistas* (2021), *Favor Fechar os Olhos: em busca de um outro tempo* (2021), *O Desaparecimento dos Rituais: uma topologia do presente* (2021), *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021), *Filosofia do Zen-Budismo* (2020), *Morte e Alteridade* (2020), *A Salvação do Belo* (2019), *Bom Entretenimento* (2019), *Hiperculturalidade: cultura e globalização* (2019), *O Que é Poder?* (2019), *No Enxame: perspectivas do digital* (2018), *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), *Agonia do Eros* (2017), *Topologia da Violência* (2017), *Sociedade da Transparência* (2016), *Sociedade do Cansaço* (2015).

¹¹ 26 de maio de 2022, as 14h45.

mais vendidos de 2020 até o presente momento, *Sociedade do Cansaço* (2017c) ocupa a quarta posição¹². Em um artigo escrito por Eduardo Cunha em 2022 e publicado pelo *site Publish News*, o mesmo livro surge como o nono na categoria de não-ficção mais vendido do Brasil em 2021.

A quantidade de livros publicados no Brasil – e o número segue aumentando –, toda a rede de perfis em redes sociais e plataformas de *streaming* que separam momentos para falar de conceitos e livros do autor, os artigos científicos nos quais Han é citado, todas as matérias de jornais e portais de notícia que falam do filósofo sul-coreano e sempre apontando para ele uma popularidade, importância e prestígio em seu trabalho, tudo isso somado aos números de venda que *Sociedade do Cansaço* (2017c) apresenta, indicam que Han é um sim um fenômeno em nosso país, e não dá para não levá-lo em consideração, ainda que seja para discordar de seus pensamentos.

Quem já parou para ler algum ou alguns livros do autor, dificilmente discorda de todas as quatro razões apontadas por Galindo (2018) como forma de justificar o sucesso de Han. É um fato que Han escreve de forma sucinta. Algumas de suas obras mais extensas, como *Morte e Alteridade* (2020) e *Topologia da Violência* (2017d), por exemplo, se comparam a livros de extensão média/curta para os padrões de outros autores, como os já citados Bauman e Habermas. Além de curtos, seus livros são publicados em versões de bolso, com capas e tamanhos padronizados, sendo diferenciados apenas pelas cores escolhidas para as capas de cada livro, compostas sempre por: uma cor sólida, o nome da obra e o nome do autor. Nunca há desenhos, fotos ou gravuras nas capas. Quando juntos, os livros de Han lembram volumes de uma só coleção, devido à sua padronização¹³.

O filósofo sul-coreano tem uma estética de escrita muito particular: dificilmente encontra-se uma introdução em livros de Han, já que o autor prefere começar seus textos já nas discussões centrais dos temas propostos. Han também não tem por hábito explicar conceitos, nem dele e nem dos autores mencionados, o que exige por parte quem lê um conhecimento mínimo, do que está sendo apresentado. Nesse ponto, talvez seja possível discordar de Galindo (2018) que aponta a *linguagem simples e atrativa* utilizada pelo filósofo sul-coreano como uma das razões que tornam seus livros tão populares. É possível encontrar quem considere a linguagem que ele utiliza bastante acessível e até simplória para um livro de filosofia, enquanto

¹² ESTANTE VIRTUAL. *Os livros mais vendidos de 2020 até hoje*, 2022. Publicada por Estante Virtual. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/conteudo/livros-mais-vendidos>. Acesso em: 26 mai. 2022.

¹³ Esta descrição se restringe exclusivamente nos livros de Han que são publicados pela Editora Vozes aqui no Brasil.

outras pessoas podem achar que, apesar de curtos, os textos de Han são bastante complexos – tudo depende do quanto as pessoas que o leem estão familiarizadas com a perspectiva do filósofo sul-coreano.

A verdade é que Han é um ensaísta convicto e fiel a esse estilo de escrita. Ele não parece preocupado em seguir padrões acadêmicos rígidos em seus textos, já que começa e encerra suas discussões por onde deseja. O autor também não costuma separar uma seção em seus livros para colocar apenas as referências bibliográficas, pois prefere referenciar em notas de rodapé. Esse é um padrão que se repete pelos livros de Han. Antes mesmo de abrir um livro do filósofo sul-coreano e se deparar com seu estilo de escrita, seus livros já atraem por serem curtos, pequenos – o que os tornam atrativos por caberem em quase qualquer lugar – e apresentarem uma estética bonita.

Mas, afinal, do que fala Byung-Chul Han? O que há de peculiar em sua forma de fazer filosofia que tem chamado tanta atenção, não só no Brasil, mas em vários lugares do mundo? Pretendo oferecer uma resposta possível a esta pergunta ao longo deste capítulo. Aqui, vamos apresentar algumas ideias e conceitos fundamentais para a compreensão do projeto filosófico desse “astro da filosofia”, como diz Navarro (2018). Escolhemos fazer isso através de uma leitura de livros específicos, a saber, *Sociedade do Cansaço* (2017c), *Topologia da Violência* (2017d), *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas do poder* (2018) e *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021). Selecionamos essa seção de livros com base na compreensão de que a leitura deles fornece uma ideia geral das temáticas nas quais o filósofo sul-coreano se dedica e como elas são abordadas em sua obra

Apesar da quantidade enorme de livros publicados e de todo esse alvoroço em torno da obra do autor, Han ainda é muito conhecido por *Sociedade do Cansaço* (2017c), primeiro livro do autor a chegar às livrarias brasileiras. Como será mostrado no capítulo 2, esse livro foi o mais utilizado como referência nos artigos que encontramos e que serão discutidos e analisados por lá - motivo pelo qual partiremos de *Sociedade do Cansaço* (2017c) para apresentar conceitos e ideias do filósofo sul-coreano.

1.1 A Degradação Humana Pelas Vias do Desempenho e da Positividade

Sociedade do Cansaço (2017c) é um marco na vida e trajetória acadêmica de Byung-Chul Han. É o livro que o colocou no radar da filosofia global. Embora ele já tivesse escrito

outros livros antes, foi por causa deste que ele se tornou conhecido e é por meio desse livro ainda hoje que muitas pessoas chegam até o filósofo sul-coreano, mesmo com tantos outros livros e ensaios publicados

Sociedade do Cansaço (2017c) descreve de que maneira Han observa e interpreta a realidade social que está em seu campo de visão¹⁴. É nesse livro que o autor apresenta aquele que seria seu conceito mais famoso, a saber, o da *sociedade do desempenho*. Defende Han (2017c) que, se há uma sociedade cuja marca maior é o cansaço, seja em quantidade e/ou intensidade, é porque há mais cobranças por desempenho e por produtividade; isso vai além das relações de trabalho e alcança a totalidade da vida das pessoas, que agora acreditam ser necessário ter um bom desempenho em qualquer hora e lugar, inclusive nos momentos de folga, de descanso e de lazer¹⁵.

A ideia de sociedade do desempenho, como proposta por Han (2017c), é muito diferente da ideia de *sociedade disciplinar*, discutida pelo filósofo francês Michel Foucault (2008; 1984), a começar pelo recorte histórico, já que o conceito do filósofo sul-coreano se refere ao modelo de sociedade do século XXI.

Na perspectiva do filósofo sul-coreano, a subjetividade se estrutura de formas diferentes em um contexto disciplinar e em um contexto de desempenho, já que esses modelos de sociedade se organizam em torno de verbos diferentes: enquanto a sociedade disciplinar é regida pelo verbo *dever*, a sociedade do desempenho se orienta pelo verbo *poder*; enquanto o sujeito da obediência é atravessado pelo *tu deves*, o que atravessa o sujeito do desempenho é o *tu podes*. Essa diferença entre dever e poder fala de diferentes regimes de subjetivação, na proposta de Han (2017c).

Essa sociedade disciplinar – que no pensamento do francês surge por volta do século XVIII, tendo seu ápice no século XX – era marcada por instituições normativas que existiam para disciplinar pessoas e produzir *sujeitos da obediência*: indivíduos manipuláveis que eram docilizados através do controle disciplinar. Os espaços fechados, como os manicômios,

¹⁴ Com exceção do texto *La Emergência Viral y el Mundo de Mañana* (2020), onde Han contrapõe a forma como a Ásia e a Europa lidaram com a Covid-19, os textos do autor não costumam ter recortes geográficos, o que os tornam bastante generalistas, assim como foram e são os textos de outros intelectuais. Obviamente que a obra de Han não representa fielmente os cenários da América Latina e mais especificamente, do Brasil, por exemplo. A discussão do capítulo 2 serve justamente para vermos o que de sua filosofia está sendo utilizado por nós, brasileiros e brasileiras, que pensamos e debatemos saúde.

¹⁵ Vale destacar que no fim de *Sociedade do Cansaço* (2017c), o filósofo sul-coreano propõe um outro modelo de cansaço que se contraporá ao modelo neoliberal, e que poderia indicar o caminho para uma outra forma de sociedade: um cansaço, poderíamos dizer, que se manifesta não como exaustão, mas sim como "improdutividade".

presídios, hospitais de todas as espécies, quartéis, escolas, fábricas etc., são as opções de existência oferecidas predominantemente aos sujeitos, que se deslocam por elas por toda a vida.

Esse sujeito da obediência produzido pela sociedade disciplinar está sempre dentro de muros que delimitam espaços, e seguindo normas sociais que regulam e normatizam suas experiências e interpretações. Não é que na sociedade do desempenho não haja instituições disciplinares, elas só não são mais os principais *dispositivos*¹⁶ de controle social a receberem incentivos por parte do poder vigente. Na perspectiva de Han (2017c), o sujeito forjado pela sociedade do desempenho – o *sujeito do desempenho* – produz para ter condições de se otimizar e se otimiza para produzir mais, e isso se intensifica até a profunda exaustão.

Claro que os conceitos de sociedade disciplinar e de desempenho apresentam certo grau de parentesco. Ambas as ideias se referem a um corpo social composto por indivíduos submetidos a saberes e poderes que se beneficiam, política e economicamente, da forma como determinada parcela de pessoas se comporta, age e pensa. Em suma, a principal semelhança está, mais especificamente, no objetivo desses modelos, que é atender ao imperativo da produtividade. O que muda são os meios.

Mas nessa sociedade de desempenho pensada pelo filósofo sul-coreano (2017c), mais do que disciplina, regras e normas, o sujeito precisa de motivação, coragem e o mínimo possível de limitações, seja em forma de muros ou de regras, pois isso o atrapalha de atingir patamares superiores de desempenho e otimização, e é aqui onde os conceitos de Foucault e Han se diferenciam. Por isso, a sociedade do desempenho é marcada por “academias de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, *shopping centers* e laboratórios de genética” (HAN, 2017c, p. 23).

O sujeito da obediência produz porque deve produzir, porque é ameaçado e porque pode ser punido de alguma forma, caso não cumpra os ditames que lhe são dados. Tanto o dever, quanto as ameaças e as punições, vem de um *outro* que lhe é externo. De acordo com Han (2017c), a produtividade que surge a partir desse tipo de *produção disciplinar*, que exige obediência, oprime, obriga e ameaça, é limitada, tem um fim, tendo em vista que se explora o sujeito contra sua vontade, além de gerar resistências. Essa relação problemática entre o sujeito e o *outro* que o explora, violenta e ameaça, é compreendida pelo autor como uma *relação de negatividade*: “A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade” (HAN, 2017c, p. 24).

¹⁶ “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos” (FOUCAULT, 1984, p. 244)

Entretanto, a fim de evitar qualquer tipo de equívoco, é importante ressaltar que a negatividade apontada por Han (2017c), não é essa relação problemática marcada pela dominação e exploração apenas. A principal característica das relações de negatividade é a presença de duas figuras distintas, onde uma exerce influência sobre a outra ou que se influenciam reciprocamente, ou seja, se pressupõe sempre a presença de um *outro*. Dessa forma, é possível pensar em uma relação de negatividade que seja saudável, desde que haja um *eu* e um *outro* que se relacionem de maneira não opressiva. Inclusive, em *Agonia do Eros* (2017a), o filósofo sul-coreano aposta que será a relação de negatividade que permitirá restituir a relação afável com o *outro*.

Contudo, em uma sociedade do desempenho, o sujeito por sua vez, produz porque pode produzir, porque é motivado a tal, porque é levado a entender que é livre para colocar em prática seus próprios projetos e empreender, vive sob a crença de que nada o limita mais. Nesse contexto social circula uma sensação de liberdade¹⁷ que induz os indivíduos a se perceberem livres, o que os conduz diretamente a uma crença de que produzem para si, mesmo se submetidos a alguma instituição. Dessa forma, as cobranças e responsabilidades não precisam mais do *outro* para se materializarem, pois nascem dentro do próprio indivíduo. O sujeito do desempenho é aquele, portanto, que se cobra e faz isso de uma forma tão intensa que alcança níveis exploratórios e violentos, mas que, ao mesmo tempo, não consegue se ver dessa maneira:

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito da obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à *liberdade coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal (HAN, 2017c, p. 29, 30, grifo do autor).

Han (2017c) destaca que o sujeito do desempenho não é uma espécie alheia ao sujeito da obediência, mas uma evolução deste, uma continuidade. Para que o sujeito do desempenho emerja, é preciso que ele passe pelo estágio disciplinar; e para que ele internalize que *pode*, é preciso que ele já tenha internalizado que *deve*.

¹⁷ Essa liberdade, ou sensação de liberdade, sentida pelo *sujeito do desempenho*, é gerada e explorada com o objetivo de aprimoramento do desempenho e da produtividade. Trata-se de uma técnica de controle social que será apresentada por nós em um tópico mais adiante.

Os discursos sobre motivação, projeto e iniciativa são ferramentas úteis usadas por instâncias e discursos neoliberais para que o indivíduo veja sua *autoexploração* como *autorrealização*, pois, sob a crença de que está se realizando e produzindo em favor de si próprio – ainda que vinculado a uma empresa ou instituição –, ele se lança em uma jornada que o leva a um *sempre-mais* de desempenho e produtividade.

Por isso, a produtividade que surge a partir do *paradigma do desempenho* é ilimitada e não gera resistência. O único limite da produção na sociedade do desempenho é o profundo esgotamento do corpo e da mente, e o sofrimento psíquico em suas diversas formas, sendo a depressão a mais recorrente delas: “A sociedade disciplinar [...] gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (HAN, 2017c, p. 24, 25).

Se a sociedade disciplinar era regida pela negatividade, a sociedade do desempenho se desenha a partir de indivíduos *autorreferentes*, que acreditam depender apenas de si próprio para qualquer tipo de realização, que se violentam e se exploram a fim de alcançar qualquer objetivo e que se culpam por qualquer fracasso, ou seja, que se relacionam apenas com seu próprio *eu*. O outro não é mais algo/alguém a quem se deve atribuir culpa, responsabilidade e gratidão. Essa relação do *eu* consigo próprio, que independe da figura do *outro*, é compreendida por Han (2017c) como *relação de positividade*, entretanto, uma positividade que se dá de forma cada vez mais excessiva.

Toda essa estrutura analítica elaborada por Han (2017c) tem como objetivo oferecer explicações à existência do que ele considera uma *paisagem patológica* que atravessa nossa sociedade – marcada pelo profundo esgotamento físico e mental, pela depressão, pela ansiedade generalizada, pelo estresse crônico, pela dificuldade para dormir etc. –, que vai além daquelas dadas pela psiquiatria e pela medicina moderna, que encerram o sofrimento dentro do corpo/mente do indivíduo que sofre, ignorando todo atravessamento social, cultural, histórico, político e econômico.

Esse *encerrar o sofrimento dentro do corpo/mente do indivíduo*, característico da psiquiatria e da medicina moderna, é a marca maior de uma cultura e de um tempo histórico atravessado pelas relações de excesso de positividade, ou seja, centradas no *eu*. O sujeito do desempenho é um *sujeito da positividade*; ele acredita que sua existência se resume ao seu *eu* imediato, se relaciona com esse *eu*, explora-o e por ele também sofre. Dessa maneira, a compreensão acerca de como as relações sociais vão se positivando, o porquê e o que ou quem está por detrás desse processo, é fundamental para o entendimento de como a sociedade do

desempenho surge e se estabelece e de como o sofrimento, em algumas de suas muitas formas, se dá na contemporaneidade:

O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o invalido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma (HAN, 2017c, p. 29).

Han (2017c) entende que o século XXI, pelo menos até o momento, apresenta uma paisagem patológica caracterizada por doenças neuronais¹⁸, como a depressão, o *burnout* ou os problemas com atenção e hiperatividade. Cenário muito diferente daquele visto no século passado, atravessado por doenças de caráter bacteriológico e/ou viral – isso de acordo com o olhar do filósofo sul-coreano.

Para o autor, essa paisagem patológica formada por doenças provenientes de vírus e bactérias fez com que o século XX desenvolvesse e aprimorasse ciências e técnicas *imunológicas*, ou seja, especializadas em combater aquilo que pode nos invadir, nos violentar e nos matar, em suma, tudo aquilo que se apresenta como uma ameaça, vinda de fora. Portanto, o século passado não foi marcado apenas pela negatividade e pelas técnicas disciplinares, mas também por ser uma *época imunológica*. Na verdade, o *paradigma imunológico* é caracterizado inteiramente pela negatividade, na medida em que nele se delimita um *outro*, que neste caso, é interpretado como ameaçador e se tenta combatê-lo de alguma forma.

“O século passado foi uma época imunológica” (HAN, 2017c, p. 8), mas não apenas por causa da forma como pessoas e saberes se organizaram a partir dos vírus e das bactérias, mas também, por causa da maneira como pessoas e saberes se organizaram em torno do *outro* considerado estranho e ameaçador:

Nesse dispositivo imunológico, que ultrapassa o campo biológico adentrando no campo e em todo o âmbito social, ali foi inscrita uma cegueira: Pela defesa, afasta-se tudo que é estranho. O objeto da defesa imunológica é a estranheza como tal. Mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não representa nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua *alteridade* (HAN, 2017c, p. 8, 9, grifo do autor).

A sociedade disciplinar foi uma sociedade que se organizou de forma imunológica. Algumas de suas instituições não tinham apenas fins disciplinares, mas também de exclusão e de destruição. Os manicômios, as prisões, os asilos e campos de concentração foram, e ainda

¹⁸ O termo *neuronal*, da forma como é utilizado por Han (2017c) tem mais a ver com a ideia de um colapso interno do próprio sistema; algo que ocorre não pela invasão de um elemento estranho, mas pelo funcionamento desregulado do próprio sistema, que parte dele próprio e de sua operação, e não de algo que vem de fora. Não há motivos para achar que o filósofo sul-coreano utilize este termo para indicar que as experiências conhecidas como depressão, a falta de atenção, hiperatividade ou *burnout* – formas de sofrimento tomadas por Han (2017c) como ilustrações para seu argumento – são questões de ordem neuronal, neurológica ou, em última instância, biológica, assim como não há nenhuma evidência cientificamente relevante que indique tal fato (FREITAS & AMARANTE, 2017; WHITAKER, 2017).

são, verdadeiros *antibióticos* e *antivirais sociais* que tem a função de eliminar do corpo social aquele *outro* que é doente, ruim, anormal, inadequado e perigoso: “O mundo organizado imunologicamente possui uma topologia específica. É marcado por barreiras, passagens e soleiras, por cercas, trincheiras e muros” (HAN, 2017c, p. 13). Assim sendo, a negatividade pode ser entendida como o paradigma sob o qual se pode compreender o modo de funcionamento da disciplina e do imunológico - ela é o conceito que descreve o modo fundamental de operação de ambos, a saber, o da separação e demarcação de limites entre o eu e o outro.

Contudo, na sociedade do desempenho, atravessada pela positividade, o paradigma imunológico perde força. A defesa imunológica depende da negatividade para se fortalecer, ou seja, daquele *outro* com potencial ameaçador e destrutivo. Entretanto, em razão do processo de positividade das relações sociais na sociedade do desempenho, a figura desse *outro* tende a ser cada vez mais apagada, deixando apenas o *eu* como principal e único eixo de valor.

Essa perspectiva é bastante próxima à de Bauman (2001), que trabalha com a ideia de que os elos que amarram as ações individuais em causas coletivas vão se desmanchando na modernidade, o que acaba por fomentar um processo de individualização constante. O sociólogo polonês chega a dizer que a contemporaneidade – chamada por ele de *modernidade líquida* – é a versão mais individualizada e privatizada da modernidade, e isso se confirma no avanço do individualismo como algo de grande valor.

A passagem da sociedade disciplinar à sociedade do desempenho, o processo de positividade das relações sociais e o papel do neoliberalismo – também termos que possuem um parentesco de afinidade – em todos esses fenômenos serão explorados nos tópicos seguintes. O que precisamos saber, a princípio, é que essa transição de um contexto ao outro produz novas formas de violência, que se manifestam não mais em termos da negatividade onde duas figuras distintas se relacionam, mas sim, de maneiras positivadas, na medida em que ocorrem a partir da relação que o *eu* vai estabelecendo consigo próprio.

Na sociedade disciplinar, o paradigma de negatividade contribuiu em muitos momentos para que houvesse uma reação imunológica diante do *outro*, que era tomado como uma ameaça ao *eu*. Essa tensão entre o *eu* e o *outro* provocou, e provoca ainda, relações polarizadas onde um acaba sendo explorado, violentado, controlado, excluído e/ou eliminado pelo outro. A defesa imunológica é, sobretudo, uma reação de violência ao outro, diferentemente da violência da positividade, que é uma violência consigo mesmo.

Com o advento da sociedade do desempenho e com um processo em curso de positividade das relações sociais, onde a figura do *outro* vai deixando de ser ameaçadora até se

apagar por completo, era de se esperar que a violência desaparecesse, mas não é o caso. A sociedade do desempenho inaugura uma nova forma de violência, a saber, uma *violência da positividade*, não mais imunológica, mas neuronal, que se inicia e termina no mesmo lugar: o *eu*.

Han (2017c) encontra as evidências dessa violência neuronal na paisagem patológica de sofrimento psíquico que foi desenhada a partir dessa sociedade do desempenho e do cansaço. O profundo esgotamento físico e mental, o estresse crônico, as dificuldades para dormir e para permanecer acordado, a desatenção e a hiperatividade e, sobretudo, a depressão – condições que marcam nossa época – são consequências diretas de uma racionalidade coletiva que coloca o sujeito em guerra consigo mesmo. Sujeito esse que se explora até o esgotamento, se otimiza para ter recursos físicos e mentais para se explorar mais, se consome por constantemente passar do limite, se culpa e se martiriza por fracassar e por ficar doente, e por fim, acredita que tudo isso vai se converter em realizações e conquistas, e que, portanto, o *mais* de desempenho é um *mais* de benefício próprio, o que faz com que o *sempre-mais* de um justifique o *sempre-mais* do outro.

Esse ciclo ocorre sem parar e vai aumentando em tamanho e intensidade até o que Han (2017c) vai chamar de *infarto psíquico*, o acontecimento último da violência neuronal da positividade, traço dessa sociedade do desempenho. É justamente através desse conceito de infarto psíquico e sua relação com a violência neuronal da positividade que Han (2017c) dialoga com o sociólogo francês Alain Ehrenberg.

Em *O Culto da Performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa* (2010), Ehrenberg mostra como as diretrizes neoliberais vão se estabelecendo na sociedade francesa através de discursos esportivos – que levam os ideais de competição e performance a todas as áreas da vida –, empresariais – que transformam o empreendedor e empresário em herói – e de consumo – que se torna símbolo de realização pessoal.

Na sociedade percebida por Ehrenberg (2010), há uma exaltação a figuras vitoriosas que são sempre marcadas por uma destreza, pela coragem de assumir riscos e por suas conquistas individuais que não contam com o auxílio de outras pessoas, instituições ou do próprio Estado. São posturas heroicas que não só o(a) atleta deve ter, que terminam por influenciar a perspectiva empresarial e do trabalho em termos gerais. É assim que o discurso empreendedor vai se estabelecendo na sociedade e vai estimulando um ideal de liberdade que precisa resultar em ascensão social através de performances individuais, já que tudo que é oposto a isso é considerado fracasso.

O cenário descrito por Ehrenberg (2010) diz respeito a uma sociedade composta por indivíduos fechados em si mesmos, e a depressão seria a consequência última desse discurso empreendedor que faz o indivíduo colapsar por estar preso em tarefas individuais. É como se cada sujeito tivesse que se construir individualmente, para que a partir única e exclusivamente de si próprio, construa o mundo a sua volta. A responsabilidade dessa tarefa está na base do sofrimento depressivo.

As sociedades observadas por Han (2017c) e por Ehrenberg (2010) são muito semelhantes, não à toa, o sociólogo francês sempre é citado nos textos do filósofo sul-coreano. Entretanto, Han (2017c) discorda de Ehrenberg (2010) já que este último

aborda a depressão apenas a partir da perspectiva da economia do si-mesmo. O que nos torna depressivos seria o imperativo de obedecer apenas a nós mesmos. Para ele, a depressão é a expressão patológica do fracasso do homem pós-moderno em ser ele mesmo. Mas pertence também à depressão, precisamente, a carência de vínculos, característica para a crescente fragmentação e atomização do social. Esse aspecto da depressão não aparece na análise de Ehrenberg. Ele passa por alto também a violência *sistêmica* inerente à sociedade de desempenho, que produz *infartos psíquicos*. O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a *pressão de desempenho*. Visto a partir daqui, a Síndrome de Burnout não expressa o *si-mesmo* esgotado, mas antes a alma consumida. Segundo Ehrenberg, a depressão se expande ali onde os mandatos e as proibições da sociedade disciplinar dão lugar à responsabilidade própria e à iniciativa. O que torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo *mandato* da sociedade pós-moderna do trabalho (HAN, 2017c, p. 26, 27, grifos do autor).

Há quem discorde da forma como Han (2017c) observa e explica toda essa conjuntura social, mas não há como refutar os fenômenos observados e explicados. Na tese de Vieira (2017) é apontado que a gravidade, incidência e consequências das manifestações de profundo esgotamento físico e mental apresentado pelos sujeitos em nossa sociedade, “têm levado vários autores a propor que o *burnout* seja considerado um problema de saúde pública” (p. 16), dado à complexidade da situação.

Vieira (2017) explica, para fins didáticos, que

o *burnout* está ligado ao estresse (especialmente de tipo crônico) desde o seu surgimento como objeto científico. Uma de suas primeiras definições, e que veio a se tornar referência nos estudos sobre o tema, conceitua-o como uma síndrome psicológica em resposta a estressores interpessoais crônicos no trabalho [...]. Em outra definição importante no campo, *burnout* é um estado afetivo singular caracterizado pela sensação de perda de energia física, mental e cognitiva, que ocorre como reação ao estresse crônico [...]. Caracteriza-se clinicamente por queixas de fadiga persistente, falta de energia para cumprir com as exigências do dia de trabalho (representando a exaustão), irritabilidade, adoção de conduta de distanciamento de questões relativas ao trabalho que pode se manifestar por um comportamento frio e insensível (cinismo), além de sentimentos de ineficiência e baixa realização pessoal e profissional. Nos casos mais graves, associam-se sintomas depressivos como choro fácil, perda do

prazer nas atividades, alterações de apetite e de peso, insônia, podendo chegar inclusive à ideação suicida (p. 15).

Essa descrição dada por Vieira (2017) daquilo que se convencionou chamar de *burnout*, são manifestações que integram o quadro sintomático daquilo que Han (2017c) entende como paisagem patológica contemporânea. Falta de energia física e psicológica, estresse, fadiga, irritabilidade, depressão, entre outras, são expressões quase que cotidianas do sujeito do desempenho que habita nessa sociedade do cansaço.

Mais do que amostras de um organismo que infarta psiquicamente, essas manifestações são interpretadas por Han (2017d; 2017c) como uma nova forma de violência que se estabelece a partir da positivação da sociedade – acontecimento tão importante e fundamental para a teoria da sociedade do desempenho. Na filosofia de Han, a forma como o fenômeno da violência se constrói abre margem para que o campo da Saúde – seja Coletiva, Mental ou Pública – tome para si essa temática e estabeleça diálogos importantes. No tópico seguinte, abordarei um livro no qual o filósofo sul-coreano se dedica exclusivamente à sua teoria da violência, assim como os motivos pelos quais esse tema aparece em uma dissertação do campo da Saúde Coletiva.

1.2 Os Novos Contornos Adquiridos Pela Violência na Sociedade do Cansaço

Topologia da Violência (2017d) é um ensaio bem mais extenso do que *Sociedade do Cansaço* (2017c) e foi publicado no Brasil logo em seguida a este. Nos artigos encontrados e selecionados para discussão no capítulo 2, vemos este livro sendo bem menos utilizado do que seu antecessor; entretanto, compreendemos que abordá-lo é importante para o objetivo desse capítulo, que é apresentar as principais ideias e conceitos de Han. Nesse sentido, *Topologia da Violência* (2017d) se justifica por continuar a discussão acerca da sociedade do desempenho. Neste livro, Han (2017d) parte da ideia de que a depressão e as formas de sofrimento que se abatem sobre os indivíduos da sociedade do desempenho são manifestações de uma violência que ganha contornos específicos.

O filósofo sul-coreano mostra a violência como um produto histórico, social e cultural. Algo que não desaparece do convívio humano independentemente de seu contexto, mas que também não permanece sempre da mesma forma. De acordo com Han (2017d), “a violência é proteica e, dependendo da constelação social, suas formas de manifestação se modificam” (p. 7). Em *Sociedade do Cansaço* (2017c), o filósofo sul-coreano deixa evidente essa modificação

ao distinguir a violência imunológica – aquela que é atravessada pela negatividade e materializada pelas instituições disciplinares – da violência neuronal – marcada pela positividade e materializada pelas lógicas de desempenho.

Em um processo muito semelhante ao de uma genealogia, Han (2017d) mostra de que maneira a violência se caracterizou em algumas culturas e períodos históricos diferentes. O objetivo do autor com isso é expor as muitas formas que a manifestação da violência pode assumir. Essa ideia vai justificar a argumentação nuclear que orientará todo o livro, a saber, que em nossos tempos a violência

se retira para espaços subcutâneos, subcomunicativos, capilares e neuronais, adotando uma forma microfísica que pode ser exercida até mesmo sem a negatividade do domínio ou da inimizade. Ela se desloca do caráter visível para o invisível, do frontal para o viral, da força bruta para a medial, do real para o virtual, do físico para o psíquico, do negativo para o positivo, e volta a se recolher para espaços subcutâneos, subcomunicativos, capilares e neuronais, de modo que surge a falsa impressão de que ela teria desaparecido (HAN, 2017d, p. 7, 8).

Han (2017d) trabalha com a ideia de que a contemporaneidade inaugurou uma nova forma de violência, que é mais refinada, sofisticada e – nos termos do autor – *psicologizada*. De acordo com o filósofo sul-coreano, ao longo da história a violência foi alcançando lugares cada vez mais fechados, internos e interiorizados.

Na modernidade, a prática da violência saiu do cenário público e ficou mais avergonhada, se deslocou para espaços fechados e começou a ocorrer dentro de instituições como prisões, manicômios e campos de concentração – aqui a violência apresenta traços imunológicos e negativizados, mas sua manifestação tem fins disciplinares, tanto para internalizados quanto para não internalizados. Essa é uma perspectiva que dialoga bastante com a obra *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (2014) de Foucault, que narra justamente o caminho histórico, político e cultural que há entre as torturas mortais medievais e o método corretivo disciplinar das prisões modernas.

De acordo com Han (2017d), na contemporaneidade, a violência alcançou mais um território: o interior de cada indivíduo. Para Han (2017d), a violência interiorizada e psicologizada é a versão mais refinada e violenta desse fenômeno, justamente pelo seu caráter neuronal, que faz com que ela se torne invisível. Ela ocorre dentro das pessoas sem que elas se deem conta do que está acontecendo. O detalhe é que essa forma de violência apresentada por Han (2017d), diferente de outras, é cometida pelo próprio violentado.

A teoria da violência em Han (2017d) é pensada através dos conceitos de positividade e negatividade – apresentados em *Sociedade do Cansaço* (2017c). No campo da negatividade fica a violência cometida ao *eu* por parte do *outro* e vice e versa, como aquela apontada por

Foucault (2014) na obra mencionada acima; e no campo da positividade a violência inicia e termina no próprio *eu*. Se trata de uma violência bem mais implícita do que a que ocorre/ocorria em instituições fechadas, como as prisões e os manicômios.

Com a ausência da repressão e da coerção externa – marcas da violência da negatividade –, é desenvolvido no sujeito uma pressão interna que termina gerando esse quadro psicológico problemático cada vez mais evidente em nossa sociedade, sendo a depressão o fenômeno mais representativo desse cenário e sendo também o indicativo maior de que há um processo em curso de positividade da violência. A esse respeito Han (2017d) escreve:

A *decapitação* na sociedade da soberania, a *deformação* na sociedade disciplinar e a *depressão* na sociedade do desempenho são estágios da mudança topológica da violência, que é sempre mais internalizada, psicologizada e, assim, acaba se tornando invisível. Ela vai se livrando mais e mais da negatividade do outro ou do inimigo, tornando-se autorreferente (p. 10, 11, grifo do autor).

Essa violência autorreferente é de caráter psíquico-neuronal. Acontece na mente desse indivíduo que se explora sob a crença de que está se realizando. A modificação estrutural pela qual a violência passa é uma consequência direta da ascensão da sociedade do desempenho. É importante destacar que essa violência da positividade, psicologizada e autorreferente denunciada por Han (2017d) não é uma substituição das outras formas de violência características de outras sociedades, culturas e tempos, mas sim, uma versão aperfeiçoada e moldada para as demandas atuais.

A sociedade do desempenho, conforme mostrada no tópico anterior, é formada por indivíduos que se exploram ao extremo e de forma voluntária, pois os mecanismos de poder e controle aos quais essas pessoas estão submetidas usam de técnicas de disfarce muito eficientes, evitando assim que os indivíduos se percebam como vítimas de uma exploração *autoimposta*.

O fator de maior desgaste nesse contexto ocorre porque o sujeito do desempenho se explora em todas as instâncias da existência social, e não apenas no trabalho. Na verdade, na perspectiva do ensaísta norte-americano Jonathan Crary (2016), “O planeta é repensado como um local de trabalho ininterrupto” (p. 27), onde “A insônia é o estado no qual produção, consumo e descarte ocorrem sem pausa, apressando a exaustão da vida” (p. 27).

Crary (2016) faz uma crítica que é, até certo ponto, semelhante a de Han (2017d; 2017c), no sentido de entender nosso modelo de sociedade como uma consequência das diretrizes neoliberais que, com auxílio da globalização, se espalha e se consolida por todo o planeta. Como mostrado, o filósofo sul-coreano fala em uma sociedade do desempenho, já o ensaísta norte-americano fala em um *regime 24/7* que molda identidades e subjetividades pessoais para

funcionar de forma ininterrupta e ilimitada, de acordo com a demanda dos mercados e sistemas de informação.

No regime 24/7, há “uma superabundância de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos em nível tóxico e muitas vezes fatal” (CRARY, 2016, p. 19) que são assimilados pelo nosso corpo e pela nossa subjetividade, deixando para trás a época em que o capitalismo se concentrava na acumulação, sobretudo, de coisas. O que se acumula em larga escala nessa lógica é desempenho e eficácia, que precisam ser demonstrados 24 horas por dia, 7 dias por semana, em qualquer esfera da vida.

Nessa lógica de funcionamento, obviamente, não há espaço para lazer, descanso ou sono. Dormir de forma orgânica, além de um desafio muitas vezes, é também uma perda de tempo, é um pecado capital, já que é improdutivo. Para o sujeito do desempenho no regime 24/7, o sono só é bem-visto se for comprado em alguma farmácia, pois assim está gerando lucro para alguém. Nesse aspecto, as substâncias neuroquímicas despontam com um destaque importante na sociedade, sejam para os indivíduos que evitam o colapso físico/mental ao mesmo tempo em que buscam cada vez mais energia física e um aparelho cognitivo preparado às altas demandas, sejam para os mercados que lucram com a venda de produtos que fazem o organismo dormir, ficar acordado, ter mais atenção, não chorar, não se entristecer etc. Tudo para que se tenha um *sempre-mais* de desempenho e produtividade por mais tempo possível.

São as consequências dessa lógica que interpelam as pessoas a acharem que precisam de um *sempre-mais* de desempenho e produtividade, que farão Han (2017d) compreender que há uma nova forma de violência em curso: uma violência que “toma forma de conflito intrapsíquico” marcado por “Tensões destrutivas [que] são suportadas internamente, em vez de serem descarregadas para fora; o *front* de batalha não se desenrola externamente, mas dentro das pessoas” (p. 22).

Dessa forma, o imperativo autoimposto de desempenho

é muito mais intenso do que a exploração alheia, pois anda de mãos dadas com o sentimento de liberdade. Assim, a sociedade de desempenho é uma sociedade de autoexploração. O sujeito de desempenho explora a si mesmo até chegar a *consumir-se* totalmente (*burnout*), e assim há o surgimento da autoagressividade, que vai se intensificando e, não raro, leva ao suicídio. O projeto revela ser, na verdade, um *projétil* que o sujeito de desempenho direciona contra si (HAN, 2017d, p. 24, 25, grifo do autor).

De acordo com Han (2017d), essa forma contemporânea de violência faz parte de uma técnica de dominação que libera o poder para dominar e controlar a população de maneira menos desgastante. Em outras palavras, essa sociedade da exaustão física e mental, denunciada por Han (2017d; 2017c), é um reflexo e um desdobramento paradoxal de um poder que governa

de forma cada vez mais flexível, contudo, não é em *Topologia da Violência* (2017d) onde essa ideia de poder será abordada. Para entendermos de que maneira o filósofo sul-coreano monta sua teoria do poder, vale olhar para obras como *O Que é Poder?* (2019) e *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018) – outros livros do autor.

Em *O que é Poder?* (2019), Han tenta desconstruir a ideia de que poder e liberdade são estados antagônicos e que o *mais* de um depende necessariamente do *menos* do outro. O filósofo sul-coreano se opõe à ideia de que uma instância só é verdadeiramente poderosa pelo seu potencial de restrição da liberdade, de imposição da obediência, por estabelecer limites e punir, de maneira violenta ou não, pessoas que não se submetem a ela.

De acordo com Han (2019), um poder que depende da restrição da liberdade e do uso de *sanções negativas* – como a violência, por exemplo – está dando demonstrações de fraqueza e não de força, como se costuma achar. O autor se escora em dois motivos para sustentar seu argumento: primeiro, quanto mais autoridade, restrição e violência que um determinado poder usa em seu exercício de dominação, mais insatisfação e revolta ele gera; e, segundo, que um determinado poder não consegue se colocar dessa forma sem se expor, o que faz com que ele não apenas produza forças opostas, como as atraia para si, ou seja, esse tipo de poder coloca em suas próprias “costas” uma “placa de alvo”.

Um poder realmente poderoso, forte e eficiente controla sem o uso da força, da violência externa e da restrição da liberdade. É um poder que não dá demonstrações de si, que age de maneira tão discreta que por vezes parece nem existir. Esse tipo de poder será chamado por Han em *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018) de *poder inteligente*, enquanto o outro que se manifesta através da autoridade e da imposição da obediência é chamado de *poder disciplinar*.

O neoliberalismo, na filosofia de Han (2018), é identificado como esse *poder inteligente*, na medida em que atua de forma des-subjetivada¹⁹, tecendo fios de uma complexa rede de controle que domina pessoas sem que elas se deem conta. O neoliberalismo explora a ideia de liberdade ao invés de restringi-la; controla por meio da motivação e não do chicote. Isso será debatido melhor no tópico seguinte, porém, o que é preciso que fique claro com essa digressão acerca da teoria do poder em Han é que: 1) é a consolidação de um poder inteligente como o neoliberal que promove uma mudança topológica da violência; e 2) é a propagação e

¹⁹ Conceito que Han (2017d) usa para se referir a um processo de invisibilização. O poder des-subjetivado é algo que ocupa todos os lugares ao mesmo tempo em que não está em lugar nenhum. Existe, mas ninguém vê e nem sabe onde está.

globalização das diretrizes neoliberais que tornam possível a existência de uma sociedade do desempenho, delimitada por um paradigma de positividade.

O que o filósofo sul-coreano tenta mostrar é que, diante de um *poder disciplinar* que nos constrange, limita, oprime e violenta, os impulsos de violência e de raiva que são despertados em nós só podem ir em direção aquilo que nos fez mal. Já em um contexto no qual o poder age de forma inteligente e anônima, por não dar demonstração de si, os indivíduos ficam sem ter a quem agradecer pelas coisas boas que acontecem – não que aconteçam muitas coisas boas nesse cenário – e sem ter a quem culpar pelo excesso de fracassos e desventuras, restando apenas o *eu* como eixo de valor. O que resta é atribuir ao *eu* a responsabilidade pelas vitórias e pelas derrotas, assim como todo e qualquer esforço é dever apenas do *eu*. Nessa sociedade do desempenho, os impulsos de violência e de raiva que são despertados em nós só encontram vazão em seu lugar de origem: em nós mesmos.

Portanto, a teoria do poder em Han é fundamental para a compreensão dessa mudança topológica da violência que a transforma em um acontecimento cada vez mais positivado, autodirigido e autorreferente.

Dessa maneira, ao se des-subjetivar e criar condições para que os próprios sujeitos se violentem ao se cobrarem e se explorarem para além dos seus limites, o poder inteligente neoliberal não apenas se livra da resistência e insatisfação alheia, como se libera para um exercício de dominação mais leve e menos desgastante, já que todo o desgaste do controle, da cobrança e da exploração recaem sobre os ombros dos indivíduos.

Essa é uma nova forma de gestão populacional e de controle social que se instalou pelo mundo. O neoliberalismo desenvolveu e propagou uma racionalidade que insinua ao indivíduo que a única maneira de existir é se autorrealizando, e isso só pode ocorrer através de um nível sempre maior de produção e consumo.

O sujeito do desempenho se vê livre de toda negatividade que lhe disciplinava, lhe oprimia e lhe violentava, e essa sensação de liberdade – muito explorada pelo neoliberalismo, como veremos no tópico seguinte – desperta uma crença de que ele depende apenas de si próprio para ter resultados ou chegar em algum lugar, resultando na autoexploração voluntária. Essa percepção leva Han (2017d) a entender o sujeito do desempenho também como um sujeito da liberdade ou *homo liber*: uma figura cuja existência é desregulamentada e despida de direitos em determinação de seu compromisso com o desempenho.

Como empresário e soberano de si mesmo, o *homo liber* lida bem com a ideia de ter direitos suspensos, garantias revogadas e tudo o mais que possa ser entendido como entrave ao seu ato de ultrapassar limites. A autoexploração integral na qual ele se coloca o condena a um

definhamento constante, que tem como fim último, a morte. O *homo liber* entrega um pouco da sua vida, de maneira voluntária, dia pós dia, exaustão após exaustão, crise após crise, até não ter mais vida para dar.

A existência desse *homo liber* revela uma política de morte orquestrada pelo neoliberalismo que se organiza através de uma gestão da vida dirigida ao *Burnout*, à depressão e ao consumo final de si mesmo. Os dispositivos utilizados para desenhar esse cenário contribuem para que a vida do *homo liber* seja uma vida matável, mas de maneira parcelada e autodirigida, ou seja, nos contornos do paradigma da positividade. Isso quer dizer que, embora todo esse cenário seja arquitetado por poderes neoliberais, a tarefa de matar é terceirizada aos próprios indivíduos, tomados por essa racionalidade neoliberal de desempenho, produtividade e autorrealização. O *homo liber* não é apenas um empresário de si mesmo, mas também, um assassino de si mesmo.

Partindo dessa perspectiva, é possível insinuar uma relação entre racionalidade neoliberal e uma política voltada ao fazer/deixar morrer, principalmente se levarmos em consideração o conceito de *necropolítica* proposto pelo filósofo camaronense Achille Mbembe (2018). Dentre as propostas do autor está a de pensar a política para além daquilo que o movimento iluminista sugeria: o exercício por excelência da razão que se manifesta na esfera pública, colocando o sujeito e seu ato racional como o elemento-chave para a constituição da vida em sociedade, tendo o Estado como uma instituição soberana simbólica.

Mbembe (2018) está mais interessado em pensar a política e a soberania, não como um projeto estruturado em categorias abstratas como *razão*, mas sim, como uma “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (p. 10, 11). Em outras palavras, para o filósofo camaronense, vida e morte são categorias que podem oferecer uma perspectiva analítica mais palpável acerca da ideia de política e soberania.

Ao discorrer sobre as “inovações nas tecnologias de assassinato” (MBEMBE, 2018, p. 22), que demonstram como as mortes perpetradas pelo Estado – enquanto soberano da sociedade – foram se aperfeiçoando historicamente, Mbembe (2018) vai mostrando como a política pode ser considerada, também, como uma forma de organização responsável por garantir o direito do Estado de fazer/deixar morrer. Em menos de 500 anos fomos do espetáculo em praça pública que envolvia esquartejamento, mutilação, tortura e exibição de partes de corpos humanos a câmaras de gás que matam grupos inteiros de pessoas, de forma silenciosa e apenas através de um botão, que pode ser acionado por alguém bem longe da cena.

Na perspectiva do filósofo camaronense, na medida em que os anos passam, “Aparecem formas de crueldade mais íntimas, sinistras e lentas” (MBEMBE, 2018, p. 23), responsáveis por tornarem mais refinadas as formas de aniquilar corpos humanos e a política é o que garante que essas formas sejam parte fundamental do exercício de soberania. Um detalhe importante é que essa leitura realizada por Mbembe (2018), não se refere a uma Europa medieval ou Nazismo enquanto um momento histórico destoante da modernidade apenas. Inclui-se nessa análise Estados modernos que em seu exercício de soberania fazem uso de diversas formas de necropolítica.

Entretanto, em uma sociedade neoliberal, atravessada por um processo de positivação, tal como sugere Han (2017d; 2017c), uma necropolítica alinhada ao neoliberalismo precisaria de técnicas que fizessem o sujeito sacrificar sua vida de forma voluntária, sem que haja uma instância, externa a ele, que lhe arranque isso contra sua vontade. Em outras palavras, em uma necropolítica neoliberal é essencial forjar um indivíduo que seja o “*homo sacer de si mesmo*” (HAN, 2017d, p. 266, grifo do autor), que seja seu próprio algoz, livrando assim, o poder soberano de toda culpa e responsabilidade.

Apesar dessa ideia de que a vida do sujeito do desempenho é uma vida matável e de toda a articulação feita com o conceito de necropolítica, vale destacar que na sociedade neoliberal de desempenho a morte não é objetivo final. Como mostraremos mais a frente, o neoliberalismo incentiva muito mais uma vontade de “sobrevivência a todo custo”, justamente para que a força produtiva seja explorada de forma desmedida. A ideia de que há um modelo de gestão da vida em direção a morte se baseia no fato de que em um regime 24/7, onde é preciso desempenho, performance e produtividade até o colapso, até o infarto psíquico, a morte é uma consequência inevitável, e é esse peso que os poderes neoliberais não querem em sua conta. Para a ideologia dominante, já que os imperativos de desempenho esgotam os indivíduos e os matam em última instância, há que se criar mecanismos para que eles mesmos sejam responsabilizados por essas mortes.

É com esse fim que surgem técnicas de controle e gestão que focam mais em alcançar as mentes dos sujeitos e dominá-los de dentro para fora, fazendo com que na sociedade do desempenho o objetivo não seja mais *docilizar* e disciplinar os corpos, mas esvaziar as mentes para poder preenchê-las com essa racionalidade neoliberal (HAN, 2018; DARDOT & LAVAL, 2016; BAUMAN, 2008). Somente assim é possível se chegar no sujeito do desempenho/*homo liber*, vítima de uma violência neuronal cometida por si consigo próprio. São os meios usados para se chegar nesse modelo de indivíduo que se explora, que tenta superar seus limites o tempo

todo e que doa sua vida de maneira voluntária em razão de necessidades que apenas aparentam serem suas, quando não são de fato, que Han (2018) vai chamar de *psicopolítica*.

1.3 A Entrada da Esfera Psíquica no Cálculo Político do Poder Neoliberal

Em *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), Han mostra que a sociedade do desempenho, sua paisagem patológica e seus sujeitos autodestrutivos são produtos de uma gestão política e econômica que busca o controle sobre a esfera psíquica dos indivíduos. Este livro é bastante importante para qualquer esforço de conhecimento e compreensão do pensamento do filósofo sul-coreano. No levantamento de artigos presente no capítulo 2 desta dissertação, este livro protagoniza o segundo lugar entre os livros mais citados do autor, o que mostra a importância de seu conteúdo e a necessidade de abordá-lo aqui.

Uma curiosidade sobre *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), é ser este o único livro de Byung-Chul Han, traduzido para o português que não foi publicado no Brasil pela Editora Vozes. A publicação dessa obra ficou por conta da Editora Âyiné. Esse detalhe contribui para que haja uma certa diferença desse livro para os demais, seja em termos de estética, de *design* e de tradução²⁰. Enquanto na Editora Vozes Han ganhou uma série apenas para a publicação de seus livros, marcados por capas, tamanhos e *designs* semelhantes entre si, na Editora Âyiné o livro de Han entra como um dos textos que compõem a coleção Aut-Aut, “dedicada a autores de esquerda”²¹.

Neste livro, vemos novamente um esforço de Han (2018) para tentar construir um aparato conceitual mais adequado às peculiaridades contemporâneas, e ele faz isso em diálogo com a obra de Michel Foucault. Se em *Sociedade do Cansaço* (2017c) Han nos apresenta o conceito de sociedade do desempenho como uma possibilidade analítica que interage com o conceito foucaultiano de sociedade disciplinar, em *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), o filósofo sul-coreano busca repensar uma outra ideia nuclear da obra de Foucault, a saber, a de *biopolítica* – mas não por achar que o conceito não tenha seu valor,

²⁰ Geralmente, os livros do Byung-Chul Han publicados pela Editora Vozes acabam girando em torno dos mesmos tradutores: Enio Paulo Giachini, Gabriel Salvi Philipson e Lucas Machado. Enquanto que em *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), a tradução fica por conta de Maurício Liesen.

²¹ Citação extraída de um *post* publicado no instagram da Editora Âyiné (@editora.ayine). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpH9Y6HA1Lc/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 21 de mai. 2022.

mas sim, por achar que a ideia de biopolítica é insuficiente para uma compreensão efetiva dos atravessamentos e desdobramentos da sociedade do desempenho. A alternativa que Han (2018) oferece ao conceito de biopolítica, como o título do livro já sugere, é o de psicopolítica.

Assim como apresentamos a ideia de sociedade disciplinar para que o conceito de sociedade do desempenho não ficasse descontextualizado, vale aqui falar brevemente acerca da biopolítica foucaultiana, para que haja uma devida compreensão dos motivos que levam Han (2018) a elaborar e oferecer o conceito de psicopolítica como alternativa contemporânea de análise social e filosófica.

Foucault (2008) chega à ideia de biopolítica após traçar uma genealogia das formas de se governar que foram e são estabelecidas pelos poderes soberanos/estatais. Para o francês, o século XVIII foi palco de uma mudança nas práticas governamentais, já que os interesses territoriais iam perdendo espaço para os cada vez maiores interesses sobre as vidas e os corpos das populações. Esse deslocamento de interesses se deu por causa dos formatos de produção que estavam se alterando: a produção agrária dava lugar à produção industrial.

Em uma tentativa de manter os indivíduos sob controle, disciplinados, dóceis e, sobretudo, produtivos, os poderes governamentais entenderam que era preciso intervir diretamente na vida dessas pessoas. Para Foucault (2008), é nesse momento que questões como taxas de natalidade e mortalidade, saúde, educação, organização do trabalho, higiene pública, raça, longevidade, entre outras, entram em evidência. O objetivo do Estado passa a ser transformar os indivíduos em máquinas de produção e o meio encontrado para esse fim é através do controle demográfico e biológico das populações. É a descoberta da ideia de *população* e da possibilidade de adestramento de corpos que a política ocidental conseguirá transformar as relações de poder existentes entre Estado e indivíduo. Isso desemboca na passagem do poder soberano ao poder disciplinar, do fazer morrer e deixar viver para o fazer viver e deixar morrer (FOUCAULT, 2006).

Assim, o corpo não é mais torturado, mas sim, disciplinado; inserido em um sistema normativo que, através de um determinado conjunto de regras, imposições e limites, para que desvios sumam e hábitos sejam criados. Dessa maneira, o sujeito disciplinar é também um sujeito da obediência.

É nesse momento que o poder começa a se organizar de forma disciplinar, a fim de administrar os corpos e afirmar a vida, diferente daquele poder soberano medieval, que agia pela espada e se apropriava da vida com a intenção, ou ao menos com a possibilidade, de eliminá-la.

A biopolítica, portanto, se caracteriza como um complexo de técnicas e atributos, utilizado pelos poderes governamentais para estabelecer e difundir um contexto de dominação social, que se inicia nas ações políticas e econômicas e chega na cultura e nas relações. Dessa maneira, a biopolítica mirou na disciplina dos corpos e acabou alcançando toda uma dinâmica social. Nesse sentido, é possível afirmar que o biopoder tem duas faces: uma anátomo-política voltada para o corpo dos sujeitos, e uma biopolítica que se refere à construção da ideia de população. Para Foucault (2008; 2006), a existência humana em toda a sua complexidade e totalidade, pelo menos na parte ocidental do mundo, se transforma em uma realidade biopolítica.

Para Han (2018), faria muito sentido pensar a sociedade apenas em termos biopolíticos se vivêssemos sob um paradigma unicamente disciplinar, o que não é o caso desde o surgimento, propagação e consolidação do modelo neoliberal de gestão governamental. Entretanto, como já foi mostrado anteriormente, o filósofo sul-coreano parte da perspectiva que vivemos – de maneira prioritária, mas não única – sob o paradigma do desempenho.

Na sociedade do desempenho o corpo é privatizado, ou seja, abandonado/deixado às iniciativas individuais. O investimento governamental se concentra em apetrechos e situações que prometem potencializar o desempenho através da otimização e aperfeiçoamento do corpo e da mente, o que acaba criando e fortalecendo um certo *mercado do corpo*; mas a função de adquirir e usar sempre mais esses apetrechos e situações fica a cargo dos indivíduos.

O mercado oferece academias *fitness*; clínicas de estética; clínicas terapêuticas; farmácias a cada esquina; *shoppings centers* com as mais variadas lojas de roupas, sapatos e acessórios; perfis profissionais na *internet* que em troca de um pequeno pagamento oferecem assistências acerca do que vestir, do que comer e de como se comportar etc. Muito embora as possibilidades sejam muitas, elas precisam ser – e geralmente são – buscadas pelos próprios indivíduos. Ninguém, muito menos nenhuma instância política superior, interpela ou coage o indivíduo a troco de nada.

Os poderes governamentais individualizaram os cuidados com os corpos porque encontraram outra instância mais promissora para intervir sobre ela, a saber, a *psique*. Na concepção de Han (2018), o neoliberalismo entendeu que fazendo uso de determinado conjunto de técnicas e criando cenários favoráveis – aos interesses neoliberais –, a psique poderia ser uma força produtiva com potencial para alcançar resultados que o corpo, enquanto objeto de intervenção governamental, jamais alcançou.

E, por compreender que a mente ou psique se tornou um objeto de intervenção valioso aos poderes governamentais neoliberais, Han (2018) é levado a concluir que pensar a sociedade

contemporânea através de um paradigma exclusivamente biopolítico pode resultar em análises equivocadas, tendo em vista as nuances políticas e sociais características da sociedade do desempenho não previstas pela teoria da biopolítica.

É para chegar nos lugares que a biopolítica não chega que Han (2018) desenvolve a ideia de psicopolítica ou *política da psique*: o conceito ideal, feito sob medida, para se pensar a sociedade do desempenho. Em outras palavras, o surgimento e consolidação da sociedade do desempenho só podem ser compreendidos através de uma análise que leve em conta as técnicas psicopolíticas de gestão e controle social.

A psicopolítica se configura, portanto, como “a técnica de dominação que estabiliza e mantém o sistema dominante através da programação e do controle psicológicos” (HAN, 2018, p. 107).

Não podemos perder de vista que, na perspectiva de Han (2017c), nossa sociedade tem passado por um processo de positivação, ou seja, as relações ficam muito centradas na figura do *eu*, enquanto a importância do *outro* diminui. No edifício teórico projetado pelo filósofo sul-coreano, realmente fica difícil pensar a sociedade única e exclusivamente de forma biopolítica, tendo em vista que o conceito de Foucault (2008) pressupõe a existência de figuras distintas que se relacionam de alguma forma: Estado e população, opressor e oprimido, instituições disciplinares e indivíduos etc. Ou seja, a biopolítica é atravessada por um esquema que vigia, controla e pune por meio da negatividade que é, por essência, imunológica (HAN, 2018; 2017d).

Justamente pela falta de negatividade da sociedade do desempenho, onde o sujeito acredita ser *dono de si* e que não deve sua vida e seus recursos existenciais/sociais a nada e a ninguém, a teoria da biopolítica se torna mais engessada. Partindo então desse lugar, é possível concluir que são as relações de positividade que justificam os modos de gestão psicopolíticos, assim como a psicopolítica justifica o processo de positivação da sociedade. Ambos se alimentam mutuamente.

Essa sensação de ser dono de si, característica dessa sociedade do desempenho é fruto de um processo de *exploração da liberdade*, esse ideal tão estimulado pelas diretrizes neoliberais. É por esse ponto que Han (2018) começa sua exposição acerca das técnicas psicopolíticas de gestão e controle social.

Han (2018) trabalha com a ideia de que o neoliberalismo causou uma profunda mudança na organização social e política no ocidente. As diretrizes neoliberais nucleares de enfraquecimento do Estado, desregulamentação e fortalecimento do mercado e liberdade econômica contribuíram para que o Estado perdesse sua soberania para o mercado, que só se

potencializa cada vez mais. A direção que Han (2018) toma com essa perspectiva está muito alinhada com a percepção que Bauman (2008) desenvolve acerca da perda da soberania do Estado. Para o sociólogo polonês,

o poder de agir, que agora flutua na direção dos mercados, e a política, que, embora continue a ser domínio do Estado, é cada vez mais despida de sua liberdade de manobra e de seu poder de estabelecer as regras e apitar o jogo. Essa é, com certeza, a principal causa da erosão da soberania do Estado. Ainda que os órgãos do Estado continuem a articular, divulgar e executar as sentenças de exclusão ou expulsão, eles não têm mais a liberdade de escolher os critérios da “política de exclusão” ou os princípios de sua aplicação. O Estado como um todo, incluindo seus braços jurídico e legislativos, torna-se um executor da soberania do mercado (BAUMAN, 2008, p. 87).

A psicopolítica neoliberal entra em vigor a partir do enfraquecimento do Estado e de sua submissão ao mercado. O cenário que surge a partir dessa movimentação político-econômica fornecem a matéria-prima ideal para as técnicas de controle neoliberais. De acordo com Han (2018), e também com Bauman (2008; 2001), com o Estado – enquanto aquela instituição da negatividade, marcado pelas técnicas disciplinares, pelas repressões, pelas violências imunológicas e pelas relações de poder verticais – enfraquecido e com o mercado se aproveitando da situação, os membros da sociedade começam a olhar para si como agentes livres de coerção, pessoas que não precisam mais de ninguém que as digam o que fazer e como.

Essa sensação de liberdade será a *coluna dorsal* do sujeito do desempenho. É através da psicopolítica que a liberdade vai de benefício concedido a uma forma de submissão nova, invisível e sub-reptícia. O indivíduo livre, forjado e estimulado pelo neoliberalismo ainda é alguém submisso, mas sua submissão não se manifesta como tal, o que faz com que o sujeito não apenas não repudie sua situação, mas a deseje cada vez mais: “O ‘eu’ como projeto, que acreditava ter se libertado das coerções externas e das restrições impostas por outros, submetete-se agora a coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização” (HAN, 2018, p. 9).

O neoliberalismo estimula as pessoas a acreditarem que são *empresárias ou senhoras de si mesmas*, que, livres dos poderes que lhes conduziam e lhes violentavam, são donas de tudo o que produzem. É mais do que óbvio que isso é uma falácia. O sujeito neoliberal não é dono de si mesmo, muito menos suas conquistas dependem apenas de seus esforços, pois enquanto seres-no-mundo, todos e todas dependem de uma série de fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, geográficos, de saúde etc., para uma outra série de coisas. O neoliberalismo não intervém sobre essa realidade, mas, por meio de sua psicopolítica, ele consegue mascarar-la.

Com o Estado enfraquecido, os poderes des-subjetivados e as regras, normas e acordos que limitavam as ações dos sujeitos sendo cada vez mais questionadas, surge nos indivíduos uma sensação de liberdade. A psicopolítica entra em ação nesse momento criando narrativas que estimulam essa sensação ao máximo, seja intervindo sobre a linguagem, criando palavras e conceitos atraentes para se referir a realidades cruéis – como o uso da palavra *empreendedorismo* para representar situações precárias e informais de trabalho, ou o uso da palavra *resiliência* para estimular pessoas a não se abaterem ou se frustrarem por suas condições existenciais –, seja através de aparatos, como a invenção de

formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional [que] prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. As pessoas são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total, e até a própria vida. O *ser humano* é descoberto e tornado objeto de exploração (HAN, 2018, p. 45, grifo do autor).

O neoliberalismo compreendeu que forçar, regular e punir pessoas pode limitar a produtividade delas, seja trabalhando, seja consumindo. Diferente da motivação e da enganação: motivar a compreensão coletiva de que as pessoas produzem para si próprias e o consumo de mercadorias é seu maior troféu por isso, eleva o nível da produção e do desempenho em patamares jamais vislumbrados. O entendimento de que sua vida depende apenas do seu próprio esforço motiva o sujeito a produzir *sempre mais*, a ir além dos seus limites; um efeito que as ordens, as disciplinas, os chicotes e as torturas jamais produziram. Para tanto, é fundamental que quanto mais desempenho o sujeito apresente, mais livre ele precisa se sentir.

Os indivíduos são tomados de tal forma pela psicopolítica neoliberal que, por meio da exploração da liberdade, eles produzem até o profundo esgotamento, se sentem culpados caso não apresentem o máximo de desempenho 24 horas por dia, 7 dias por semana e ainda enxergam isso como autorrealização, e não como autoexploração. De acordo com Han (2018), “A liberdade individual é uma servidão na medida em que é tomada pelo capital para sua própria multiplicação. Assim, o capital explora a liberdade do indivíduo para se reproduzir”, com isso, “o indivíduo livre é rebaixado a órgão genital do capital” (p. 13).

Nessa conjuntura, os poderes neoliberais exercem seu domínio sem precisar ter figuras autoritárias de poder, obrigando todos e todas ao desempenho máximo, já que, graças as técnicas psicopolíticas de controle e gestão, tais figuras são internalizadas pelos próprios sujeitos, fazendo com que eles se cobrem internamente. Por isso que, para Han (2018), o neoliberalismo age nos indivíduos de dentro para fora e por isso a gestão neoliberal se caracteriza por uma política da psique e por ser um poder inteligente.

Han (2018) entende o neoliberalismo como uma evolução do capitalismo, uma adaptação que permite que o capitalismo escape para o futuro. O filósofo sul-coreano se opõe ao sociólogo alemão Karl Marx (1818-1883), que entendia que as contradições que surgissem entre as relações de produção e as forças produtivas poderiam gerar uma revolução – denominada por Marx (2013 [1867]) como *revolução comunista* – que libertaria a classe trabalhadora da exploração alheia.

Para Han (2018) essas contradições são insuperáveis. A classe trabalhadora tem sido libertada sim da exploração alheia, mas não por causa de uma *revolução comunista*, como previu Marx (2013 [1867]), mas sim pelo neoliberalismo. Só que como afirma o filósofo sul-coreano, essa libertação ocorre apenas para que uma outra forma de exploração ocorra, uma mais sutil, refinada, onde a classe trabalhadora seja explorada, mas sem perceber isso; uma exploração, como já vimos, autorreferente, neuronal, positivada e psicologizada.

Essa oposição de Han (2018) a Marx (2013 [1867]) se justifica na percepção que o filósofo sul-coreano tem de que a psicopolítica neoliberal destrói toda possibilidade de revolução e resistência, justamente pelo grau de positividade: se as conquistas do indivíduo estão atreladas unicamente ao seu esforço e desempenho, ou seja, dependem apenas do *eu*, o fracasso também é autorreferente. O *sujeito neoliberal* não tem a quem culpar por seus malogros além de si próprio, já que não há um sistema para se opor:

Quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso. Aí está a inteligência peculiar do regime neoliberal: não permite que emergja qualquer resistência ao sistema. [...] Já no regime neoliberal de autoexploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos (HAN, 2018, p. 16).

A depressão, assim como o *burnout*, surge aqui como um indicativo não apenas de que há uma nova forma de violência em vigor, mas também de que há uma psicopolítica em curso, que não só estabelece poder e lucro aos poderes neoliberais, como destrói em níveis psicológicos os indivíduos de nossa sociedade.

As técnicas de controle psicopolíticas não servem apenas aos imperativos de desempenho e *autoaperfeiçoamento*, mas também, para a construção de um ambiente e de uma lógica que favorece e estimula a *autoexposição*. Nesse momento, a crítica de Han (2018) se volta às redes sociais virtuais e ao comportamento das pessoas na *internet*, ou melhor, ao comportamento que as pessoas são levadas a achar que precisam apresentar.

A comunicação ilimitada proporcionada pela *internet* transforma a rede em *lugar de vigilância e monitoramento* que, de maneira constante, coleta informações sobre quem somos,

o que fazemos, quando fazemos, o que gostamos, o que planejamos etc. O peculiar disso tudo é que essas informações não são tiradas de nós contra nossa vontade, pois somos nós que as fornecemos de maneira voluntária. Han (2018) acredita que a *internet* se transformou em uma espécie de *Panóptico*, só que *digital*.

O Panóptico foi um projeto carcerário elaborado pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham (1748-1832). Esse projeto se assentava no princípio de inspeção: a arquitetura do Panóptico era planejada de uma forma para que quem vigiasse tivesse acesso ao vigiado sem que esse último tivesse a ele de volta. Foucault (2014) nos dá uma descrição detalhada de como se organizava o sistema carcerário de Bentham:

O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constante visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e se suprimem as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha (p. 194, grifo do autor).

Foucault (2014) parte do princípio de que o Panóptico usava da vigilância como técnica de reforço e consolidação do poder. Para aqueles aos quais essa lógica é útil, o Panóptico era muito importante para

Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce: enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente. Por isso Bentham colocou o princípio de que o poder devia ser visível e inverificável. Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo. Para tornar indecível a presença ou a ausência do vigia, para que os prisioneiros, de suas celas, não pudessem nem perceber uma sombra ou enxergar uma contraluz, previu Bentham, não só persianas nas janelas da sala central de vigia, mas, por dentro, separações que a cortam em ângulo reto e, para passar de um quarto a outro, não portas, mas biombos: pois a menor batida, uma luz entrevista, uma claridade numa abertura trairiam a presença do guardião. O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto (p. 195).

Entretanto, o Panóptico tem uma falha grave que o torna – quase – inutilizável aos interesses neoliberais, o que termina por impedir que esse conceito carcerário escape para o futuro, e quem identifica isso muito bem é Bauman (2001).

Apesar de ser um sistema que só é eficiente porque oferece vantagem ao observador, só o fato de precisar ter um observador já o torna problemático. De acordo com Bauman (2001), o Panóptico é inviável em uma época como a nossa, pois é um projeto que exige engajamento mútuo. Por mais que o vigiado não tenha acesso ao vigilante, sabe-se que há um vigilante e um acaba se tornando codependente do outro, criando uma dialética vigilante-vigiado, onde um só existe por causa do outro.

Além de ter que vigiar, o Panóptico exige ocupação de um espaço, manutenção, organização de rotinas, tarefas administrativas e burocráticas e certo grau de responsabilidade com a tarefa imposta. Portanto, quem administra e quem trabalha no Panóptico não é tão livre assim. Há a opção de escolher quem vigiar e como administrar, mas não a opção de não vigiar e de não administrar.

Como já vimos com Han (2017d), as instâncias de poder da sociedade do desempenho são des-subjetivadas e invisíveis, são representadas por lógicas e não por figuras de autoridade. Em Bauman (2001), as instâncias de poder contemporâneas são fluidas e desengajadas, precisam de um mundo sem barreiras, normas fixas e compromissos, para que tenham facilidade de se deslocar de um lugar a outro. Tanto para Han (2018; 2017d), quanto para Bauman (2001), o Panóptico restringe não apenas o vigiado, mas também o vigilante, ou seja, a figura de poder. Isso é tudo o que o neoliberalismo sempre tentou evitar.

Mas e se existisse um Panóptico que não exigisse tanto engajamento e compromisso por parte do poder? Um Panóptico que não demandasse uma administração integral e que, se possível, terceirizasse a tarefa da vigilância?

De acordo com Han (2018), o neoliberalismo conseguiu adequar o Panóptico aos seus moldes e isso ocorreu, e ocorre ainda, através da *internet* e de suas redes sociais. Com a *hiperutilização* dessas redes, o poder consegue ter acesso a qualquer dado, história, localização, informação etc., de qualquer pessoa, sem precisar arrancar isso contra a vontade dela, já que há uma exposição voluntária. Além de tudo, esse processo é administrado/mediado por algoritmos, ou seja, o poder neoliberal mantém sua dominação mesmo terceirizando a vigilância ao indivíduo autoexposto. Surge assim o Panóptico Digital.

Enquanto o Panóptico era um projeto biopolítico de controle, o Panóptico Digital é um projeto psicopolítico de gestão social, alimentado pelo imperativo neoliberal de *transparência*. Para o filósofo sul-coreano, em nossa sociedade do desempenho há uma reivindicação por

transparência, que surge devido a um entendimento coletivo de que tudo precisa ser informado e de que qualquer informação precisa ser de fácil acesso. Han desenvolve um ensaio inteiro apenas para expor essa ideia²², entretanto, é aqui em *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018) que ele vai tratar o imperativo de transparência como um dispositivo psicopolítico neoliberal, que “vira tudo violentamente para fora, para que possa produzir *informação*” (p. 19, grifo do autor), pois “Nos modos atuais de produção imaterial, mais informação e mais comunicação significam mais produtividade, aceleração e crescimento” (p. 19, 20).

A transparência mira num *plus* de exterioridade, num *colocar-se para fora* sempre. O difícil acesso à informação, o segredo, o mistério etc. impedem a aceleração da informação e da comunicação, o que pode causar prejuízos ao desempenho. O dispositivo da transparência converte tudo em dados e informações e, enquanto tal, precisam ser expostos ao todo social, desde documentos jurídicos e/ou governamentais que revelam gastos, perspectivas, procedimentos e ações, até a vida do sujeito por completo, como documentos, gostos, localização, ambições, opiniões e tudo o mais que puder servir como *matéria-prima* para controle da vida, corpo e mente dos indivíduos. Tudo pode se converter em dado e tudo precisa de exposição. A psicopolítica não constrói apenas o sujeito do desempenho, mas também o *sujeito da transparência*, que se coloca de forma voluntária à disposição do controle e da vigilância:

Hoje nos expomos voluntariamente sem qualquer coerção, sem qualquer decreto. Colocamos na rede todo tipo de dados e informações pessoais, sem avaliar as consequências. Esse caráter incontrolável representa uma gravíssima crise da liberdade. Tendo em vista a quantidade de informação que se lança voluntariamente na rede, o próprio conceito de proteção de dados se torna obsoleto (HAN, 2018, p. 22, 23).

Com todos os âmbitos da vida humana expostos e transformados em dados, o indivíduo se *coisifica* e, assim, tornado coisa, ele pode ser mensurado, planejado, quantificado e, em última instância, controlado. O acesso aos dados mais íntimos acerca de cada pessoa permite que padrões de comportamento e perfis de personalidade sejam montáveis, previsíveis e manipuláveis. Através da psicopolítica, o neoliberalismo alcança a psique, coisa que a biopolítica jamais permitiu. Dessa forma, se extrai “não apenas o psicograma individual, mas o *psicograma coletivo*, e quem sabe até o *psicograma do inconsciente*. Isso permitiria expor e explorar a psique até o inconsciente” (HAN, 2018, p. 36, grifo do autor).

²² *Sociedade da Transparência* (2017b).

O Panóptico Digital formado pelo uso das redes sociais virtuais e da *internet* foi feito sob medida para as diretrizes neoliberais, pois sua forma de dominar

aumenta sua eficiência na medida em que delega a vigilância a cada um dos indivíduos. O *curtir* é o amém digital. Quando clicamos nele, subordinamos ao contexto de dominação. O *smartphone* não é apenas um aparelho de monitoramento eficaz, mas também um confessionário móvel. O Facebook é a igreja ou a sinagoga [...] do digital (HAN, 2018, p. 24, grifo do autor).

A psicopolítica neoliberal usa de seu conjunto de técnicas de forma exclusiva para o aperfeiçoamento do sistema, seja ele de o de autoexposição pelo Panóptico Digital, seja ele o de autoexploração pelos imperativos de desempenho que surgem a partir do processo de positivação da sociedade. Na verdade, autoexploração e autoexposição são desdobramentos que ocorrem paralelamente e de forma conectada, como uma fita de DNA.

O imperativo de transparência que há por detrás da autoexposição coisifica o indivíduo em dado quantificável, mensurável e previsível, através do excesso de informações compartilhadas por ele na *internet*. Esses dados servem para se ter acesso ao sujeito em níveis pré-conscientes e inconscientes, e, com isso, consegue-se implementar, de dentro para fora, essa racionalidade neoliberal que explora a liberdade, estimula a autoexploração e forja o sujeito do desempenho/*homo liber*, contribuindo assim, para a formação de uma paisagem patológica como a de nossa época, formada pelo esgotamento físico/mental e pelas diversas formas de sofrimento psíquico.

A psicopolítica vai, portanto, atuar não apenas estimulando essas racionalidades de autoexposição e autoexploração, mas também minando tudo aquilo que possa ser considerado um obstáculo aos imperativos de transparência – como o segredo, o mistério e a pouca informação sobre qualquer pessoa – e aos imperativos de desempenho – como o sofrimento, por exemplo.

Pode parecer um paradoxo, mas essa sociedade do desempenho que causa tanta dor e tanto sofrimento através de sua psicopolítica e de sua violência neuronal é a mesma sociedade que é completamente intolerante a acontecimentos desagradáveis, como são os casos da dor e do sofrimento, justamente por se tratar de experiências que podem atrapalhar e até mesmo interromper a produção integral do sujeito do desempenho.

O mercado de autoaperfeiçoamento físico e mental, caracterizado pelos diversos tipos diferentes de academias *fitness*, clínicas terapêuticas e estéticas, cursos e *workshops coaches*, vídeos/leituras de autoajuda, farmácias etc., são artifícios neoliberais de silenciamento da dor e do sofrimento por intermédio da mercantilização.

Desenvolve-se então uma cultura que busca eliminar a dor e o sofrimento da paisagem social criando formas de lucrar com essas experiências tidas como desagradáveis. É sobre isso que se trata o livro *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021), o livro de Byung-Chul Han que veremos no tópico a seguir.

1.4 Felicidade, Saúde e Sobrevivência: a batalha do sujeito de desempenho contra o sofrimento

Em *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021), a preocupação analítica de Byung-Chul Han se concentra na relação que o indivíduo contemporâneo e ocidental estabelece com a *dor* e o *sofrimento*, no processo histórico e cultural que transformou esses fenômenos em manifestações *desagradáveis* e a quem esse discurso é útil. Este livro está entre os mais atuais do autor e sua repercussão ainda é bem pequena. O que justifica a escolha por este texto nessa apresentação do pensamento do filósofo sul-coreano, é que neste livro Han (2021) fala diretamente da influência que o campo da medicina exerce sobre a forma como nós sentimos e percebemos o mundo.

Sociedade Paliativa: a dor hoje (2021) aborda questões como medicalização, farmacologização, problematiza a tendência médica de biologizar e neurologizar expressões, comportamentos e formas de ser e agir dos membros da sociedade. Os temas abordados neste livro são bastante conhecidos em discussões dos campos de estudo da saúde mental e coletiva. O que ocorre neste ensaio é que esses temas são conduzidos dentro do projeto filosófico de Han, ou seja, dialogam com a ideia de que estamos em uma sociedade do desempenho, positivada e moldada por uma psicopolítica que torna os indivíduos empresários/assassinos de si mesmo.

Han (2021) parte do princípio de que a dor é um signo cultural, ou seja, tem um significado para a sociedade que extrapola a sua manifestação física. Essa ideia é cara ao filósofo sul-coreano ao ponto de o autor argumentar que a maneira pelas quais uma cultura se constrói e se estabelece dependem fundamentalmente de como as sociedades escolhem lidar com a dor e com o sofrimento enquanto acontecimentos.

A dor é um signo cultural para Han (2021) por se tratar de um acontecimento cujo sentido é construído culturalmente. Partindo dessa perspectiva, há um processo dialético entre dor e cultura, onde uma constitui a outra mutuamente. Tendo como base a maneira como

lidamos com a dor, o sofrimento e o desagradável, esse livro nos estimula a pensar sobre a forma como nós, contemporâneos, poderíamos definir a cultura na qual estamos inseridos e inseridas.

Han (2021) aborda o assunto por acreditar que nossa relação com o fenômeno da dor pode fornecer elementos indispensáveis para desenvolver uma análise eficiente sobre certos modos de subjetivação ligados ao neoliberalismo. De maneira muito semelhante ao – talvez até inspirado pelo – pensador austríaco Ivan Illich (1975), Han (2021) trabalha com a ideia de que, por se constituírem mutuamente, dor e cultura, quem tiver influência sobre os significados dados à primeira, pode acabar exercendo influência sobre a segunda, o que acaba transformando os sentidos e significados dados à dor em ferramentas de dominação e de controle.

A sociedade descrita em *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021) é composta por indivíduos que apresentam uma certa angústia generalizada diante da dor. As formas de sofrimento que atrapalham a produtividade e que não geram nenhuma forma de prazer, seja fisicamente, emocionalmente ou psicologicamente, são tidas como experiências desagradáveis, e por isso, precisam ser eliminadas. O autor percebe uma intolerância coletiva ao fenômeno da dor, o que termina por interpelar pessoas a buscarem anestésias²³ em todos os momentos e lugares. *Algofobia* é o conceito que Han (2021) usará para se referir a essa intolerância.

Muito embora o conceito de algofobia não seja de autoria de Han (2021), o filósofo sul-coreano se apropriou dele e o colocou no centro de uma discussão filosófica. O comportamento algofóbico, para Han (2021), é a marca cultural mais preponderante de um contexto social completamente fechado para aquilo que é doloroso. Em termos ilustrativos, basta observar o discurso psiquiátrico, que insiste em *medicalizar*²⁴ a vida associando a tristeza, o luto, a ansiedade, a expectativa, a desatenção – e muitas outras expressões comuns da existência humana – a transtornos mentais.

²³ Han (2021) pega de Illich (1975) a ideia de anestesia como tudo aquilo que tem potencial para nos livrar da angústia, o desagradável, o incompreendido, o instável etc. Portanto, anestesia nesse sentido não se limita apenas a uma substância química aplicada sobre o corpo, mas também pode ser entendido como um comportamento consumista, alimentar, religioso, autodestrutivo, estético e muitos outros. Nessa perspectiva, a própria psicoterapia pode ser considerada como uma forma de anestesia.

²⁴ No livro *Medicalização em Psiquiatria* (2017) dos acadêmicos Paulo Amarante e Fernando Freitas – referências nacionais no assunto –, a *medicalização* é definida como o “processo de transformar experiências consideradas indesejáveis ou perturbadoras em objetos da saúde, permitindo a transposição do que originalmente é da ordem do social, moral ou político para os domínios da ordem médica e práticas afins” (p. 14). Essa definição é baseada na forma como o acadêmico australiano Peter Conrad (2007) e renomado estudioso do fenômeno, define *medicalização*: “*Medicalization describes a process by which nonmedical problems become defined and treated as medical problems, usually in terms of illness and disorders*” (“*medicalização* descreve um processo pelo qual problemas não médicos se tornam definidos e tratados como problemas médicos, geralmente em termos de doença e distúrbios”) (p. 4, tradução nossa).

A algofobia, de acordo com Han (2021) é um fenômeno importante para o imperativo social e cultural de felicidade e bem-estar. Não bastasse o corpo não ter autorização para sentir dor em nenhum lugar e a mente não estar autorizada a sofrer, a apatia e o *estado anestésico permanente* são entendidos como a única forma justa de estar bem. Em nossa cultura algofóbica se almeja e se estimula ser feliz sempre e não sofrer jamais.

A medicina moderna tem um papel importante nesse contexto, já que é a instituição que detêm a autorização e jurisdição sobre a linguagem da dor e do sofrimento. Essa instituição, como apontado por Illich (1975), ressignificou a dor e o sofrimento, retirando desses fenômenos toda a sua carga subjetiva, seus significados e as narrativas que as próprias pessoas desenvolviam face à sua própria experiência e existência. O que restou à dor e ao sofrimento foi apenas a objetividade, a métrica e a verdade médica – a única validada para dizer o que se configura como dor e sofrimento, segundo a própria medicina moderna. A narrativa médica se desenvolve, então, a partir de um processo histórico, em torno da ideia de definir o que é dor – independentemente da verdade do sujeito dolorido –, para depois eliminá-la a todo custo. Essa guerra declarada ao sofrimento e ao desagradável inaugura o comportamento algofóbico (HAN, 2021).

A crítica de Han (2021) alcança, inclusive, a psicologia. Para o filósofo sul-coreano, a psicologia moderna se apropria desse ideal de felicidade e o usa como um dispositivo de controle social. Há uma estimulação implícita ao comportamento algofóbico por parte da psicologia moderna, que assim como aconteceu com a psiquiatria na segunda metade do séc. XX (WHITAKER, 2017), insiste na medicalização e na *neurologização* de suas narrativas e práticas. Com isso, sua atuação se expande de maneira desregulada.

Essa medicalização e neurologização fazem parte de uma tendência contemporânea, propagada pelo discurso neurocientífico, que tornam indivíduo e cérebro – “não a cabeça, nem a ‘mente’ ou a ‘alma’, mas o órgão físico ele mesmo” (AZIZE, 2010, p. 564) – sinônimos, o que Azize (2010) interpreta como *cerebralismo*. Com a chegada do século XX e o desenvolvimento das neurociências, o cérebro passa a ganhar uma certa hegemonia sobre outros órgãos e passa a ser compreendido pela narrativa neurocientífica como o lugar onde tudo acontece e de onde partem todos os comandos. O cérebro emerge como a parte que representa o todo que o indivíduo é, o responsável pela individualidade de cada pessoa.

Azize (2010) repara que essa concepção cerebralista de indivíduo conta não apenas com a publicação de materiais científicos especializados, consumidos por pessoas inseridas nas neurociências ou interessadas no assunto, mas também com uma ampla publicação de materiais

voltados para o público leigo, o que acaba por disseminar mais ainda essa tendência. O cerebralismo

trata-se de uma ideia que tem hoje ampla divulgação nos meios de comunicação, para a qual contribuem representações científicas e também leigas, e que conta com a autoridade da neurociência, por vezes deslizando para um tom normativo que flerta com a autoajuda (AZIZE, 2010, p. 572).

Não espanta que esse fenômeno alcance áreas como a psicologia e a psiquiatria, que, pouco a pouco, vão deixando de ser reconhecidas como ciências da “mente” ou da “cabeça”, para se tornarem saberes alinhados e adjacentes ao discurso neurocientífico. No Brasil, a neuropsicologia já é uma realidade e entendida como uma área promissora para profissionais da psicologia (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2023). É comum encontrar cartões e logotipos de psicólogos e psicólogas com imagens de cérebros, ou que fazem alusão a esse órgão. Além disso, as ementas de psicologia em universidades brasileiras estão cada vez mais cerebralistas: estuda-se muito o cérebro em termos de funções e disfunções, e cada vez menos a relação entre indivíduo e sociedade, conforme será mostrado na parte final do capítulo 2.

O questionamento de Han (2021) não tem como fim a invalidação da terapia e dos cuidados que o processo psicoterapêutico propõe. O que o incomoda são essas narrativas medicalizantes, neurologizantes e cerebralistas e a quem elas servem. Para o filósofo sul-coreano, há um processo de *despolitização* do sofrimento e do desagradável que é sustentado pelos discursos da psicologia, da psiquiatria e da medicina moderna.

As condições dolorosas e sofredoras apresentadas pelos sujeitos dentro da sociedade estão sendo desconectadas de suas causas sociais a favor de uma perspectiva que só consegue pensar o sofrimento em termos biológicos. A responsabilização sobre as manifestações de dor e sofrimento pesam mais sobre o corpo e cabeça dos indivíduos do que sobre as estruturas sociais que lhes atravessam.

A importância da algofobia no texto de Han (2021) está para além de uma crítica às epistemologias e práxis médicas, psiquiátricas e psicológicas. O que o filósofo sul-coreano pretende é deixar evidente que há um poder muito maior que se beneficia da racionalidade algofóbica estimulada por essas instituições: o neoliberalismo. De acordo com Han (2021), o neoliberalismo se interessa e estimula cruzadas contra a dor e contra o sofrimento, já que sofrer impede o desempenho – que, como já vimos ao longo desse capítulo, é o que mais importa às diretrizes neoliberais.

É baseado nessas percepções que Han (2021) fala de uma *felicidade neoliberal*: algo parecido com um ideal utópico que está colado no horizonte existencial na sociedade do desempenho. Essa felicidade neoliberal é obtida por meio de um esforço que precisa ser sempre

maior, por meio da eliminação compulsória do desagradável que se manifesta no corpo, seja em termos de saúde ou estéticos; e por meio do autoaperfeiçoamento e otimização constantes. Azize (2002) é um autor que explora essa ideia: ao longo de sua dissertação, ele vai argumentando acerca de uma tendência cada vez mais comum de medicamentos que são produzidos e consumidos, não para curar ou tratar um determinado estado, mas sim para melhorar performances e garantir qualidade de vida. Em outro momento, Azize (2012) diz:

Parece hoje evidente que medicamentos não ocupam um lugar simples e óbvio em mecanismos de diagnóstico e tratamento ou como parte do binômio saúde/doença. Os usos de medicamentos para fins de melhoramento sexual ou cognitivo, apenas para citar exemplos particularmente mais visitados, implodiu esta lógica e demonstrou que também as drogas chamadas legais podem ser usadas não apenas para lidar com a extensão da vida, mas também com suas intensidades. O uso tão comum da expressão “qualidade de vida” para se referir a um bom motivo para lidar de forma química com um determinado estado físico e/ou mental ajuda a pensar que estamos muito além de uma oposição simples entre normalidades e patologias (Azize, 2002). Nossos medicamentos circulam também hoje por uma gestão contínua da saúde, por uma construção farmacológica do sujeito, para agenciamentos que dialogam com a lógica biomédica, mas que estão para além dela. (p. 135).

Obviamente o mercado surge nesse contexto como o fornecedor de mercadorias de todos os tipos, que eliminam o desagradável e que contribuem para a otimização e o autoaperfeiçoamento. Tudo pensando no desempenho e no fim último: o que ele chama de felicidade neoliberal.

Esse modelo de felicidade elaborado pelo neoliberalismo habita no imaginário social e cultural, e os indivíduos são obrigados a observá-lo em todos os lugares:

na televisão e no rádio, em livros e revistas, nas academias de ginástica. Nas dicas de alimentação e dieta. Nos hospitais, no trabalho, na guerra, nas escolas, nas universidades. Na tecnologia, na internet. Nos esportes? Em casa, na política e, claro, nas gôndolas do supermercado (CABANAS & ILLOUZ, 2022, p. 12).

Esse cenário acaba por transformar a forma como percebemos a felicidade, tida agora como o único objetivo que merece ser alcançado, o único parâmetro pelo qual uma vida deve ser avaliada como boa ou não. Em nossa sociedade do desempenho e neoliberal, a imagem de um bom cidadão, definitivamente, não combina com a imagem de uma pessoa triste e melancólica, mas, sim, com a de alguém com um sorriso largo no rosto, que demonstra iniciativa, inteligência emocional e motivação. Vivemos, de acordo com o psicólogo espanhol Edgar Cabanas e com a socióloga marroquina Eva Illouz (2022), em uma *happycracia*.

Nessa sociedade *happycrática*, ser feliz está associado à produtividade e a ser funcional, enquanto a tristeza e o sofrimento se associam à preguiça ou à doença e/ou transtorno, que podem ser resolvidos com algumas visitas a profissionais do humor e das emoções e com uma

visita na farmácia mais próxima. Dessa forma, estar feliz e bem é, acima de tudo, uma escolha pessoal que precisa se sobrepor a todo o contexto social vivido pelo sujeito.

Para Cabanas e Illouz (2022), esse ideal de felicidade foi bastante incentivado por toda uma cultura de agentes formados por “escritores de autoajuda, *coaches*, empresários, organizações e fundações privadas, Hollywood, *talk-shows*, celebridades e, é claro, psicólogos” (p. 16, 17), o que revela todo um mercado por detrás da busca pela felicidade. Apesar do envolvimento de todos esses agentes, Cabanas e Illouz (2022) responsabilizam as ciências psicológicas em grande medida por todo esse cenário:

De acordo com esses psicólogos, todos os indivíduos são movidos pelo ímpeto de serem felizes, de modo que a busca da felicidade deveria ser vista não apenas como natural, mas como a expressão mais elevada da realização de um ser humano. As “ciências psicológicas”, diziam, já havia tocado em alguns dos principais fatores que poderiam ajudar as pessoas a terem uma vida mais feliz, e todos poderiam se beneficiar de suas descobertas se seguissem os conselhos simples, mas de eficácia comprovada, dos especialistas. A ideia não era nenhuma novidade, mas, vinda dos quartéis-generais das ciências psicológicas, parecia valer a pena levá-la a sério. Em questão de anos, o movimento já tinha alcançado o que nenhum outro grupo conseguira: a felicidade estava no topo das prioridades acadêmicas, integrando a pauta social, política e econômica de muitos países (p. 17).

Esse ideal de felicidade incentivado, sobretudo, pelas ciências psicológicas que estão a serviço das diretrizes neoliberais, é individualizada e despolitizada. A missão de conquistá-la é do tipo *faça você mesmo e sozinho*, ou seja, não é um estado que se chegue através de esforço comunitário. A contrapartida é que o fracasso – o oposto de não ser feliz e estar bem, de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo neoliberalismo – também é individual.

Caso não esteja claro, na sociedade do desempenho, a felicidade e o bem-estar não são acontecimentos da vida, mas sim, estados, formas de ser. Por isso que no instante em que o indivíduo sofre e se sente mal, o espectro do fracasso já se abate sobre ele, principalmente se essa for uma condição da qual ele não consegue sair – e tudo se organiza, política e economicamente, para que ele de fato não saia (CABANA & ILLOUZ, 2022; HAN, 2021; 2018; 2017c).

Acontece que se alegrar, sofrer, adoecer, se incomodar e mais uma série de acontecimentos são condições inerentes à existência da vida, algo inescapável. Contudo, nesse modelo de felicidade neoliberal que se manifesta através da apatia, da anestesia, da *não-afetação* e da falta de abertura à dor e ao sofrimento, nós – pessoas condenadas a reagir ao mundo que nos cerca – nascemos, vivemos e morremos como fracassadas, independentemente de nossas conquistas. De acordo com Han (2021), as diretrizes neoliberais que orientam nossa sociedade nos infligem uma culpa impossível de ser expiada. A felicidade neoliberal é a

expição sempre prometida, mas nunca alcançada totalmente. E a algofobia é o indicativo de que essa racionalidade, enfim, se estabeleceu na mente dos indivíduos.

Identificar o comportamento algofóbico e os ideais contemporâneos de felicidade, bem-estar e até de saúde mental, sob o conceito de felicidade neoliberal, são marcos simbólicos muito importantes para a discussão proposta em *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021).

O número elevado de pessoas em condição de sofrimento físico e mental em nossa sociedade, que dão demonstração de profundo cansaço, de muita tristeza, de ansiedade elevada, de bastante dificuldade para dormir ou acordar, de estarem em condição de medo ou mania etc., tem mostrado que o comportamento algofóbico e o projeto de felicidade neoliberal são, na verdade, um projétil apontado para a cabeça dos indivíduos. Um projétil que, para Han (2021), é disparado pelos próprios indivíduos em seu *mais* de desempenho – que se manifesta na exaustação e nos problemas psicológicos que ele causa – e no *menos* de desempenho – que se manifesta no fracasso e nos problemas psicológicos que ele também causa; e é disparado também pelas instituições, entre elas as de saúde, que por influência das diretrizes neoliberais, associam sofrimento e dor com anomalias, marcas repulsivas, doenças, transtornos, síndromes etc.

Mas, na sociedade paliativa e de desempenho, há ainda o que Han (2021) chama de *valor supremo*, maior até do que esses ideais de felicidade e bem-estar, a saber, a *sobrevivência*. Inclusive, essa angústia generalizada diante da dor – que estimula uma busca por formas de existir que são apáticas e anestesiadas, mas vendidas como sendo a maneira autêntica de ser feliz – faz parte dessa racionalidade que estimula a sobrevivência como um valor supremo; até porque, se entende que a sobrevivência depende de uma saúde fortalecida, por isso, a busca por sobreviver é, em última instância, uma busca pela saúde perfeita – o que indica que saúde também é um valor absoluto nessa sociedade paliativa do desempenho.

A sobrevivência foi absolutizada na sociedade paliativa e de desempenho. Apenas sobreviver, ou seja, prolongar a vida ao máximo, importa. De acordo com Han (2021), nossa vida está completamente enrijecida, reduzida e esvaziada na sobrevivência enquanto uma conquista, um valor. Se não há espaço para a dor, o sofrimento e o desagradável, é porque, em última instância, não há espaço para a morte. Na perspectiva do autor, a *histeria por sobreviver* a todo custo nos faz abrir mão de coisas que nos são importantes.

Os meios para uma existência cada vez mais prolongada passam, inevitavelmente, pelo campo da saúde. Eis aí as razões pelas quais Han (2021) se interessa pelas narrativas médicas, psiquiátricas e psicológicas: são os saberes que se colocam, de alguma forma, como as vias diretas para se alcançar tal valor supremo, embora não as únicas.

A *histeria por sobrevivência* fornece as brechas necessárias que os saberes médicos, psiquiátricos e psicológicos precisavam para reduzir a existência humana em processos biológicos. O neoliberalismo, por sua vez, se aproveita dessa movimentação e a incentiva, pois o corpo apenas como uma realidade biológica pode ser levado ao limite através de otimizações e aperfeiçoamentos, o que melhoraria o desempenho e a produtividade. Nesse momento, os interesses médicos e os interesses neoliberais começam a se alinhar.

Para Han (2021), a sobrevivência como um valor supremo, alimentada por esse alinhamento entre medicina e neoliberalismo, degradou a vida, pois a reduziu a *uma função*. Para que a vida seja prolongada vale tudo: manter a alimentação dentro de uma faixa calórica, independentemente da fome; dormir uma determinada quantidade de horas fixas, pois tanto o mais quanto o menos podem reduzir *tempo de vida*; medicar-se para não precisar lidar com a manifestação da dor, do sofrimento e do desagradável. A questão é que quem tem a jurisdição para determinar esses padrões é a medicina moderna, padrões esses muito úteis ao neoliberalismo.

Uma ideia aparece desde o início da filosofia de Han, como se pode ver em *Morte e Alteridade* (2020), ressurgue em *Topologia da Violência* (2017d) e é reforçada aqui em *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021): a acumulação de capital também é interpretada como um meio, simbólico, de evitar a morte. O *mais* do capital equivale ao *menos* da morte; por isso, para Han (2021; 2017d), se economiza capital para não morrer, em última instância. E a única maneira de se economizar e acumular capital, pelo menos para quem está na parte de baixo da hierarquia social, é aumentando seu desempenho e produtividade no máximo de áreas possíveis.

Independente do caminho escolhido para a sobrevivência, todos terminam em uma produção capitalista cada vez mais compulsória. Nessa direção, Han (2021) afirma que

A sociedade dominada pela histeria da sobrevivência é uma sociedade dos mortos-vivos. Estamos vivos demais para morrer e mortos demais para viver. No cuidado exclusivo com a sobrevivência nos igualamos ao vírus, esse morto-vivo que apenas se multiplica, ou seja, sobrevive sem viver (p. 38).

Essa metáfora do *morto-vivo* aparece também em *Agonia do Eros* (2017a), outro livro do filósofo sul-coreano. Lá, Han (2017a) invoca a lenda do *Holandês Voador*, um navio pirata que navegava pelos mares carregando mortos-vivos, para ilustrar isso que nossa sociedade se tornou:

O navio *Holandês Voador*, cuja tripulação, como conta a lenda, consiste de zumbis pode ser tomada como analogia para a sociedade do cansaço de hoje. O *Holandês Voador*, que navega “sem rumo, sem descanso, sem paz” “como uma seta” se equipara ao sujeito de desempenho esgotado e depressivo de hoje, cuja liberdade serve como danação de ter de explorar eternamente a si mesmo (p. 53, grifo do autor).

O sujeito do desempenho sobrevive o máximo que pode para poder produzir o máximo que der, entrando em um paradoxo cruel: prolonga seus dias de maneira compulsória para poder ter mais dias para doar voluntariamente aos poderes neoliberais, ou seja, quanto mais vida tem, mais vida se doa ao paradigma do desempenho e quanto mais vida se doa ao paradigma do desempenho, mas vida é preciso ter – o dilema do *homo liber*. Esse ciclo *infernal* não dá lugar a um viver-de-fato, com todas as implicações características da existência. Só há espaço para sobreviver, e isso significa desviar de tudo que atrapalhe o desempenho e a produtividade acelerada e intensa que cada vez mais áreas da vida demandam.

Como foi possível notar, a sobrevivência enquanto valor supremo leva o sujeito do desempenho a desviar de toda experiência que possa remeter a algo sofrido, doloroso e desagradável, em nome de necessidades de desempenho e produtividade que nem são suas, essencialmente. Mas, essa necessidade imperativa de fugir do sofrimento só é possível à custa de muito sofrimento e de muita violência, que, graças ao processo de positividade da sociedade, acaba sendo autorreferente. O sofrimento psíquico/mental pelo qual passa o sujeito do desempenho, profundamente esgotado de si e do mundo, é fruto de uma violência neuronal cometida *nele por ele*, mas que não é percebida dessa forma.

O neoliberalismo, enquanto um poder inteligente, explora a liberdade justamente para que o sujeito do desempenho tenha condições de se violentar cada vez mais, ao mesmo tempo em que acredita que isso é uma grande conquista e realização. As técnicas usadas pelo poder neoliberal para se chegar nesses fins – a psicopolítica – contribuem para o surgimento, consolidação e fortalecimento dessa sociedade do desempenho e do cansaço, que, embora algofóbica, acaba sendo determinante para nossa condição existencial precária, sofrida, dolorosa e por tantas vezes desagradável.

*

Como dissemos no início desse capítulo, nossa escolha por esses quatro livros que aparecem como protagonistas aqui (ainda que outros tenham sido mencionados pelo caminho), se deu pelo fato de que, juntos, eles poderiam fornecer um olhar panorâmico sobre o conjunto da obra de Byung-Chul Han. Os conceitos do autor que trabalhamos aqui de maneira aprofundada nessa parte da dissertação, tais como *sociedade e sujeito do desempenho*, *positividade e negatividade*, *paradigma imunológico e violência neuronal*, *homo liber*, *psicopolítica*, *transparência*, *Panóptico Digital*, *poder inteligente*, *algofobia*, *felicidade neoliberal*, *autoaperfeiçoamento* e *autoexploração*, são bastante explorados nos livros citados,

mas, de certa forma, acabam aparecendo e atravessando toda a obra de Han. Ter conhecimento acerca das discussões abordadas nesses quatro livros do filósofo sul-coreano coloca o leitor e a leitora a par das principais inquietações e conclusões de Han sobre nossa sociedade contemporânea.

Como foi possível perceber ao longo desse capítulo, as discussões de Han se concentram na busca por compreender de que forma nosso sofrimento – não como espécie, mas como coletividade organizada socialmente – se origina no contexto social, cultural, histórico, político e econômico no qual estamos inseridos e como ambos – contexto e sofrimento – se relacionam.

Esse movimento visto nos livros do autor que foram apresentados aqui, é bastante semelhante com os movimentos que encontramos dentro da própria Saúde Coletiva, que surge no país, ainda nas primeiras décadas da segunda metade do séc. XX, como uma força social localizada na direção contrária das políticas de saúde privatizadas e autoritárias de um país governado de forma ditatorial. Para se estabelecer como uma área do saber, ao mesmo tempo em que se desvincula das narrativas biomédicas hegemônicas, a Saúde Coletiva precisou enxergar no processo saúde-doença uma determinação social e histórica e estabelecer isso como uma importante diretriz (OSMO & SCHRAIBER, 2015). Em suma, a forma como o filósofo sul-coreano conduz suas análises parece bastante alinhada com o que ocorre dentro de estudos e pesquisas que buscam pensar a saúde de um indivíduo ou de uma determinada coletividade, como um acontecimento, também, de ordem social. Vale lembrar que Han também se esforça para ir além das explicações hegemônicas sobre nosso sofrimento, principalmente por considerar, como foi mostrado, que há uma influência forte da ideologia do mercado sobre essas narrativas em saúde.

Tendo em vista que essa forma de pensar saúde interessa campos de saber e prática diferentes, como a Saúde Coletiva, mas também a Saúde Mental, por exemplo, as discussões presentes na obra de Byung-Chul Han despontam com um potencial interessante para trazer contribuições a temas que são de interesse ao campo.

Essa breve apresentação feita acerca dos principais pontos abordados pela filosofia de Han já indicam que pensar em saúde é uma das grandes preocupações do filósofo sul-coreano. Como foi possível notar, o projeto filosófico de Han busca oferecer análises que vão da degradação física e mental dos indivíduos contemporâneos até a elevação da saúde a um valor supremo. O autor traz contribuições para se pensar na paisagem patológica formada por doenças, compreendidas por ele, como neuronais; aborda questões que alcançam a dinâmica do trabalho; identifica uma mudança na topologia da violência em nossa sociedade e descreve de que forma isso nos afeta; e adentra em debates mais sistêmicos sobre saúde, problematizando a

forma como nossa sociedade se relaciona com questões dolorosas e desagradáveis, questionando a forma como saberes em saúde atuam e quais são seus interesses.

Mas será que os pesquisadores e as pesquisadoras que estudam temas de diferentes áreas da saúde no Brasil, sobretudo na Saúde Coletiva, também enxergam relevância na obra de Han? Como o autor tem sido utilizado para pensar tais temas? Quais aspectos e conceitos de sua obra estão sendo absorvidos? Quais os diálogos e contribuições que estão se desenvolvendo em nosso país a partir de da interseção entre a obra de Han e os debates e pesquisas sobre saúde? Essas perguntas vão orientar a discussão que se realizará no próximo capítulo. Pretendemos respondê-las analisando uma série de artigos que foram selecionados para esse fim.

Os detalhes sobre nossas buscas, as discussões empreendidas, assim como as conclusões que chegamos estão logo a seguir, onde será mostrado os diálogos entre temas em Saúde e a filosofia de Byung-Chul Han, e as contribuições que surgem a partir dessas interseções realizadas.

2 HAN E A PRODUÇÃO ACADÊMICA EM SAÚDE NO BRASIL

Neste capítulo o nosso objetivo se concentra em saber de que maneira a filosofia de Byung-Chul Han tem sido utilizada em artigos com temas que se relacionam com o campo da Saúde Coletiva no Brasil. Quais diálogos têm sido explorados entre temas que atravessam a área da Saúde e o projeto filosófico do autor sul-coreano? É possível dizer que o *efeito Han* apresentado no capítulo anterior alcançou a produção acadêmica e científica em Saúde – mais especificamente, em Saúde Coletiva – no Brasil? São provocações como essas que atravessam este capítulo.

Para achar respostas, foram realizadas diversas buscas em algumas plataformas digitais de armazenamento de periódicos e artigos, a partir de palavras-chave e descritores específicos; selecionamos uma gama de artigos científicos publicados nos últimos sete anos que abordam questões debatidas dentro do campo da Saúde Coletiva e que ao mesmo tempo fazem uso da filosofia de Byung-Chul Han.

Dentre os diálogos e contribuições encontrados nos artigos selecionados e que serão apresentados aqui, destacam-se temas como os impactos causados pela pandemia da Covid-19 no Brasil e como nosso Governo Federal geriu a crise; a forma como os contextos de trabalho que se desenham em nosso país tem causado sofrimentos físicos e psicológicos nos indivíduos; as manifestações contemporâneas de violência, com foco na influência que as conexões digitais exercem sobre o sujeito; os processos de subjetivação que se instauram na sociedade a partir do advento do neoliberalismo; e de que maneira o sofrimento humano, sobretudo o psicológico, tem sido encarado e administrado pelos saberes em Saúde Mental e quais as narrativas que têm sido desenvolvidas a partir dessas questões.

No primeiro momento desse capítulo, apresentamos os detalhes de nossas buscas, os resultados e alguns dados de caráter quantitativo, tais como os livros de Byung-Chul Han mais utilizados pelos pesquisadores e pesquisadoras presentes em nosso levantamento, os anos e áreas de estudos em que esses artigos foram publicados, e como estes textos foram organizados para que se pudesse ser feita uma análise mais ordenada.

No segundo momento desse capítulo, os textos selecionados no levantamento realizado são explorados em uma análise de caráter qualitativo. Cada artigo é apresentado individualmente através de seu título, periódico e ano em que foi publicado. Nos detivemos em expor as principais problemáticas de cada artigo e, com base nelas, apresentamos e analisamos

os diálogos e as contribuições que cada autor e autora encontraram a partir do encontro entre as discussões e os temas de cada texto e a filosofia de Byung-Chul Han.

2.1 Metodologia de Busca, Resultados e os Dados Obtidos

Realizei uma busca em quatro plataformas virtuais diferentes que abrigam artigos científicos: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Periódicos Capes, SciELO e Google Acadêmico. Os termos utilizados ao longo de nossa varredura em todas as plataformas, tanto como descritores ou como palavras-chave, foram Byung-Chul Han, Morte, Desempenho, Violência, Depressão, Psicopolítica, Sociedade do Cansaço, Saúde e Sofrimento. A escolha desses termos se deu por dois motivos. Primeiro, por serem citados com uma frequência considerável na obra de Han como um todo. Outros termos que podem ser importantes em uma obra específica, mas que não ou pouco aparecem em outros livros, como *sociedade paliativa*, *algofobia* ou *atopia*, por exemplo, não foram levados em consideração em nossa escolha de palavras-chave, já que isso poderia restringir bastante nossa busca. Em segundo lugar, essas palavras foram escolhidas por estarem, de certa forma, envolvidas em análises que tentam compreender os atravessamentos sociais e coletivos que organizam a vida objetiva e subjetiva do indivíduo na sociedade contemporânea, e que perpetuam o sofrimento físico/mental dele, como vimos no capítulo anterior.

O levantamento realizado a partir do nome do autor, seus principais conceitos e áreas de pesquisa forneceram um conjunto interessante de artigos. Essa seleção proporcionou um importante vislumbre acerca de como pesquisadores e pesquisadoras no Brasil tem utilizado o autor sul-coreano para pensar questões que se relacionam com temas da saúde.

Em todas as quatro plataformas nas quais fizemos buscas, o filtro ajustado por nós selecionou textos em português, devido ao já citado interesse pelas contribuições brasileiras, e que foram escritos a partir de 2015, ano em que a primeira obra de Byung-Chul Han foi traduzida para o português e publicada no Brasil. Dentre os resultados que surgiram a partir dessa seleção de palavras, buscadas nas plataformas citadas e com os filtros aplicados, 35 artigos diferentes foram selecionados.

No *site* da BVS, as únicas buscas que nos forneceram algum material para análise foi aquela a partir do termo *Psicopolítica* de maneira isolada e outra na qual utilizamos a palavra *Sofrimento* combinada com o nome *Byung-Chul Han*. Como resultado da primeira busca,

surgiram 8 artigos, dos quais selecionamos 2 e da segunda busca foi selecionado apenas 1 artigo entre 67 que apareceram (Tabela 1). É importante reiterar que nossa escolha por estes artigos se deu por estarem dentro dos critérios estabelecidos por nós, ou seja, terem sido escritos em português, terem sido publicados no Brasil após o ano de 2015, terem um tema relevante ao campo da Saúde e fazer algum uso, ainda que mínimo, de algum aspecto da filosofia de Han. Nesse *site*, nenhuma de nossas outras palavras-chaves e suas combinações encontraram algo.

No *site* do *Google Acadêmico*, encontramos artigos importantes para nosso trabalho a partir de cinco combinações diferentes de palavras-chaves: em nossa primeira busca, combinamos os termos *Depressão* e *Byung-Chul Han*, separados pela expressão *AND*, e, a partir dos resultados obtidos, selecionamos 5 artigos (Tabela 1); em nossa segunda busca, utilizamos *Desempenho*, *Byung-Chul Han* e *Saúde* como palavras-chave, sendo ambas separadas pela palavra *AND*, e entre resultados alcançados a partir dessa combinação, selecionamos 1 artigo (Tabela 1); na terceira busca, escolhemos 4 artigos (Tabela 1) que surgiram entre os resultados que foram obtidos a partir da busca que realizamos tendo *Morte* e *Byung-Chul Han* como palavras-chaves, separadas pelo termo *AND*; na quarta busca que realizamos nesse *site*, *Violência*, *Byung-Chul Han* e *Saúde* foram as palavras-chaves utilizadas, sempre separadas pelo *AND*, o que resultou na seleção de 2 artigos (Tabela 1); e na última optamos por combinar as palavras *Sufrimento AND Byung-Chul Han*, e isso nos rendeu 3 artigos para o nosso levantamento (Tabela 1). Todos os 15 artigos que selecionamos nesse *site* respeitaram os critérios já mencionados anteriormente.

Na plataforma de Periódicos da CAPES, realizamos buscas que contaram com combinações semelhantes às aquelas realizadas no *site* do *Google Acadêmico*: a busca por *Depressão AND Byung-Chul Han* identificou 27 resultados, dos quais selecionamos 2 artigos (Tabela 1); já a combinação *Desempenho AND Byung-Chul Han AND Saúde* encontrou 27 artigos, e consideramos que desse número, 4 estavam dentro de nosso recorte, por isso foram selecionados (Tabela 1); na busca por *Morte AND Byung-Chul Han*, selecionamos 4 artigos (Tabela 1) entre os 37 que foram encontrados; *Violência AND Byung-Chul Han AND Saúde* foi a combinação que mais encontrou artigos, sendo 42 no total, entretanto, apenas 1 foi selecionado (Tabela 1); também buscamos por *Sufrimento* e *Byung-Chul Han*, separados pela expressão *AND*, e dos 18 artigos que surgiram como resultado, selecionamos 1, por estar dentro de nossa delimitação (Tabela 1); por fim, foi realizado uma busca usando apenas o termo *Sociedade do Cansaço* e dos 50 resultados obtidos, selecionamos 2 artigos. Os 14 artigos selecionados nesse *site* estão de acordo com os critérios que estabelecemos como recorte.

A nossa última busca foi realizada na plataforma SciELO. Buscamos primeiramente por *Sociedade do Cansaço*, e, dos 7 artigos encontrados, selecionamos 2. Depois buscamos por uma combinação entre *Sofrimento* e *Byung-Chul Han*, o que nos gerou um resultado de 60 artigos, dos quais selecionamos 1 (Tabela 1). Todas as outras palavras-chaves, usadas sozinhas ou combinadas não encontraram nenhum resultado relevante.

Os artigos não selecionados, não se adequaram a parte do recorte estabelecido, ou seja, alguns não apresentavam discussões relevantes a saúde ou não abordavam o cenário brasileiro.

Tabela 1 – Artigos selecionados

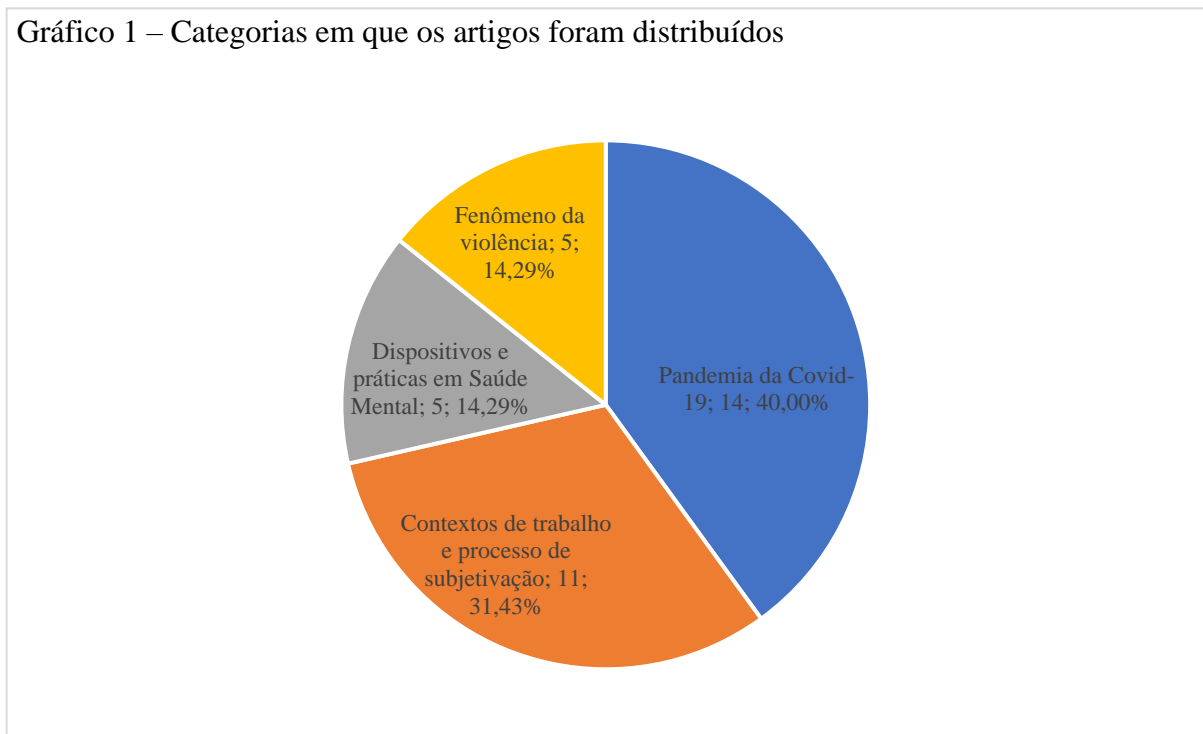
Sites em que ocorreram as buscas:	Palavras-chaves e combinações usadas:	Artigos selecionados:
BVS	Psicopolítica	1) Da violência Psicopolítica na Contemporaneidade: uma análise das dimensões afetivas 2) Neoliberalismo, Psicopolítica e Capitalismo da Transparência
	Sofrimento AND Byung-Chul Han	1) O (des)governo na Pandemia de COVID-19 e as Implicações Psicossociais: disciplinarizações, sujeições e subjetividade
Google Acadêmico	Depressão AND Byung-Chul Han	1) A Lógica Imunológica Segundo Byung-Chul Han 2) Ensaio Sobre o Trabalho Docente na Pandemia Covid-19, Norteadado Pela Obra “Sociedade do Cansaço” de Byung-Chul Han 3) Psicopolítica e Mal-Estar na Contemporaneidade 4) Reflexões Sobre o Trabalho Docente: o mal-estar da performatividade na sociedade do cansaço 5) Triste Psicotrópicos: colapso climático, colapso mental
	Desempenho AND Byung-Chul Han AND Saúde	1) O Luto Como Subversão na Sociedade de Desempenho
	Morte AND Byung-Chul Han	1) Byung-Chul Han Como Elo Interseccional Entre Hannah Arendt, Giorgio Agamben e Michel Foucault 2) Byung-Chul Han em Cena: formulações e deformações 3) O Que o Pós Pandemia Nos Reserva? A sociedade paliativa de Byung-Chul Han 4) Sociedade do Excesso: a pandemia da indiferença
	Violência AND Byung-Chul Han AND Saúde	1) A Violência Simbólica na Sociedade do Cansaço do Século XXI 2) Violência e Liberdade no Mundo Digital
Periódicos Capes	Sofrimento AND Byung-Chul Han	1) Dor, Sofrimento e Escuta Clínica 2) Governamentalidade, Biopolítica e Vida Precária: a pandemia de COVID-19 no Brasil 3) Saúde Mental, Subjetividade e o Dispositivo Psicofarmacológico Contemporâneo
	Depressão AND Byung-Chul Han	1) Tecnologias Digitais, Subjetividade e Psicopatologia: possíveis impactos da pandemia 2) Tempo, Depressão e Sociedade <i>Deadline</i> : um diálogo entre Han, Rosa e Bauman
	Desempenho AND Byung-Chul Han AND Saúde	1) As Linguagens do Novo Capitalismo: os casos exemplares da Endeavor Brasil, Artemisia e Ashoka Brasil

	<p>2) Do <i>Homo Oeconomicus</i> ao Sujeito de Desempenho: trajetória do sujeito no modelo neoliberal nos pensamentos de Foucault e Byung-Chul Han</p> <p>3) Infodemia na Sociedade do Desempenho: entre o mural panfletário e o panóptico digital</p> <p>4) Trabalho, Educação e Juventudes: diálogo com o pensamento social de Christian Laval e Pierre Dardot</p>
Morte AND Byung-Chul Han	<p>1) Covid-19 e Saúde Mental: abordagens do pensamento crítico</p> <p>2) “Estar na Hora do Mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos</p> <p>3) O Mundo em Tempos de Pandemia: certezas, dilemas e perspectivas</p> <p>4) Por Uma Filosofia do Presente: sobre a pandemia, reificação do tempo, poética e uma utopia do tempo que vem</p>
Sociedade do Cansaço	<p>1) A Violência Sistêmica e Autoexplorativa do Empresário de Si: o paradoxo da liberdade no <i>ethos</i> neoliberal e o consequente adoecimento psíquico na sociedade do cansaço</p> <p>2) Uma Análise Discursiva de Ementas de Psicopatologia em Cursos de Psicologia</p>
Violência AND Byung-Chul Han AND Saúde	<p>1) A Forças Conservadoras da Vida Como Possibilidade de Enfrentamento à Dialética Opressão/Insurgência em Face a Cultura de Paz</p>
Sofrimento AND Byung-Chul Han	<p>1) Metáforas de Um Vírus: reflexões sobre a subjetivação pandêmica</p>
SciELO	<p>Sociedade do Cansaço</p> <p>1) A Educação, a Pandemia e a Sociedade do Cansaço</p> <p>2) Epidemia de Drogas Psiquiátricas: tipologias de uso na sociedade do cansaço</p>
	<p>Sofrimento AND Byung-Chul Han</p> <p>1) O novo Espírito da Depressão: imperativos de autorrealização e seus colapsos na modernidade tardia</p>

Como é possível perceber a partir do Gráfico 1, a seguir, os 35 artigos selecionados para análise foram separados em 4 grandes categorias de acordo com os temas sobre os quais eles tratam: “Pandemia da Covid-19”, “Contextos de trabalho e processos de subjetivação”, “Dispositivos e práticas em Saúde Mental” e “Fenômeno da violência”.

A categoria com temas relacionados à pandemia da Covid-19 foi a que teve mais concentração de artigos, 14 ao todo, o que equivale a 40% dos textos selecionados (Gráfico 1). Nos textos que compõem esta categoria são encontradas discussões que se debruçam sobre temas como educação, trabalho docente, saúde mental, Governo Federal, infodemia, luto e psicotrópicos e desastres ambientais, todos debatidos dentro do contexto pandêmico; conceitos filosóficos de Byung-Chul Han ou de outros pensadores e pensadoras também aparecem com frequência nesta categoria, tais como sociedade do cansaço, paradigma imunológico, biopolítica, psicopolítica e sociedade do desempenho.

Gráfico 1 – Categorias em que os artigos foram distribuídos



A categoria que aborda textos sobre contextos de trabalho e processos de subjetivação tem a segunda maior concentração de artigos: são 11 ao todo, representando 31,43% do levantamento bibliográfico realizado (Gráfico 1). Os artigos desta categoria focam em temas como violência, precarização, capitalismo, linguagem, trabalho docente e educação, sempre dentro do contexto laboral. Nessa categoria há também uma análise acerca do processo de subjetivação contemporâneo a partir de temas como conservadorismo, opressão, saúde mental, tecnologias digitais, neoliberalismo, psicopatologias e drogas psiquiátricas, aqui entendidas como produtos de um dispositivo farmacológico. Auto exploração, empresário de si, *homo oeconomicus* e sujeito de desempenho são alguns dos conceitos filosóficos que aparecem nesta categoria, sendo alguns deles bastante utilizados pelo filósofo sul-coreano.

Uma outra categoria foi criada para textos que focam em questões que se relacionam com dispositivos e práticas em Saúde Mental. Nela há uma concentração de 14,29% dos artigos

selecionados no nosso levantamento, ou seja, 5 artigos (Gráfico 1). Os temas debatidos nesta categoria são dor, sofrimento, práxis e epistemologia psicológica e psiquiátrica, drogas psiquiátricas, depressão, *burnout* e psicopatologia enquanto uma área do conhecimento.

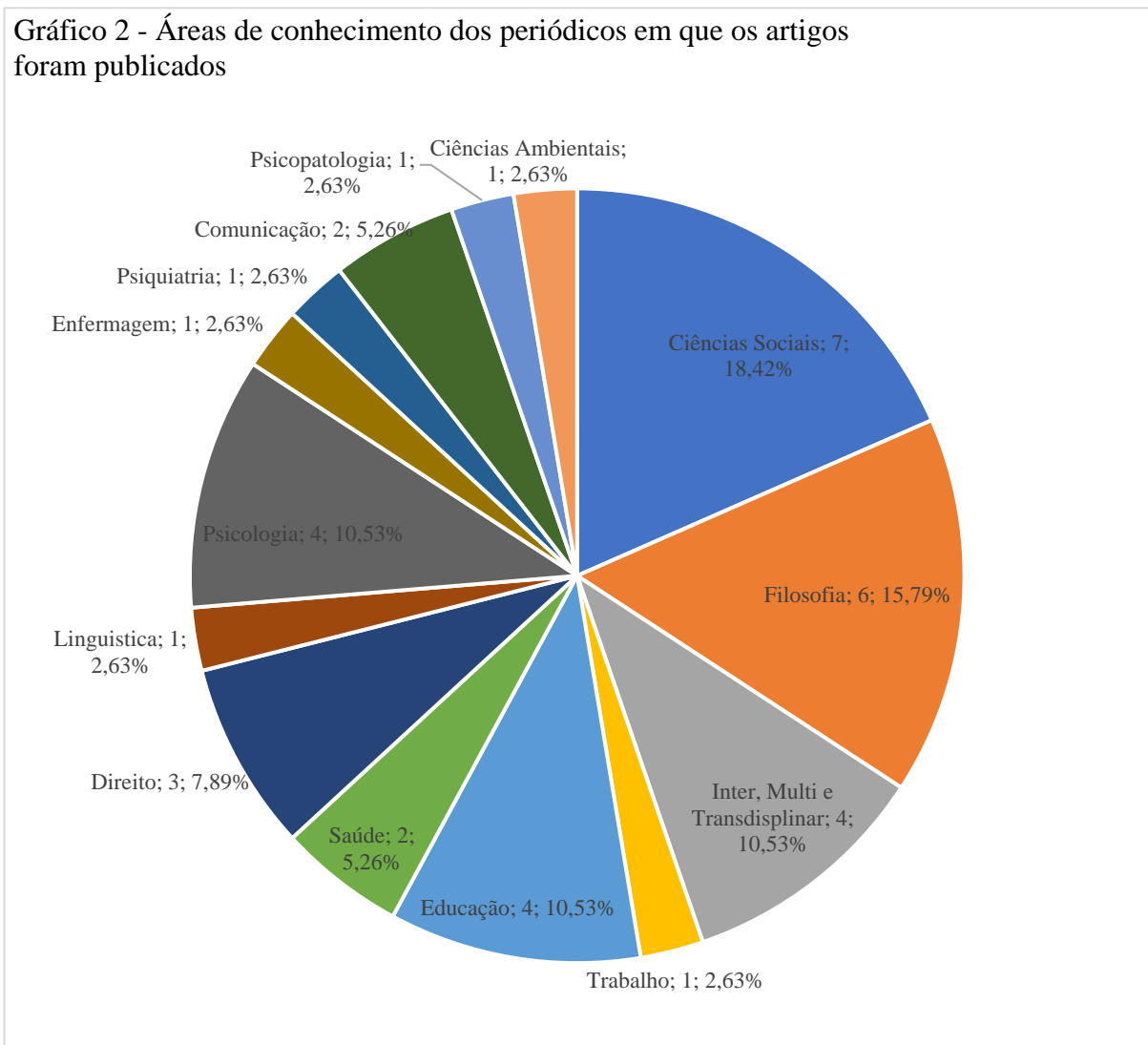
Os 5 artigos restantes carregam como tema central o fenômeno da violência, portanto, 14,29% dos textos selecionados (Gráfico 1). Os artigos desta categoria debatem sobre violência, especificamente, dentro dos contornos encontrados na obra de Byung-Chul Han, ou seja, o fenômeno violento aqui é analisado a partir dos pressupostos que vivemos em uma sociedade digitalizada, transparente e psicopolítica. Temas como neoliberalismo, capitalismo, redes digitais e mal-estar serão bastante discutidos. Conceitos muito utilizados pelo filósofo sul-coreano, como negatividade e positividade, psicopolítica, transparência, autoexploração e sociedade do cansaço são frequentes nesta categoria.

Em todos os artigos, o filósofo Byung-Chul Han surge de alguma maneira: em algumas vezes como a principal referência do trabalho em questão e em algumas outras como apenas um autor entre muitos. Na maioria dos textos as reflexões elaboradas pelo filósofo sul-coreano são usadas para embasar o argumento principal do artigo, enquanto na menor parte dos trabalhos selecionados, a produção do filósofo surge apenas para ser refutada ou problematizada.

Todas essas categorias do Gráfico 1 correspondem, de certa forma, a temas de pesquisa e interesse que circulam em debates dentro da Saúde Coletiva, assim como também na Saúde Pública e na Saúde Mental. A presença de Han nesta seleção de artigos sinaliza que aquilo que é dito pelo filósofo sul-coreano tem apresentado relevância em debates sobre saúde, de uma maneira geral, independentemente de os artigos estarem concordando com sua filosofia ou não.

Apesar deste fato, não foram encontrados artigos que abordem qualquer aspecto do projeto filosófico de Byung-Chul Han em periódicos específicos do campo da Saúde Coletiva. Como é possível notar no Gráfico 2, há apenas 2 artigos (5%) que foram publicados por periódicos da área da saúde, mas que não focam em nenhum campo específico. Quatro artigos (11%) são encontrados em revistas de Psicologia, e em revistas de Enfermagem, Psicopatologia e Psiquiatria podemos ver apenas 1 artigo em cada, somando, ao todo, 9% do levantamento realizado (Gráfico 2). Os artigos que selecionamos foram publicados, em sua maioria, em periódicos de Ciências Sociais – 7 artigos (18%) – e de Filosofia – 6 artigos (16%), conforme o Gráfico 2²⁵.

Gráfico 2 - Áreas de conhecimento dos periódicos em que os artigos foram publicados



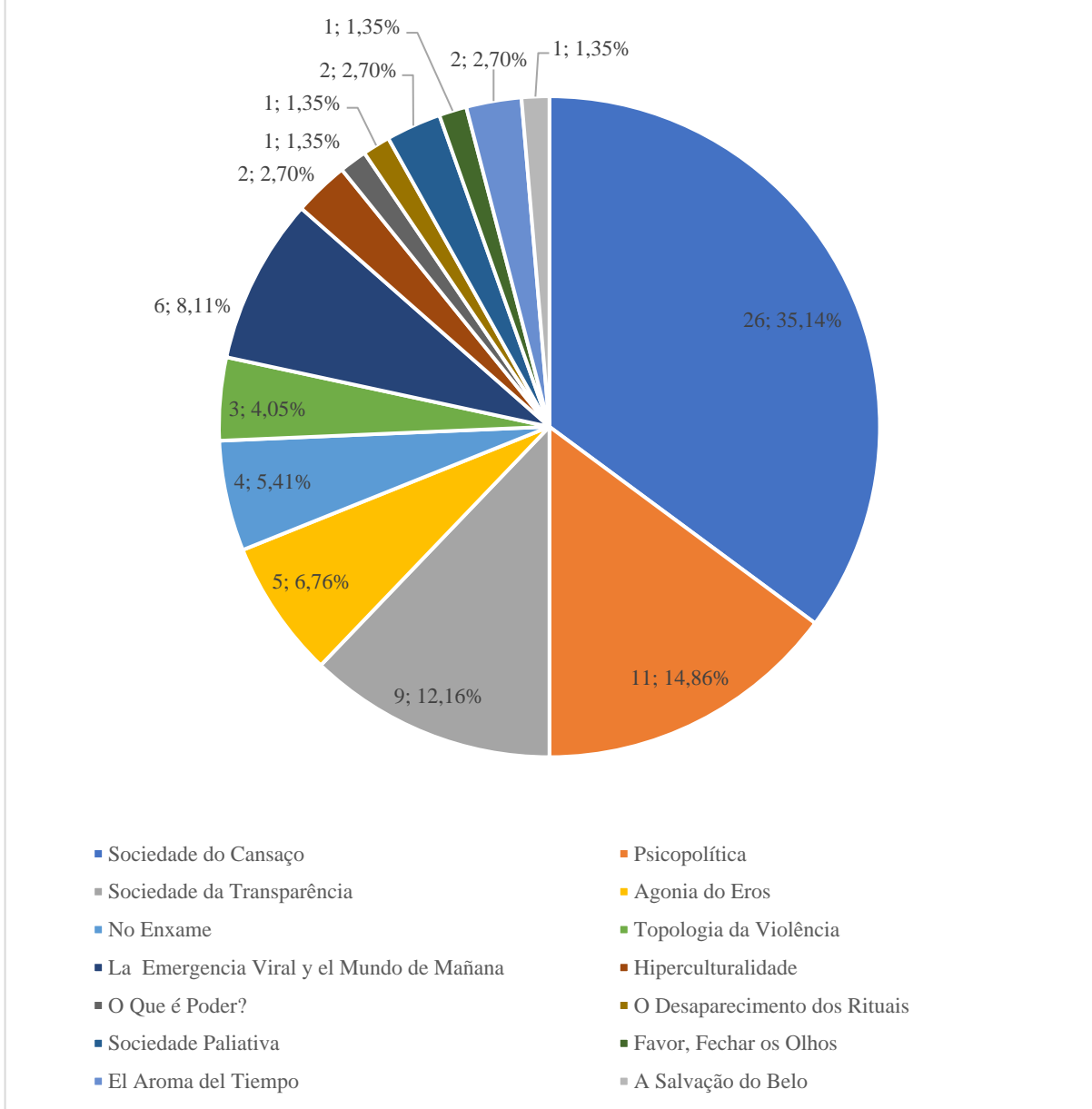
²⁵ Vale uma explicação importante sobre o Gráfico 2: é possível perceber que na divisão de áreas do conhecimento, existe uma categoria para Psicologia, uma para Psiquiatria, uma para Enfermagem, uma para Psicopatologia e uma para Saúde. É possível argumentar se a categoria Saúde já não seria suficiente para enquadrar as outras categorias citadas. Entretanto, essa distinção de categorias foi feita com base na forma como os próprios periódicos se identificam em seus *sites*. Enquanto há periódicos que se definem de maneira específica, como sendo de Psicologia ou Enfermagem, por exemplo, há outros com uma definição mais generalista, se resumindo apenas em um periódico da área da Saúde.

Já no gráfico 3, se destacam os livros e textos de Byung-Chul Han que foram utilizados nos artigos que selecionamos em nosso levantamento: foram 13 livros (12 traduzidos para o português e publicados no Brasil e 1 em espanhol) que apareceram ao longo dos 35 artigos que lemos.

No topo da lista é possível ver *Sociedade do Cansaço* (2017c) aparecendo em 26 artigos diferentes (35%), uma maioria considerável (Gráfico 3). Isso confirma aquilo que já foi mostrado no capítulo 1 dessa pesquisa, acerca da importância deste livro na obra do filósofo sul-coreano ao menos, sem dúvida, na recepção que a sua obra tem no Brasil. Pelo menos para pesquisas e trabalhos que estão se debruçando sobre temas dentro da área da Saúde e que enxergam na filosofia de Han um forte potencial analítico, *Sociedade do Cansaço* (2017c) ainda é o livro de maior importância do autor para se levar em consideração.

O segundo livro de Han mais utilizado em nosso levantamento de artigos foi *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), aparecendo em 11 artigos

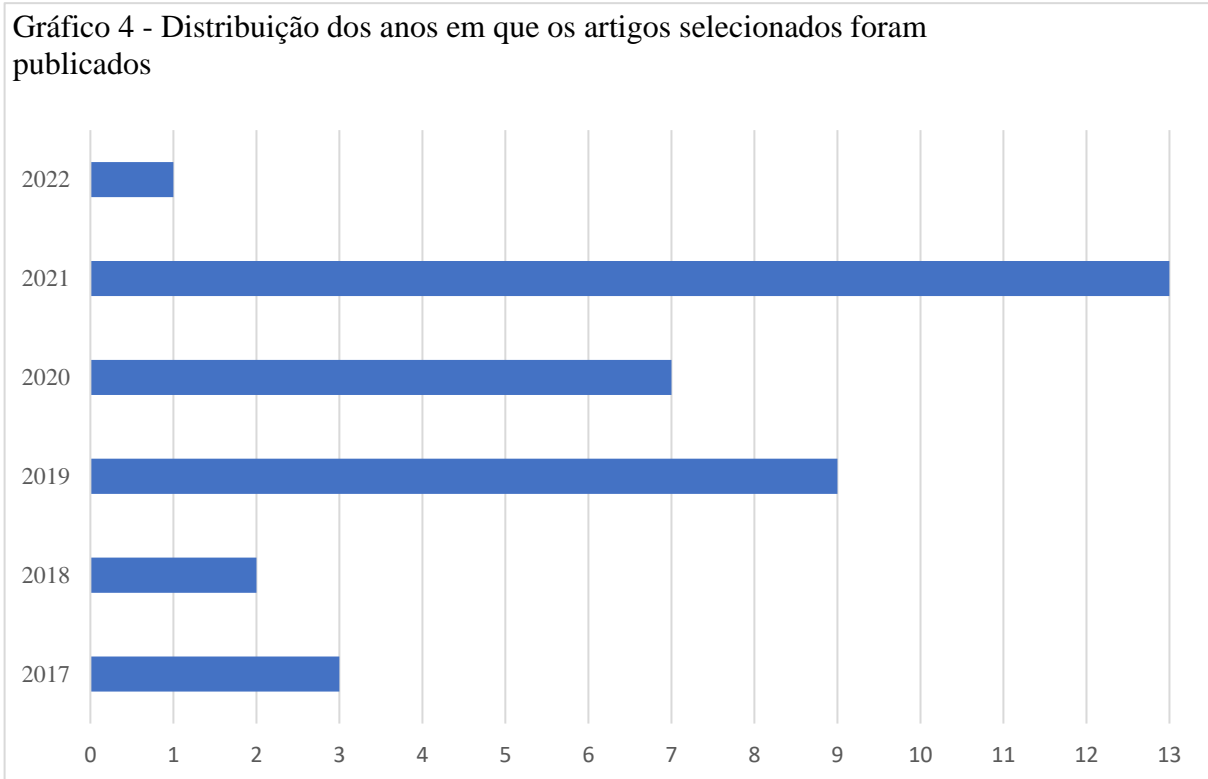
Gráfico 3 - Livros de Byung-Chul Han utilizados nos artigos selecionados



diferentes, o equivalente a 15% (Gráfico 3). E em terceiro, *Sociedade da Transparência* (2017b), livro que foi citado em 9 artigos (12%) entre os 35 selecionados (Gráfico 3).

Como já foi destacado anteriormente, o recorte estabelecido para o levantamento se concentrou na produção de publicações científicas que se deu a partir de 2015, por ter sido o ano em que um livro de Byung-Chul Han foi publicado pela primeira vez no Brasil. O Gráfico 4 mostra a distribuição dos anos em que os artigos que selecionamos foram publicados. Nosso

levantamento indica mais publicações no ano de 2021, com 13 artigos publicados, seguido de 2019 com 9 artigos e 2020 com 7 (Gráfico 4).



Agora, partindo para uma analítica de carácter qualitativo sobre o levantamento bibliográfico realizado e mostrado aqui, vamos buscar compreender como Han tem sido lido, interpretado e apropriado pelos pesquisadores e pesquisadoras dos artigos em questão. Escolhemos fazer isso dividindo esta análise por assuntos e o primeiro deles vai ser a pandemia da Covid-19, que, conforme indicado no GRÁFICO 1, figura como o principal assunto entre os artigos seleccionados, o que faz deste tema um bom ponto de partida.

2.2 Análise Qualitativa dos Resultados: a filosofia de Han em diálogo com temas em Saúde no Brasil

2.2.1 A pandemia da Covid-19: a gestão do Governo Federal e os impactos pandêmicos e infodêmicos na vida do sujeito na sociedade do cansaço

Como indicado no Gráfico 1, a pandemia da Covid-19 figura como o principal assunto entre os artigos que foram selecionados: foram 14 artigos ao todo, com análises sobre diversos âmbitos do contexto pandêmico, como será mostrado neste tópico, e sempre tendo Byung-Chul Han como uma das referências dos textos. A relevância deste tema para o campo da Saúde e para os pesquisadores e pesquisadoras que estão lendo a obra do filósofo sul-coreano, pelo menos como indicado em nossa busca bibliográfica, coloca este assunto como um bom ponto de partida em nossa investigação acerca de como Han tem sido utilizado em textos e artigos que se propõem a pensar questões que dialogam com a Saúde Coletiva, ainda que estes textos não tenham sido encontrados em periódicos específicos do campo.

A revista *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*²⁶ publicou em 2021 uma edição cujo texto editorial é assinado por Dias (2021) e denominado como *A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço*. O texto tem como objetivo pensar como contextos educacionais diferentes se organizaram em um mundo marcado pela pandemia de um lado e pela *sociedade do cansaço* do outro.

Dias (2021) começa sua análise expondo as principais características da chamada sociedade do cansaço, manifestada pela intensidade, quantidade e velocidade sempre crescentes em que as coisas acontecem e precisam acontecer, e pelo profundo esgotamento que essa dinâmica causa nos indivíduos. Neste cenário, as pessoas inquietas e hiperativas são as mais valorizadas socialmente, justamente pela capacidade de realizar muitas tarefas e, algumas vezes, de forma simultânea.

A autora parte da ideia de que determinados aspectos do que Han denomina sociedade do cansaço e do desempenho se acentuaram com a pandemia. De acordo com a autora, para além da depressão, da ansiedade e insônia, o novo coronavírus não apenas provocou novas condições de esgotamento físico e mental como potencializou outras condições que já existiam antes da pandemia. A Covid-19 colocou o cansaço como condição básica de existência entre pessoas contagiadas, não infectadas e saradas:

Os contagiados padecem de extremo abatimento e esgotamento; para os curados, uma das sequelas é justamente a síndrome da fadiga, que vai além do simples cansaço. Os saudáveis em home office se cansam mais do que quando trabalham presencialmente, já que é um trabalho que carece de rituais e de estruturas temporárias fixas. É esgotante trabalhar sozinho, na frente da tela do computador, e a falta de contatos sociais é exaustiva (DIAS, 2021, p. 565, 566).

Se, no primeiro momento da pandemia, houve uma espécie de desaceleração global marcada pela circulação restrita, atividades paralisadas e mudanças de hábitos, para Dias

²⁶ ISSN: 0104-4036. Este periódico é classificado com Qualis A1 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

(2021), assim que o mundo começou a se reorganizar para poder continuar funcionando apesar do vírus, todas as características da sociedade do desempenho se acentuaram: o isolamento social reforçou as relações de positividade; o *home-office* exigiu uma hiperatividade e uma hiperatenção dos indivíduos que se dividiam em tarefas de casa e do trabalho; inquietação e ansiedade devido ao novo contexto social; pânico gerado pelo vírus que poderia estar em qualquer embalagem, maçaneta e aperto de mão; e, ao mesmo tempo, houveram uma grande quantidade de dicas e estratégias por parte de empresas, perfis de influência nas redes sociais e programas de TV que estimulavam formas de se manter a produção, eficiência e resiliência na pandemia, insinuando inclusive, que essa produtividade era a chave para evitar estados depressivos e ansiosos.

O discurso vigente perpetrado pelas instâncias de poder estimulou que, mesmo em uma pandemia, era fundamental que as pessoas permanecessem economicamente ativas; criatividade, inovação e produção eram os caminhos ideais para enfrentar as novas condições de relacionamento, estudo e, sobretudo, de trabalho, fomentando situações cada vez mais autoexplorativas.

A preocupação de Dias (2021) é acerca de como o sistema educacional é atingido pela pandemia e por esse modelo de sociedade esgotada que privilegia o desempenho acima de tudo. Essa é uma problemática bastante compreensível, tendo em vista que por todo o mundo, docentes e discentes, do ensino infantil ao superior, foram afetados pela nova realidade surgida a partir da Covid-19. E considerando que sim, que a pandemia agravou as marcas dessa sociedade do cansaço e do desempenho, é bastante factível pensar que toda a população que integra o universo do sistema educacional tenha sofrido duros golpes.

Essa problemática também aparece no texto de Sousa e Teles (2021), mas com um recorte mais específico: o trabalho docente na rede pública. No artigo *Ensaio Sobre o Trabalho Docente na Pandemia Covid-19, Nortado Pela Obra “Sociedade do Cansaço”, de Byung-Chul Han*, publicado em 2021 pela revista filosófica *são Boa Ventura*²⁷, Sousa e Teles (2021) buscam traçar um paralelo entre o contexto pandêmico e a chamada sociedade do cansaço, através da reflexão sobre o trabalho docente em escolas públicas durante a pandemia, e marcado por imperativos de desempenho e manifestações de cansaço.

A discussão de Sousa e Teles (2021) se inicia problematizando o fato de as escolas terem sido “as primeiras organizações sociais a ver suas portas fechadas para seus estudantes e

²⁷ ISSN: 2525-3042. Este periódico é classificado com Qualis C de acordo com a Classificação de Periódicos do Quadriênio 2017-2020.

professores, mas não para a prática educativa’ (p. 80), que precisou “adequar-se às circunstâncias e dar prosseguimento à construção do conhecimento” (p. 80).

A pandemia obrigou profissionais da educação a utilizarem ferramentas e recursos digitais que antes não eram utilizados comumente para esses fins. A partir daí, o trabalho docente se atrelou ao

desempenho para a proposição de estratégias, construções e dinâmicas que propiciem envolver emocionalmente seus alunos como forma de despertar neles interesse pelo conteúdo apresentado de forma remota, por meio de telas, apostilas, arquivos de áudio e vídeo (SOUSA & TELES, 2021, p. 80).

Docentes se viram diante de desafios para desenvolver e disponibilizar materiais aos estudantes, e, de acordo com Sousa e Teles (2021), isso teve altos custos de ordem financeira, física e emocional, já que este contexto obrigou profissionais da educação a trabalharem por mais horas do que costumavam trabalhar antes da pandemia. Na perspectiva dos autores,

A mudança abrupta de realidade, a forçosa adaptabilidade, a sobrecarga de demandas ligadas à mudança de rotina com a manutenção das atividades para continuidade dos estudos, esta e outras exigências acabam por provocar um cenário de propensão ao esgotamento (SOUSA & TELES, 2021, p. 81).

Esse cenário vivido por docentes de escolas públicas no Brasil durante a pandemia, na concepção de Sousa e Teles (2021), é facilmente articulado com aquele descrito por Han em *Sociedade do Cansaço* (2017c), onde os indivíduos deixam de ser avaliados por suas capacidades de obediência e adequação para se submeterem a ideais de desempenho, produtividade e dedicação.

Como mostrado no capítulo 1, Han (2017c) entende que as principais marcas de uma sociedade que funciona como a nossa são as condições psicológicas e emocionais de sofrimento, caracterizadas, sobretudo, pela depressão e pelo esgotamento. Sousa e Teles (2021) apresentam dados que indicam que o esgotamento se tornou uma marca entre professoras e professores da rede pública. O trabalho docente na rede pública, que já tem um histórico de desvalorização e precarização, baixo retorno financeiro e altas demandas de tarefas e rendimentos, viu essas condições ruins piorarem com o trabalho remoto; e não obstante a tudo isso, ainda precisaram dividir suas atenções entre as demandas de trabalho e as de casa.

Os autores se baseiam em Han para afirmar que “a conduta multitarefa, muito elogiada pela doutrina neoliberal, não representa nenhum progresso civilizatório. É uma característica animal, indispensável para a vida no contexto selvagem mas não vida humana” (SOUSA & TELES, 2021, p. 83), e isso fica bastante óbvio quando observamos que

Os professores, e professoras em especial, bem como grande parcela da sociedade têm vivido momentos angustiantes, um cansaço generalizado proporcionado pelo acúmulo de atividades demandadas, excesso de tempo de telas e a própria rotina doméstica (SOUSA & TELES, 2021, p. 86).

Um outro olhar sobre a pandemia é oferecido por Weisz e Amorim (2020) que resolvem pensar o contexto pandêmico sob a perspectiva do *paradigma imunológico* de Han. O artigo dos autores, *A Lógica Imunológica Segundo Byung-Chul Han*, publicado em 2020 pela Revista Húmus²⁸, trabalha a partir de um texto do filósofo sul-coreano que foi publicado na coletânea *Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemia*²⁹ (2020). O texto em questão, publicado originalmente em espanhol, se chama *La Emergencia Viral y el Mundo de Mañana*³⁰ (2020). O texto ganhou uma versão em português traduzida e publicada pelo site *El País* como *O Coronavírus de Hoje e o Mundo de Amanhã*³¹ (2020).

Weisz e Amorim (2020) se debruçam sobre a ideia de que o vírus revelou o quanto a nossa capacidade individual, coletiva, política e social de agir imunologicamente está atrofiada, que gerou não apenas o terror diante da Covid-19, mas também ações descoordenadas e um tanto até injustificáveis por parte de governos e instituições (HAN, 2020).

Com a negatividade gerada a partir daquele *outro* que é perigoso, ameaçador e diferente perdendo espaço para um processo de positivação que coloca o *eu* como principal eixo de valor, o neoliberalismo conseguiu construir uma sociedade despreparada para lidar com o adverso, já “que a humanidade tem vivido sem inimigos viscerais desde o fim da guerra fria” (WEISZ & AMORIM, 2020, p. 61).

Na concepção de Han (2020), esse paradigma imunológico precisou ser desconstruído para que as barreiras físicas e simbólicas que eram geradas a partir da negatividade do *outro* caíssem e as portas fossem abertas para “a livre circulação de bens, serviços, pessoas e capitais” (WEISZ & AMORIM, 2020, p. 61, 62), além da própria racionalidade neoliberal que precisava de um mundo sem restrições para poder se estabelecer e se perpetuar. Nas palavras de Weisz e Amorim (2020):

este é o contexto do aparecimento do covid-19: uma sociedade caracterizada por uma “debilidade imunológica” decorrente do capitalismo global se vê forçada a combater um inimigo invisível. O que gera uma reação imunitária tão violenta que, intensificada pelo longo período em que a sociedade não teve inimigos que definam sua negatividade, fez do vírus em questão uma fonte de terror permanente. Para Han, este temor é intensificado pela forte presença do mundo digital na sociedade contemporânea, pois, neste mundo, a realidade, com suas contradições e imperativos, tende a ser eliminada pela cultura de bloqueio daquilo de que não se gosta. O que significa o estabelecimento de

²⁸ ISSN: 2236-4358. Este periódico é classificado com Qualis A3 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

²⁹ *Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempo de pandemias* (tradução nossa).

³⁰ *A Emergência Viral e o Mundo de Amanhã* (tradução nossa).

³¹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>. Acesso em: 16 de ago. 2022.

redes de relacionamento que suprimem a negatividade do inimigo e a resistência do real frente à vontade humana, definindo assim uma “era pós-fática” que se caracteriza pelas fake news e deep fakes e “certa apatia” que permeia tudo o que envolve o relacionamento humano com a realidade onde ele existe. É neste contexto que surge um vírus real, para o qual não existe tratamento conhecido e faz com que o impulso de resistência ao inimigo volte a se fazer notar (WEISZ & AMORIM, 2020, p. 62).

Vommaro (2021), no artigo *O Mundo em Tempos de Pandemia: certezas, dilemas e perspectivas*, publicado pela Revista Direito e Práxis³², corrobora com essa ideia. Na leitura do autor, muito ancorada pelas contribuições de Han, a fraqueza imunológica gerada pela ausência de inimigos declarados contribuiu para que, diante finalmente de uma ameaça global e real, o medo e o pânico se espalhassem de maneira desproporcional.

No artigo *Covid-19 e Saúde Mental: abordagens do pensamento crítico*, publicado em 2021 pela Revista Holos³³, Bezerra e Fernandes também se basearam no texto de Han (2020) sobre o vírus, mas na tradução feita pelo *El País – O Coronavírus de Hoje e o Mundo de Amanhã*. Neste artigo, a filosofia de Han é citada brevemente pelas autoras para reforçar o argumento delas de que a pandemia fortaleceu o modelo capitalista de sociedade, ao invés de enfraquecê-lo. Essa é uma ideia que aparece bem demarcada no texto de Han (2020), quando ele se opõe de maneira aberta ao filósofo esloveno Slavoj Žižek, que em seu livro, *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo* (2020), trabalha com a ideia de que o contexto pandêmico abria possibilidades para que o capitalismo enfraquecesse ou até mesmo fosse desmontado, permitindo que os caminhos se abrissem para a implementação de um novo modelo de sociedade comunista.

Tanto Bezerra e Fernandes (2021) quanto Han (2020), entendem que a pandemia reforçou o modelo capitalista de sociedade. Isso se manifestou na racionalidade econômica apresentada por governos em diversas partes do mundo, que pensavam na pandemia apenas em termos de lucros e prejuízos financeiros; no ideal de produtividade que pessoas isoladas em casa precisavam ter, sejam aquelas que estavam sob *home-office* quanto aquelas que se ocupavam com as tarefas de casa; e nas políticas de distanciamento e de isolamento que individualizou ainda mais as pessoas.

Já Vommaro (2021) discorda dessa perspectiva byunguiana. O autor questiona a ideia de Han (2020) de que o vírus contribuiu para o processo de individualização:

os aplausos coletivos, a arte nas varandas, as cantinas sociais ou os espaços comunitários nos bairros que tentam continuar funcionando sem romper as

³² ISSN: 2179-8966. Este periódico é classificado com Qualis A1 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

³³ ISSN: 1807-1600. Este periódico é classificado com Qualis A1 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

medidas do distanciamento ou de isolamento parecem contradizer o caráter absoluto dessa afirmação. Como parte do mesmo fenômeno, teria que se mencionar os grupos e chats que se multiplicam e a intensificação do uso das redes sociais como forma de nos comunicar com outras pessoas em estado de isolamento (p. 1098).

No entanto, essa é uma questão que passa bastante pela interpretação de cada pesquisador e pesquisadora. Por exemplo, no artigo *O Que o Pós-Pandemia Nos Reserva? A sociedade paliativa de Byung-Chul Han*, publicado em 2021 pela Revista Cacto³⁴, Pereira (2021) aponta que “O vírus isolou e individualizou mais ainda os povos” (p. 216). O autor se vale da discussão presente no livro *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021), acerca da sobrevivência como valor supremo para afirmar, em concordância com Han, que a busca compulsória por sobreviver a qualquer custo, da forma como se dá, é um processo cada vez mais individualizado e privatizado ao sujeito. Essa dinâmica potencializada pelo vírus “não trará uma sociedade mais pacífica, tampouco mais justa” (PEREIRA, 2021, p. 216), pelo contrário, tende a aprofundar o processo de individualização e causar mais sofrimento ainda.

A conectividade que Vommaro (2021) entende como instrumento de aproximação, no texto de Pereira (2021) é interpretada como algo que promove e fortalece as distâncias, tendo em vista que, no contexto pandêmico, elas foram reforçadas pela impossibilidade do convívio comum e pela “falta de rituais e estruturas temporárias fixas” (PEREIRA, 2021, p. 209). O que esse cenário fez foi causar mais esgotamento, solidão e ansiedade.

Nesse sentido, os textos de Pereira (2021) e Dias (2021) apresentam certo alinhamento, pois, para ambos, a pandemia consolidou o cansaço como condição básica da existência, entre pessoas infectadas ou não:

O esgotamento físico e psicológico já era uma propriedade fática dos seres do mundo contemporâneo, entretanto, nunca se viu tanta lassidão como agora. Paradoxalmente, o “ficar em casa” não trouxe descanso para ninguém, pelo contrário, cada dia mais se ouve casos de pessoas, pacientes ou não de covid-19, apresentando a síndrome da fadiga, esta, por sua vez, é uma sequela tanto da doença quanto do isolamento. Muitos recuperados do vírus, não são mais capazes de render nem de trabalhar. Até mesmo encher um copo d’água pode ser difícil para eles. No entanto, como dito acima, essa síndrome não afeta apenas os infectados, mas também, os saudáveis, que por sua vez, estão sempre esgotados (PEREIRA, 2021, p. 209).

O prognóstico que Pereira (2021) faz para o pós-pandemia é bastante negativo, caso as coisas não tomem um rumo diferente do atual. Na concepção do autor, o vírus reforçou a necessidade analgésica que nossa sociedade tem de afastar e eliminar a dor. O neoliberalismo tende a se aproveitar, mais do que já se aproveita, desse fenômeno para estimular uma

³⁴ ISSN: 2764-1686. Não foram encontradas informações sobre o Qualis do periódico.

“compulsão consumista pela felicidade” (PEREIRA, 2021, p. 213). Pereira (2021) usa uma citação do filósofo sul-coreano para justificar seu argumento:

O dispositivo neoliberal de felicidade nos distrai das relações de dominação existentes, forçando-nos a fazer uma introspecção da alma. Garante que todos se ocupem apenas consigo mesmos, com sua própria *psique*, em vez de investigar criticamente as questões sociais. O sofrimento, pelo qual a sociedade seria responsável, é privatizado e psicologizado. As condições a serem melhoradas não são sociais, mas psíquicas. O ímpeto para uma otimização da alma, que na realidade o obriga a se adaptar às relações de dominação, oculta a má prática social. Assim, a psicologia positiva sela o fim da revolução. Não são os revolucionários que sobem ao palco, mas os treinadores motivacionais que evitam a propagação do mau humor ou mesmo da raiva (HAN, 2021, p. 27, grifo do autor).

Fernandes e Fernandes (2021) também se valem de Byung-Chul Han para justificar um certo pessimismo com relação ao futuro pós pandêmico. No artigo *Por Uma Filosofia do Presente: sobre a pandemia, reificação do tempo, poética e uma utopia do tempo que vem*, publicado em 2021 pelo periódico Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia³⁵, os autores fazem uma explanação sobre a ideia de sociedade do desempenho para poderem apontar para o fato de que a lógica empresarial e produtivista tem se expandido de maneira preocupante, tomando conta da vida por completo.

Para Fernandes e Fernandes (2021), a pandemia contribuiu para que os lares dos indivíduos, um dos poucos ambientes que ainda resistiam, fossem invadidos pelas lógicas empresariais e produtivistas:

Com o fechamento dos locais de trabalho em decorrência da necessidade de períodos de quarentena e distanciamento social, esse fenômeno se agudiza, pois mesmo o espaço residencial, que ainda não havia sido completamente colonizado pela lógica produtiva – já o estava sendo pela onipresença dos aparelhos conectados em rede, que coloca todos ao alcance quase que instantâneo –, foi tomado pela pandemia. Já não há distinção alguma: a residência tornou-se o local de trabalho; tornou-se mais difícil cindir horários de descanso e horários produtivos, espaço pessoal e espaço profissional; em suma, todo o tempo é tempo de produzir, todo o espaço é espaço de produzir. Não há expressão que designe essa confluência mais precisamente: home office (FERNANDES & FERNANDES, 2021, p. 260).

Justamente pela invasão que a esfera do trabalho realiza sobre outros domínios da vida, a relação entre indivíduo e tempo se altera, já que o presente se transforma em um constante fazer algo para que se possa ter tempo mais a frente, para se continuar fazendo algo. Assim, surge uma demanda por fazer e produzir cada vez mais em cada vez menos tempo, o que leva o indivíduo a perceber o tempo ocioso como tempo perdido. De acordo com Fernandes e Fernandes (2021), essa dinâmica faz com que a folga, o lazer, o descanso, o “ficar em casa” ou o “não fazer nada” causem bastante ansiedade, tristeza, angústia, insônia, preocupação e uma

³⁵ ISSN: 2316-4786. Este periódico é classificado com Qualis A3 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

série de sintomas físicos, que só podem ser amenizados através de uma atividade laboral que preencha esse tempo, naturalmente, não laboral. Assim foi na pandemia e o neoliberalismo logo percebeu que poderia extrair vantagens disso.

Não sem motivos, Bezerra e Fernandes (2021) buscam uma reflexão sobre saúde mental em um contexto de crise pandêmica. Mas as autoras partem do princípio de que as diretrizes do capitalismo, tais como “a valorização do lucro e da produtividade em detrimento do bem viver” (p. 3), são a fonte tanto de “problemas ambientais e econômicos quanto de problemas de ordem psíquica e social” (p. 3).

As autoras trabalham com a ideia de que o capitalismo contribui para a sempre crescente desigualdade social, para o racismo e outras formas de preconceito e disseminação, para violências contra os direitos humanos e para retrocessos em políticas trabalhistas, educacionais e ambientais. E tudo isso produz prejuízos à saúde mental dos indivíduos, na medida em que a pandemia não apenas revela, mas reforça todos os problemas produzidos pelo capitalismo. A tendência é que, nesse contexto, a saúde mental dos indivíduos fique mais prejudicada e vulnerável. Portanto, uma análise sobre problemas de ordem psíquica precisa passar por uma análise sobre problemas de ordem social.

Outro artigo que tenta pensar a saúde mental dos indivíduos em um contexto pandêmico é o *Tristes Psicotrópicos: colapso climático, colapso global*, publicado em 2021 pela revista *Cadernos Pet de Filosofia*³⁶ e escrito por Kuana. Neste texto, o autor estabelece “uma investigação inicial a respeito das possíveis relações entre depressão e clima; melancolia e cosmologia” (KUANA, 2021, p. 91), sempre levando em consideração o agravante da pandemia.

Kuana (2021) entende que há um descaso com questões climáticas e mentais, e que isso é alimentado por um capitalismo que estimula, cada vez mais, o consumo de emoções ao invés de coisas. Este capitalismo das emoções obtém êxito na exploração do trabalho e do consumo e na inibição de resistências e questionamentos, e parte desse sucesso se deve pela capacidade de se acessar a psique humana através da psicopolítica.

Apesar de Kuana (2021) apresentar bastante respeito pelo conceito de psicopolítica e integrá-lo em sua análise climática-mental, o autor entende que a psicopolítica, da forma com Han (2018) a concebe, acabe se mostrando uma ideia “anacrônica e distante da realidade” (KUANA, 2021, p. 110). Kuana (2021) entende isso porque, em primeiro lugar, é difícil pensar na superação definitiva, ou pelo menos parcial, da biopolítica foucaultiana, e o “Estado policial

³⁶ ISSN: 2764-9792. Não foram encontradas informações sobre o Qualis do periódico.

suicidário” (KUANA, 2021, p. 110) encontrado em diversos países que tentavam lidar com a Covid-19 é uma evidência disso; em segundo lugar, Han (2018) construiria sua ideia de psicopolítica em torno do conceito de conflito de classes, mas ignora totalmente o racismo estrutural e as questões de gênero, o que acaba sendo bastante problemático, tendo em vista “que a pandemia trouxe a uma série de episódios xenofóbicos e racistas direcionados a pessoas asiáticas” (KUANA, 2021, p. 110, 111).

Mas para além das críticas de Kuana (2021), o conceito de psicopolítica acaba sendo bastante útil ao autor, que concorda que vivemos em uma sociedade do desempenho que, em favor da produtividade e do consumo excessivos, destrói o meio-ambiente e a saúde mental dos indivíduos. De acordo com Kuana (2021),

Para um colapso ambiental, um colapso mental: enquanto sofremos de depressão e síndrome de *burnout* (esgotamento), assistimos ao planeta inteiro ser esgotado, queimar (*burn out*), com milhares de espécies sendo extintas a uma velocidade alucinante. Logo, um traço comum entre a depressão e o Antropoceno se destaca: o estreitamento de perspectivas; a falta de futuro; a dificuldade em imaginar o amanhã (p. 118).

Por fim, Kuana (2021) entende que o depressivo, enquanto um produto dessa sociedade do desempenho psicopolítica, pode “nos revelar um tempo mais lento, um ‘tempo em que o tempo não contava’. Podemos supor que o sujeito da psicopolítica contém, em sua duração interior, a negatividade necessária para romper com o excesso de positividade da sociedade de desempenho” (p. 120).

Já em *Governamentalidade, Biopolítica e Vida Precária: a pandemia de Covid-19 no Brasil*, artigo escrito por Dias e publicado em 2020 pela Revista Eletrônica do Curso de Direito³⁷, há uma tentativa de “costura” entre os conceitos de biopolítica e psicopolítica, ao invés de uma oposição entre as duas ideias. Han é utilizado em articulação com Foucault, em especial, com o objetivo de fornecer uma análise micro e macrossocial acerca de como a pandemia se manifestou no Brasil, quais foram os seus impactos e desdobramentos, de como nossas instituições governamentais lidaram com o vírus e o que temos aqui em termos de possibilidades.

No artigo, Dias (2020) aponta para o Estado como aquela instância que deveria investir em saúde pública e “produzir (financiar) instrumentos e sistemas que cuidem da saúde coletiva” (p. 23). No Brasil, entretanto, o que foi visto foi uma forma de governança que, muito influenciada pelas diretrizes e racionalidades neoliberais, tentou colocar o sistema público de saúde e a criação de estratégias de prevenção e gestão da doença como gastos, muitas das vezes

³⁷ ISSN: 1981-3694. Este periódico é classificado com Qualis A3 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

até desnecessários, algo como um “‘peso para o estado’ ou entrave para a mercantilização da saúde (das vidas)” (DIAS, 2020, p. 23).

Han é utilizado por Dias (2020) para asseverar que, em uma sociedade atravessada pelo neoliberalismo, o sujeito se vê e é tratado como um projeto. Esse projeto é individual, no sentido em que é responsabilidade única e exclusiva do sujeito, e precisa estar sempre em evolução e desenvolvimento, tarefa, também, do mesmo. A evolução obrigatória do sujeito-projeto neoliberal é mensurada pela quantidade de coisas que o indivíduo consegue fazer no mínimo de tempo possível, ou seja, pelo seu desempenho, produtividade e hiperatividade. O sujeito que não evolui nesta direção é responsabilizado pelo seu próprio fracasso.

Em um cenário atravessado por essa racionalidade, as figuras políticas que representam o Estado fazem o possível para passar a ideia de que ao Estado cabe apenas administrar a economia, enquanto cuidados e estratégias com saúde são terceirizadas aos sujeitos-projetos. Nessa perspectiva, se o indivíduo se infecta, adocece, apresenta dificuldades financeiras, não tem condições de ir trabalhar ou ficar em casa e, em última instância, morre, a responsabilidade disso é inteiramente dele.

De acordo com Dias (2020), as pessoas são influenciadas por essa racionalidade através da psicopolítica neoliberal, que atua, entre outras formas, sobre as emoções humanas, algo que o próprio Han (2018) afirma: “A psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção para influenciar ações sobre esse nível pré-reflexivo. As pessoas são profundamente atingidas [...] ela representa meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo” (p. 68). Dias (2020) entende que “Essa psicopolítica neoliberal fomenta formas de exploração do eu, a partir de mecanismos de gestão pessoal, coaching motivacional, aumento da eficiência sem limites, gerando cansaço e esgotamento” (p. 12).

A articulação que Dias (2020) faz entre Foucault e Han é através dos conceitos de biopolítica e psicopolítica. Para o autor, a atuação do governo brasileiro no contexto pandêmico revela traços *biopsicopolíticos*. Enquanto a psicopolítica agia sobre os indivíduos em níveis pré-reflexivos, a fim de culpabilizar os sujeitos por toda a dificuldade, sofrimento e fracasso gerados pela pandemia, a biopolítica agiu, sobretudo, na ciência estatística. O governo brasileiro suprimiu e distorceu dados objetivando invalidar ou oferecer uma cura para uma doença com enorme potencial para colocar freio nos imperativos de desempenho e produtividade.

Vommaro (2021) também enxerga uma biopolítica em curso, mas orquestrada não por um poder governamental, pelo menos não inteiramente. Na concepção do autor, a pandemia tornou evidente um alinhamento entre os interesses biomédicos e econômicos, tendo em vista que, para as duas instituições foi (e é ainda) interessante fortalecer esquemas de vigilância, seja

no campo social, biológico ou digital. Esse interesse vem de uma vontade de preencher os espaços criados pelo pânico social em torno do vírus e da incapacidade do Governo Federal em gerir a pandemia.

Essa articulação biopsicopolítica, seja por parte do Governo Federal ou da aliança entre o saber biomédico e a classe empresarial, contribuiu para muita desinformação sobre a Covid-19 e sobre a pandemia, criando um ambiente demarcado pelo caos generalizado.

A atuação do Governo Federal Brasileiro no período pandêmico também é bastante problematizada no artigo *O (Des)governo na Pandemia de Covid-19 e as Implicações Psicossociais: disciplinarizações, sujeições e subjetividade*, escrito por Willrich et al e publicado em 2022 pela Revista da Escola de Enfermagem da USP³⁸. Neste artigo, as autoras reforçam a ideia de que o Governo Federal Brasileiro atuou na direção oposta às diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS), principalmente no que diz respeito às medidas de isolamento social. Para Willrich et al (2022), a má gestão da pandemia contribuiu para uma dificuldade de acesso aos dispositivos e serviços de saúde, gerando um estado coletivo de ansiedade e medo, que logo se transformaram em estresse e esgotamento. Todas as conclusões e discussões presentes neste artigo partem de dados coletados a partir de relatos de 81 pessoas diferentes, distribuídas por locais diversos do país e que foram atendidas em um *chat* de escuta terapêutica no período de abril a outubro de 2020 (WILLRICH et al, 2022, p. 2). Muitos desses relatos coletados estão em concordância com as contribuições de Byung-Chul Han em sua obra filosófica.

O que as autoras perceberam com parte do material coletado é que para além de todo o sofrimento que o vírus causa e causou em quem se contaminou, e em quem precisou se isolar para não se contaminar, esse contexto pandêmico contribuiu para o surgimento de uma angústia coletiva que se manifestou em pessoas que se viram tendo que existir de uma forma alheia ao que a sociedade neoliberal do desempenho espera delas. Em primeiro lugar, a pandemia trouxe uma prática e uma retórica de liberdade restringida; e lembremos que a liberdade é um valor importante dentro da lógica neoliberal, parte de um repertório acionado como mecanismo de dominação. Em segundo lugar, com a liberdade restringida, os imperativos neoliberais de auto otimização e autorrealização ficam impossibilitados de se manterem. Um terceiro aspecto diz respeito ao fato de que sem a possibilidade de se auto otimizarem e se autorrealizarem de maneira compulsiva e autoexploratória, o sujeito do desempenho perde o sentido de sua existência e isso o afasta daquele modelo de felicidade neoliberal, ao mesmo tempo em que o

³⁸ ISSN: 1980-220X. Este periódico é classificado com Qualis A2 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

aproxima da sensação de fracasso. Uma quarta questão é, que uma vez se enxergando como fracassado, o sujeito perde energia até para as tarefas básicas e diárias de casa. Em suma, o que as autoras notaram é que essa sociedade do desempenho “produz depressivos e fracassados” (HAN, 2017c, p. 25) não apenas no *mais* de produtividade, mas também no menos.

No artigo *O Luto Como Subversão na Sociedade do Desempenho*, publicado em 2021 pela Revista Cadernos Zygmunt Bauman³⁹, há reflexões semelhantes às que encontramos em Willrich et al (2022). Nesse artigo, Bittencourt (2021) faz uma explanação acerca do conceito de sociedade do desempenho e do tipo de sujeito que ela produz: um indivíduo marcado pela “produtividade, o empenho e a dedicação incondicional ao poder corporativo” (p. 190).

A pandemia da Covid-19 e as exigências sanitárias de afastamento e isolamento social que ela gerou, caíram como um “golpe” forte sobre o poder corporativo, ao mesmo tempo em que desacelerou, ainda que apenas no primeiro momento, o processo neoliberal de degradação humana. A questão é que esses indivíduos, produtos dessa sociedade de desempenho, desaprenderam – ou não tiveram nem a chance de aprender – a viver senão sob essas diretrizes de desempenho. A obrigação de ter que viver e estar em um cenário onde o desempenho e a produtividade não são as razões principais de se estar ali, só pode gerar bastante angústia, sensação de deslocamento e falta de sentido mesmo.

De acordo com Bittencourt (2021), é esse tipo de estranhamento que o sujeito do desempenho precisa ter e alimentar se quiser enfrentar esse processo neoliberal de degradação humana. É somente através da pausa para o descanso, do lazer, do reconhecer os próprios limites, da permissão para viver o luto e da reconexão consigo e com coisas e pessoas que são importantes para cada um e cada uma, ao mesmo tempo em que se desconecta com essa racionalidade econômica, que a sociedade do desempenho pode ser subvertida.

Entretanto, o que Bittencourt (2021) aponta como caminho para subversão das formas de funcionamento da sociedade do desempenho, é justamente aquilo que tem deixado os sujeitos do desempenho desconfortáveis. O desconforto gerado a partir da desaceleração dos mecanismos que fazem a sociedade do desempenho funcionar provocou reações problemáticas em algumas pessoas: a indiferença com a doença ou a negação dela.

Quem conduz um texto nessa direção é Pinto (2020), no artigo *Sociedade do Excesso: a pandemia da indiferença*, publicado pelo Cadernos Zygmunt Bauman em 2020. A autora problematiza nesse texto o comportamento de pessoas que negavam a gravidade da situação ou, simplesmente, não se importavam. Em uma atitude subversiva ao que os órgãos e instituições

³⁹ ISSN: 2236-4099. Este periódico é classificado com Qualis B4 de acordo com a Classificação de Periódicos do Quadriênio 2017-2020.

de saúde orientavam, muitas pessoas resolveram seguir suas vidas normalmente, frequentando festas, templos religiosos, trabalhando e até circulando nas ruas e fazendo reuniões sociais. Muitas dessas atividades aconteciam de forma clandestina, devido às restrições. Mas a impossibilidade de viver em um contexto atípico, somado a indiferença para com o outro que sofre e morre, levaram pessoas a enfrentarem a possibilidade de um flagrante, de sofrerem uma sanção jurídica e, claro, de se contaminarem e contaminar os outros.

Nessa análise, não apenas a ideia de sociedade do desempenho e suas formas de subjetivação são utilizadas. Pinto (2020) mostra, se valendo da filosofia de Han, a gravidade desse projeto neoliberal de individualização, que coloca o *eu* como principal eixo de valor, deixando ao *outro* apenas a indiferença: as festas, cerimônias religiosas e reuniões clandestinas que ocorreram ao longo da pandemia evidenciam a posição que o *eu* contemporâneo mantém sobre o *outro*, um tema muito abordado pelo filósofo sul-coreano, como foi mostrado no capítulo 1. Ao se referir a essas pessoas que negaram ou não ligaram para a pandemia, Pinto (2020) diz que:

Inexistem para esse sujeito obstáculos ou intempéries que possam limitar suas ações, ainda que estas possam significar a morte de outras pessoas. Para ele o que importa é apenas a permissividade ilimitada da sociedade positiva que aqui é apresentada como pressuposta da sociedade do excesso. Para os sujeitos do excesso não haverá um retorno da quarentena ou do confinamento ou do que quer que seja que limite seu precioso direito de ir e vir, pois para eles o planeta talvez sequer gire do mesmo modo que para os demais. [...] Na rotina desses indivíduos não há medo ou apreensão quanto ao amanhã. O mundo para eles, de fato, tende a não ser e a não ter a mesma forma que para os demais. O peso do confinamento, das mortes, da apreensão constante, presente na vida das pessoas que enfrentam a pandemia não é sentido pelo sujeito do excesso ou é por ele evitado, o que leva a crer que seu excesso implica [...] num “fechamento psicótico” à realidade do vírus. A normalidade que o sujeito do excesso exige do atual contexto é a negação da realidade que converge com a sociedade positiva cujo sujeito só evoca a negatividade a fim de que a positividade predomine sobre ela (p. 117, 118).

Esse cenário caótico também foi bastante alimentado por um fenômeno chamado *infodemia*⁴⁰. Conforme denunciam Hissa e Araújo (2021). No artigo *Infodemia na Sociedade do Desempenho: entre o mural panfletário e o panóptico digital*, publicado em 2021 pela

⁴⁰ “A palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus” (ZAROCOSTAS, 2020, p. 676 apud HISSA & ARAUJO, 2021, p. 1014). De acordo com Botelho (2021), o termo infodemia foi cunhado pelo jornalista norte-americano David J. Rothkopf em 2003, quando escrevia uma coluna para o jornal *Washington Post* sobre a epidemia da SARS.

Revista Brasileira de Linguística Aplicada⁴¹, Hissa e Araújo (2021) exploram as consequências sociais que o excesso de informações sobre a doença e sobre a pandemia ocasionaram.

As autoras partem da ideia de que a infodemia contribuiu bastante para que o discurso científico – que, por muitas vezes, ia na direção oposta das diretrizes econômicas capitalistas e neoliberais – fosse descredibilizado, enquanto as narrativas conspiracionistas, tendenciosas e mentirosas tivessem suas vozes amplificadas.

Hissa e Araújo (2021) utilizam a filosofia de Han para alertarem que, mesmo nos ambientes virtuais, o sujeito também está submetido aos imperativos de desempenho. Diferentemente daquele indivíduo que estava restrito à sua TV, ao rádio e/ou jornal impresso, que não tinha controle sobre a informação que chegava até ele e tinha como única opção consumir informação de maneira passiva, o *homo digitallis* consome informação, mas também a produz em igual ou maior medida. Assim, a lógica da autogestão e do empresariamento de si mesmo, que atravessa o sujeito do desempenho, também está presente no ambiente virtual.

O *homo digitallis* não apenas consome e produz informação de maneira intensa, mas também precisa expor isso cada vez mais. Essa exposição digital, na concepção de Hissa e Araújo (2021) é publicizada “na *web* por meio de linguagens multissemióticas” (p. 1018), que contribuem para que informações produzidas e consumidas, e o sujeito produtor e consumidor, se tornem, ambos, mercadorias digitais. A partir disso, consumir e produzir informações de forma desordenada e até compulsória se torna o modo de ser e existir na internet:

este imperativo pelo desempenho, como uma das marcas da cultura digital, que dispararia um gatilho patogênico da guerra que o sujeito do desempenho promove consigo mesmo. [...] Se unirmos este sentimento de liberdade à ideia de iniciativa e de responsabilidade próprias ao sujeito do desempenho, atinge-se o terreno fértil para a explosão de produtores e consumidores de informação. É assim que a infodemia se instala como uma mercantilização típica de uma sociedade neoliberal que transforma em mercadoria os próprios sujeitos [...]. Neste contexto, o sujeito é o empreendedor de si mesmo e é como empreendedor que ele produz e consome informação. Este duplo papel de consumidor e de produtor de informação pode ser visto como uma das causas da infodemia (HISSA & ARAÚJO, 2021, p. 1018).

O problema deste cenário infodêmico é que nesse alto fluxo de informações que se espalham por todos os lados, é muito difícil ter um controle sobre o que as pessoas produzem e consomem. Para cada debate, voz e argumento científico, há uma série incontável de conteúdo digital com informações imprecisas, tendenciosas e até mentirosas que vão se espalhando.

Essa infodemia é citada também, brevemente, no texto de Vommaro (2021), como tendo um papel fundamental na criação de certo pânico social em torno da doença, tendo em vista que

⁴¹ ISSN: 1984-6398. Este periódico é classificado com Qualis A1 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

esse fenômeno contribui para e fortalece a propagação de notícias falsas, e isso potencializou as ideologias e posturas negacionistas.

Fazendo uma articulação entre os textos de Hissa e Araújo (2021) e Dias (2020), é possível pensar na infodemia como uma ferramenta útil às ações biopsicopolíticas do governo federal, tendo em vista que foi justamente nesse cenário infodêmico que circularam informações falsas e imprecisas acerca da doença e da pandemia, contribuindo para uma invalidação das mesmas e do discurso científico, além de conferir poder e autoridade às vozes governamentais e negacionistas aqui no Brasil.

E, falando em negacionismo, Carvalho et al (2020) apontam que essa postura, pelo menos no contexto pandêmico, teve motivações essencialmente políticas. Por se tratar de um inimigo invisível e que desperta um cenário de incertezas, somado ao fato de não existirem tecnologias e estratégias eficientes de enfrentamento ao vírus no início da pandemia, discursos religiosos, espiritualistas e anticientíficos enxergaram e promoveram “a ideia de que a solução para este mal pode não estar no campo das ciências” (CARVALHO et al, 2020, p. 4).

O que o artigo *Metáforas de um Vírus: reflexões sobre a subjetivação pandêmica*, publicado em 2020 pela Revista Psicologia e Sociedade⁴², denuncia, entre outras coisas, é que parte dessa postura negacionista envolve a procura e/ou criação de responsáveis por toda a má sorte pandêmica, o que acabou trazendo à tona e reforçando velhos preconceitos e estereótipos contra povos asiáticos, mais especificamente chineses. Carvalho et al (2020) utilizam Han neste artigo justamente para reforçar esta ideia.

Carvalho et al (2020) recorrem a *La Emergencia Viral y el Mundo de Mañana* (2020) para mostrar que o filósofo sul-coreano também enxergou preconceitos e estereótipos contra povos asiáticos, não apenas na postura negacionista de pessoas e grupos, mas também nas fantasias de soberania política apresentadas por países europeus. Quando países da Europa, como Itália e Espanha, se tornaram epicentro da pandemia, eles fecharam suas fronteiras para a entrada de estrangeiros. Essa atitude de soberania nacional, de acordo com Han (2020), não mostra apenas um olhar preconceituoso, mas indica de que maneira a Europa enxerga seu lugar no mundo. Para o filósofo sul-coreano, faria mais sentido as fronteiras serem fechadas para a saída de europeus e europeias. Mas, mesmo sendo o epicentro da pandemia, a Europa manteve uma posição de que o inimigo vinha de fora, e que era o seu continente que precisava ser protegido.

⁴² ISSN: 1807-0310. Este periódico é classificado com Qualis A2 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

Para Carvalho et al (2020), as fantasias de soberania política denunciada por Han (2020) acerca do posicionamento de países europeus podem ser identificadas em proporções diferentes em outros contextos, como, por exemplo, no uso de máscaras. As máscaras que foram colocadas, em um primeiro momento, como um acessório que deveria ser utilizado para proteger o outro da possível ameaça que poderia estar em mim, acabou tendo um efeito oposto: se tornaram um acessório de proteção individual para a possível ameaça que estava no outro. É o paradigma imunológico de Byung-Chul Han por excelência: o *eu* em uma posição defensiva e desconfiada diante de um *outro* sempre perigoso e ameaçador.

Esse paradigma imunológico, na perspectiva de Han (2017c; 2017d), justificou – e pode-se dizer que justifica ainda – lógicas violentas de segregação que isolaram pessoas dentro de instituições fechadas por serem consideradas diferentes e/ou perigosas. As guerras e as diversas formas de confrontos violentos entre pessoas e grupos podem ser explicadas também a partir desse conceito elaborado pelo filósofo sul-coreano. Mas como foi discutido ao longo do primeiro capítulo, Han (2017d), em seu projeto filosófico, se atenta mais a uma virada topológica que o fenômeno da violência sofre na contemporaneidade, ganhando traços de positividade, ou seja, se tornando cada vez mais uma experiência autorreferente.

É a violência que o *eu* comete contra si próprio que interessa o filósofo sul-coreano e é sobre esse tema que os artigos da próxima categoria vão tratar.

2.2.2 O processo de positivação da violência e sua manifestação nos ambientes virtuais

Como vimos no Gráfico 1, o tema da violência aparece como o terceiro principal assunto entre os artigos que foram selecionados em nosso levantamento bibliográfico: são 5 artigos que tentam analisar a violência sobre diversos aspectos diferentes, mas sempre partindo das considerações de Byung-Chul Han sobre o fenômeno. A relevância deste tema para o campo da Saúde Coletiva se concentra no fato de que a qualidade de vida e as condições de saúde de cada indivíduo na sociedade dependem do nível de exposição a experiências violentas e, principalmente, do que é considerado violência ou não em um contexto social (OLIVEIRA, 2008).

Como já foi apontado algumas vezes nesta dissertação, o neoliberalismo constrói uma narrativa que leva os indivíduos a pensarem que seus fracassos e sofrimentos são questões individuais, não tendo nada e nem ninguém a ver com isso. Já foi visto aqui também que o

filósofo sul-coreano aposta em uma perspectiva diferente, já que, para ele, fenômenos como a depressão e o *burnout*, longe de serem problemas biográficos, representam as marcas de uma sociedade violenta; uma violência auto exploratória, incentivada pelo neoliberalismo, que leva pessoas a serem produtivas e performáticas o tempo inteiro, até o colapso mental ou infarto psíquico. E essa violência só é praticada porque não é percebida como tal.

O que está em curso na concepção de Cordeiro, Friede e Miranda (2018) é uma violência de caráter mais simbólico do que físico. É um alerta que os autores e a autora fazem no artigo *A Violência Simbólica na Sociedade do Cansaço do Século XXI*, publicado pela Revista Augustus⁴³ em 2018.

Na esteira do que aponta Byung-Chul Han em *Sociedade do Cansaço* (2017d), Cordeiro, Friede e Miranda (2018) entendem que o sujeito de desempenho está condenado ao fracasso e ao sofrimento, já que sua existência se delimita na auto exploração ilimitada e na crença de que essa movimentação é a única forma correta de ser e existir. Isso ocorre devido à existência de uma ideologia dominante, criada, estabelecida e incentivada no neoliberalismo, que monopoliza essa violência simbólica e a naturaliza na vida dos sujeitos.

Essa ideologia dominante, através da psicopolítica, cria um cenário que leva o sujeito a se ver como uma máquina de desempenho que precisa estar o tempo todo em atividade, nem que para isso ele precise se dopar através de estimulantes, psicotrópicos, drogas ilícitas, técnicas mentais etc. Essa dinâmica não gera outra coisa senão cansaço e esgotamento, que na sociedade do desempenho só pode ser sentido de forma solitária.

Esse cenário é violento porque causa profundo sofrimento ao indivíduo e essa violência é simbólica por seu caráter positivado: é o próprio sujeito que se explora e que se violenta. Assim, a ideia de violência simbólica busca

elucidar relações de dominação que não pressupõem a coerção física ocorridas entre as pessoas e entre os grupos presentes no mundo social, mas que causa danos morais e psicológicos. É uma forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja esta econômica, social, cultural, institucional ou simbólica. A violência simbólica se funda na fabricação contínua de crenças no processo de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante (CORDEIRO, FRIEDE & MIRANDA, 2018, p. 36).

Essa violência auto explorativa, tida como simbólica por Cordeiro, Friede e Miranda (2018) – que é marcada por ações, performances e aparências levadas ao limite até o esgotamento profundo –, é entendida por Nalli e Mansano (2019) como violência psicopolítica. No artigo *Da Violência Psicopolítica na Contemporaneidade: uma análise das dimensões*

⁴³ ISSN: 1981-1896. Este periódico é classificado com Qualis B3 de acordo com as Classificações de Periódicos do quadriênio 2013-2016, na seguinte área de avaliação: Psicologia.

afetivas, publicado em 2019 pela revista *Psicologia em Estudo*⁴⁴, há uma afirmação de que a tristeza e o cansaço são resultados de um modelo de sociedade que explora novas formas, cada vez mais aperfeiçoadas de violência, que se manifestam por uma

despotencialização do existir, reduzido a performances a serem continuamente visualizadas, aplaudidas ou vaiadas. A tristeza, neste caso, é a própria despotencialização porque é um movimento de violência autoinfligido, impetrado pelo sujeito a si próprio (NALLI & MANSANO, 2019, p. 10).

Para além da autoexploração intensa, Nalli e Mansano (2019) apontam como violência psicopolítica também a autoexposição compulsória que o sujeito do desempenho realiza em redes sociais e em sites da *internet*:

São postagens praticamente diárias, ou até mesmo constantes; aliás, envolve a manutenção ininterrupta de estado *on line*. A condição de estar o tempo todo conectado e disponível parece indicar, inicialmente, o estágio atual de uma sociedade regida pelo princípio da comunicação, da tecnologia e da informação. Nesse caso, porém, não é uma informação simples, mas de alto desempenho que implica, mais do que um acesso livre e transparente às informações, uma obrigatoriedade de se expor e de se fazer notável em níveis cada vez mais estressantes e sufocantes. Aliás, a sensação de sufocamento não advém nesses casos de sistemas opressivos pura e simplesmente, nos quais a inibição da existência e performance individual vêm de fora dos limites de sua subjetividade. Trata-se, em seu lugar, de um processo complexo de autoc coerção em que o indivíduo exige cada vez mais de si mesmo, exaurindo e esgotando todas suas forças e potências criadoras (p. 3).

Nalli e Mansano (2019) entendem que essa violência psicopolítica só se estabelece justamente por causa do processo de positivação apontado por Han (2018; 2017d; 2017b). É um regime inteiramente do *eu*: explora-se até o limite pois isso é visto como uma realização para o *eu*; busca-se a melhor performance acadêmica, sexual e *fitness* porque isso coloca o *eu* em evidência; expõem-se na internet e cria-se conteúdos o dia todo para que o *eu* possa ser visto, amado e/ou odiado. O autor e a autora trabalham com a ideia, em suma, de que há uma necessidade de se estar exposto, mesmo que seja para receber repulsa e ódio. Em muitos casos, para alcançar tal feito, é preciso que se ame ou odeie outras pessoas na *internet* também, e que isso seja tornado público.

É por todo o desgaste e sofrimento causados pela busca por estar em evidência, pela produção constante de conteúdos e opiniões e pela alta exposição que Nalli e Mansano (2019) entendem que “a internet e as redes sociais em geral se configuram como novos ‘lugares’ para o exercício da violência” (p. 5).

⁴⁴ ISSN: 1807-0329. Este periódico é classificado com Qualis A1 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

Salgado e Vieira Neto (2018), no artigo *Violência e Liberdade no Mundo Digital*, publicado em 2018 pela Revista de Estudos e Debates⁴⁵, dialogam com Han a partir da ideia de que a forma como a informação é produzida e distribuída no mundo digital, por ser cada vez mais transparente, acaba se tornando, também, cada vez mais violenta. É com a filosofia do sul-coreano que os autores justificam seu argumento:

Um mundo que consistisse apenas de informações e cuja comunicação fosse apenas a circulação de informações, livre de perturbações, não passaria de uma máquina. [...] A coerção por transparência nivela o próprio ser humano a um elemento funcional de um sistema. Nisso reside a violência da transparência (HAN, 2017b, p. 24).

No livro *Sociedade da Transparência* (2017b), Han discute que verdade e transparência não são conceitos correlatos, tendo em vista que a primeira se impõe ao todo, revelando um caráter de negatividade; enquanto a segunda não está preocupada em provar e nem em impor nada. A transparência busca produzir o máximo de informações possíveis sobre tudo e todos, apenas para utilizar isso em favor do mercado. É neste momento que Salgado e Vieira Neto (2018), dialogam também com Bauman e Lyon (2013).

Bauman e Lyon, em *Vigilância Líquida* (2013), argumentam que os dados extraídos da internet, seja por espionagem ou por autoexposição voluntária, são usados pelo mercado como ferramentas que influenciam na vontade e no processo de decisão dos consumidores. Em suma, mais do que produzir uma mercadoria de acordo com o desejo do consumidor, o que o mercado faz, a partir do ideal de transparência e os dados que ele gera, é moldar o desejo do consumidor para querer a mercadoria oferecida. Para Salgado e Vieira Neto (2018), baseados na filosofia de Han (2017b), a transparência inibe a liberdade e isso é uma marca forte de violência.

Esse tema da transparência também é tratado por Benevides (2017) no artigo *Neoliberalismo, Psicopolítica e Capitalismo da Transparência*, publicado em 2017 pela revista *Psicologia e Sociedade*. O autor entende a ideia de transparência, tal como é abordada na obra de Han (2018; 2017b), como um assunto propedêutico ao tema da psicopolítica – um conjunto de técnicas e recursos mais adequados ao ideário de um capitalismo imaterial que lida não com produtos, mas com emoções.

Entretanto, de acordo com Benevides (2017), a indústria neoliberal “segue o caminho oposto ao da imaterialidade” (p. 6), tal como aponta Han (2018). Na verdade, isso que se entende como *psiquê* tem sido cada vez mais materializado e molecularizado:

A utopia dessa indústria consiste precisamente em levar à literalidade a “molecularização” como produção de substâncias que materializem estados tidos como subjetivos, interiores ou psicológicos – assim, a felicidade é

⁴⁵ ISSN: 2525-2984. Este periódico é classificado com Qualis C de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

molecularizada em serotonina, a masculinidade em testosterona, a euforia em anfetamina etc. Com isso, toda uma tecnociência é animada; cientistas e empreendedores são desafiados à tarefa de corporificar estados psíquicos e substâncias que materializam “psique” são comercializadas (BENEVIDES, 2017, p. 6).

Benevides (2017) ainda cita Preciado (2008) para reforçar seu argumento de que disposições psicológicas e subjetivas “foram sendo transformadas em realidades tangíveis, em substâncias químicas, em moléculas comercializáveis, em corpos, em biótipos humanos, em bens de intercâmbio gestionáveis pelas multinacionais farmacêuticas” (PRECIADO, 2008, p. 32 *apud* BENEVIDES, 2017, p. 7).

O autor não nega o fato de que a vontade livre e criteriosa e a autonomia de cada um e cada uma esteja sob ameaça, já que nossa vida no ambiente virtual implica no compartilhamento constante de dados próprios que estão armazenados em algum/alguns lugar/lugares e utilizados por grandes empresas e indústrias. Benevides (2017) se baseia na ideia de molecularização das instâncias psicológicas e subjetivas para argumentar que nem a biopolítica foucaultiana e nem a psicopolítica de Han fornecem arsenal teórico suficiente para dar conta dos controles e manipulações orquestradas pelo neoliberalismo, responsáveis pelo levantamento detalhado de perfis psico-mercadológicos e pela distribuição desses perfis a empresas e instituições.

Já na concepção de Mocellim (2021), o conceito de psicopolítica é fundamental para a compreensão do tipo de violência que se estabelece na sociedade contemporânea, que é indireta, internalizada e autorreferente. No artigo *Psicopolítica e Mal-Estar da Contemporaneidade*, publicado pela Civitas – Revista de Ciências Sociais⁴⁶ em 2021, Mocellim (2021) traça um paralelo entre a teoria freudiana e a filosofia de Han.

Mocellim (2021) parte da obra *O Mal-Estar na Civilização* (2010), do psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), para mostrar que, do mesmo modo que o processo civilizatório trouxe benefícios diversos como produções culturais, sociais, artísticas, científicas e políticas, ele também nos trouxe problemas, na medida em que ordenou e reprimiu instintos naturais e nos submeteu a um mundo atravessado por regras e por repressões. Nessa perspectiva, boa parte do nosso mal-estar ocorre porque

A civilização é definida pela ordem, pela limpeza, pela racionalidade. A civilização, como prática, envolve o controle das condutas, a regulação dos modos, a subordinação das emoções. O tormento trazido pela civilização decorre do modo pelo qual ela limita a liberdade, se sobrepondo aos impulsos, impondo tarefas culturais acima das vontades individuais. Ganha-se com a civilização uma menor violência física cotidiana e um maior ordenamento da vida social que nos permite empreender atividades produtivas, mas perdemos com a civilização parte de nossa experiência emocional, que se encontra

⁴⁶ ISSN: 1519-6089. Este periódico é classificado com Qualis A1 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

sempre subordinada a expectativas sociais, cada vez mais vivenciadas também dentro de nós (MOCELLIM, 2021, p. 95).

Diz Mocellim (2021) que, para Freud (2010), as repressões, proibições e coerções, características do processo civilizatório, criam um sujeito específico que sofre, também, de forma específica. A negatividade da repressão estaria, assim, associada às neuroses e psicoses humanas. Mas o que Mocellim (2021) repara a partir da leitura que ele faz do filósofo sul-coreano, é que nosso modelo de sociedade é cada vez menos repressor e proibitivo.

O que anuncia Han (2018), como já foi mostrado aqui, é que a psicopolítica é um modelo de gestão do *sim*; que não proíbe, mas estimula, incentiva e promove; deixa todos e todas pensando que tudo podem e que são livres para sempre poderem. Essa dinâmica, de maneira sutil, acaba se tornando imperativa, ou seja, o indivíduo não tem a opção de *não-poder* algo. Assim, o que resta é aderir a um estilo de vida onde ele precisa, obrigatoriamente, ir além, se superar, mostrar alto desempenho e alta performance em tudo.

Mas, como mostra Han (2017d) e como reforça Mocellim (2021), a falta de proibições e repressões não inibe a violência, apenas a obriga a se alterar topologicamente: o sujeito se violenta, se cobra por mais, se explora e se consome por inteiro. Se o mal-estar na civilização era a neurose e a psicose ocasionadas pelas restrições sociais, o mal-estar da contemporaneidade é a depressão e o esgotamento causados pelo *mais* de desempenho e produtividade.

Mocellim (2021) diz:

A cobrança pelo trabalho, pelo sucesso, pela liberdade, pelas vivências transitórias leva ao cansaço e ao esgotamento, e esse esgotamento é uma autoagressão [...]. Trata-se também de uma violência do consenso, porque se todos estão em competição, em busca de afirmarem como livres, não se é permitido escolher não estar. O resultado dessa violência neuronal são as psicopatologias contemporâneas, como a depressão e o *burnout* (p. 98).

E Han (2017c) afirma:

O homem depressivo é aquele *animal laborans* que explora a si mesmo e, quiçá deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo. [...] Mas a depressão se esquiva de todo e qualquer esquema imunológico. Ela irrompe no momento em que o sujeito de desempenho não pode mais *poder*. Ela é de princípio um *cansaço de fazer e de poder*. A lamúria do indivíduo depressivo de que *nada é possível* só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível*. Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo (p. 28, 29, grifo do autor).

Apesar desse regime de auto exploração, apontado por Han (2017c; 2017d), atingir todas as áreas da vida dos indivíduos, é na relação que o sujeito de desempenho estabelece com os seus contextos de trabalho e no modelo de subjetividade que emerge a partir disso, que toda essa dinâmica se inicia – pelo menos é nesta direção que os artigos que focam especificamente

nas questões de trabalho e que estão presentes em nosso levantamento bibliográfico, apontam. É o que veremos na próxima categoria.

2.2.3 A subjetivação através do mundo do trabalho: a racionalidade econômica que atravessa o sujeito de desempenho

As análises sociais que atravessam o campo da Saúde Coletiva se interessam de forma singular por discussões que tentam pensar e/ou problematizar as condições de trabalho no contemporâneo e na forma como a morfologia do trabalho, de maneira mais ampla, vai se desenhando em nossa sociedade. Isso ocorre devido ao entendimento de que para o campo da saúde do trabalhador, análises que levem as ciências sociais em consideração – marca do campo da Saúde Coletiva – são de importância ímpar (CUNHA & MENDES, 2021). É preciso levar em consideração que a saúde emocional, financeira, física, mental e política dos indivíduos depende da forma como o universo do trabalho se desenha, dada a centralidade que este tema apresenta no cotidiano de pessoas e instituições.

Pelo menos com base no levantamento bibliográfico que realizamos aqui, os pesquisadores e pesquisadoras em nosso país parecem concordar com essa centralidade que as questões relacionadas ao trabalho apresentam e como a saúde de trabalhadores e trabalhadoras por todo o Brasil é afetada por elas. Como é possível reparar no Gráfico 1, essa categoria sobre trabalho é a segunda com mais artigos. São textos que mesmo sendo publicados por periódicos de áreas diferentes, abordam questões relacionadas à saúde do trabalhador, o que demonstra a relevância do tema “trabalho” para pesquisas em saúde no país. São 11 artigos ao todo que se valem de aspectos do pensamento de Han, mais ou menos pontualmente, para refletir sobre trabalho e subjetividade.

No artigo *A Violência Sistêmica e Autoexplorativa do Empresário de Si: o paradoxo da liberdade no ethos neoliberal e o conseqüente adoecimento psíquico na sociedade do cansaço*, publicado em 2019 pela Revista Espaço Acadêmico⁴⁷, Corrêa parte de ideias semelhantes às de Byung-Chul Han em *Sociedade do Cansaço* (2017c): a de que uma análise sobre formas contemporâneas de sofrer psiquicamente precisa levar em consideração, fundamentalmente, a relação que o sujeito moderno estabelece com o trabalho.

⁴⁷ ISSN: 1519-6186. Este periódico é classificado com Qualis B3 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

De acordo com Corrêa (2019), a relação estabelecida entre sujeito e trabalho acaba modelando outras esferas da vida de cada indivíduo, como saúde, estudos, relacionamentos, entre outros. Toda a vida fica sob a coordenação de um saber econômico que administra a existência humana através da valorização excessiva de atividades úteis a uma economia de mercado, ao mesmo tempo em que demoniza a existência do tempo livre, improdutivo. Nesse momento, a autora usa de forma interessante uma citação do filósofo sul-coreano para justificar seu argumento:

Quem se entendia no andar e não tolera estar entediado, ficará andando a esmo inquieto, irá se debater ou se afundará nesta ou naquela atividade. Mas quem é tolerante com o tédio, depois de um tempo irá reconhecer que possivelmente é o próprio andar que o entendia. Assim, ele será impulsionado a procurar um movimento totalmente novo. [...] Comparada com o andar linear, reto, a dança, com seus movimentos revolteantes, é um luxo que foge totalmente do princípio do desempenho (HAN, 2017c, p. 35).

Corrêa (2019) se baseia nas considerações apresentadas por Han em *Sociedade do Cansaço* (2017c), onde o sofrimento psíquico é tomado “como última ação, biológica desesperada em busca de apenas um respiradouro como alternativa para a sobrevivência” (CORRÊA, 2019, p. 74) em meio a um contexto marcado pela profunda exaustão, culpa e morte, gerada por essa excessiva valorização de atividades úteis que faz o sujeito acreditar que é preciso ser altamente produtivo em tudo o que faz.

Essa lógica degrada a existência do sujeito e o leva a um processo de autodestruição, na medida em que a pressão por uma produtividade é estabelecida pelo próprio indivíduo. Esse caminho leva à “produção desenfreada e o ócio culpado” (CORRÊA, 2019, p. 65). A autora explica que

No primeiro uma produção constante e sem limites, o atendimento de tudo e de todos é sempre a prioridade. Corpo e mente exaustos sempre tem um novo empreendimento a realizar. Já no segundo o ócio é alavanca da culpa, onde atividades não produtivas são desvalorizadas ao ponto de perder o sentido (CORRÊA, 2019, p. 65).

Assim como Han, Corrêa (2019) atribui ao neoliberalismo a implementação dessa racionalidade e, por conseguinte, a formação de um *ethos* e de uma subjetividade atravessada pela “ideia de ser livre, sendo competitivo, pois em tudo deve-se ser bem-sucedido: em casa, na família, no trabalho, enfim tudo em raciocínio custo benefício. Competição e sujeição ao imperativo do mercado” (p. 65).

A autora aponta que é difícil não levar a filosofia de Han em consideração, tendo em vista que esse cenário produz, de fato, dominadores e dominados que habitam no mesmo corpo. Essa estrutura, que para Corrêa (2019) é de “esgotamento humano sistêmico” (p. 74), só pode

terminar em sofrimento e morte ao indivíduo. E por ser difícil de escapar, essa estrutura forjada pelo neoliberalismo transforma os sujeitos em potenciais sofrendores e mortos vivos.

Mas, mesmo sendo tão destrutivo, o discurso neoliberal se torna atrativo, e isso ocorre por causa do vocabulário utilizado pelo neoliberalismo que modula a realidade usando eufemismos que disfarçam cenários de sofrimento. Um exemplo disso é que todo esse contexto de precarização e de dor é vendido como oportunidade de *empreendedorismo*. Ao invés de *algoz de si mesmo*, a ideia passada é a do *empresário de si*.

Quem problematiza bastante essa técnica é Barbalho e Uchoa (2019), no artigo *As Linguagens do Novo Capitalismo: os casos exemplares da Endeavor Brasil, Artemisia e Ashoka Brasil*, publicado em 2019 pela Revista de Ciências Sociais⁴⁸. O artigo dos autores busca mostrar como se dá o fenômeno do empreendedorismo no Brasil e como esse termo é disputado pelo neoliberalismo. O apelo de Barbalho e Uchoa (2019) é para conscientizar que o uso de determinadas expressões não ocorre de forma inocente e descompromissada, mas sim, com interesses políticos e ideológicos, tendo em vista a influência que a linguagem exerce sobre a subjetividade. Para os autores “O que há são formas alternativas de significar – e lexicalizar – domínios particulares da experiência. Essas diferentes formas de expressão traduzem perspectivas teóricas, culturais e ideológicas distintas e, também, levam a diferentes interpretações [...]” (BARBALHO & UCHOA, 2019, p. 171).

Com base nos discursos analisados por Barbalho e Uchoa (2019), o empreendedorismo é definido no artigo

como o emprego de métodos e técnicas de gestão empresarial para a criação e desenvolvimento de soluções inovadoras para problemas sociais. Sob a ótica dos empreendedores, o setor apresenta-se como a combinação entre lucro e sustentabilidade financeira e o propósito de contribuir com transformações positivas na sociedade. Seu crescimento é associado ainda a formas eficazes de dinamizar a economia por meio da abertura de novos mercados e da criação de novas carreiras profissionais e promoção do “autoemprego” (p. 157).

Esse discurso empresarial é atraente pois promete um cenário inovador, criativo e que proporciona desenvolvimento pessoal e liberdade, desde que haja engajamento no que se dispõe a fazer. Entretanto, o que Barbalho e Uchoa (2019) mostram, é que esse modelo de organização laboral é o resultado de transformações nos processos produtivos que começaram a ocorrer e a se estabelecerem por terem se tornado vantajoso para grandes empresas e empresários. Os modelos de trabalho mais autônomos reduziram de forma significativa os custos de supervisão ao substituir “o controle pelo autocontrole” (p. 160) e transferir “o peso da organização para os

⁴⁸ ISSN: 2318-4620. Este periódico é classificado com Qualis B1 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

assalariados” (p. 160). Dessa maneira, os indivíduos começaram a “se tornar empresas que devem responder pela rentabilidade de seu trabalho, internalizando a pressão trazida pela lógica da obtenção do máximo proveito possível e se responsabilizando por sua própria formação, aperfeiçoamento, saúde etc” (BARBALHO & UCHOA, 2019, p. 160). São as consequências, sobretudo psicológicas, dessas dinâmicas que Han vai tomar como tema central em sua filosofia, como foi mostrado no capítulo anterior.

Apesar do alinhamento entre o texto de Barbalho e Uchoa (2019) e a filosofia de Han, o filósofo sul-coreano é citado no artigo dos autores apenas brevemente, ao se referirem aos empresários de si mesmos como membros fundamentais daquilo que Han chama de sociedade de desempenho: o lugar onde “O paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder” (BARBALHO & UCHOA, 2019, p. 168).

Trabalho é também o tema central do artigo *Byung-Chul Han Como Elo Interseccional Entre Hannah Arendt, Giorgio Agamben e Michel Foucault*, publicado em 2019 pela Revista Filosófica São Boaventura. Neste texto, Amaral (2019) parte das ideias apresentadas por Han, sobretudo em *Sociedade do Cansaço* (2017c) e *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), acerca de como o trabalho se organiza dentro de um sistema neoliberal para tentar costurar elementos das filosofias de Arendt, Foucault e Agamben, que também se debruçam sobre o tema do trabalho.

Utilizar a filosofia de Han como elo entre Arendt, Foucault e Agamben é bastante possível na concepção de Amaral (2019):

Enquanto Arendt idealizou o poder enquanto sintoma da qualidade de ação política, sendo esta compreendida como a qualidade de agir em concerto no espaço público; Michel Foucault idealizou o poder enquanto manifestações difusas no espaço social para controle, disciplina e dominação, não apenas provenientes do Estado, mas de discursos e práticas de poder e, assim, consolidam os aspectos da microfísica do poder e da biopolítica. E, paralelamente a estes autores, Giorgio Agamben acredita que os referenciais apresentados por Arendt e Foucault, em face às relações de trabalho, formam a qualidade de existência do homo sacer, a vida que pode ser matada sem que isso promova qualquer ônus ou dolo aos responsáveis. A atuação de Han sobre estes aspectos é de conjugar as estratégias do capitalismo neoliberal como elo para reconfiguração dos afetos contemporâneos (p. 86).

Arendt, de acordo com o autor, entende o trabalho como um dos três elementos que compõe a *vida activa*. Para Amaral (2019), “O trabalho, sob o pensamento de Arendt, está relacionado à mera manutenção da existência da vida” (p. 89), assim como “considera que a participação pública e política dos homens não se encontra em diálogo com as atividades laborais (trabalho ou obra), mas na qualidade de promover a ação (p. 89). Na leitura que Amaral (2019) faz de Han, o reconhecimento social depende de ações políticas e públicas que são promovidas justamente pelo trabalho, enquanto uma categoria da vida:

A produtividade em excesso e as horas a fio dedicadas ao trabalho desenham o aspecto de dominação. Paralelamente a esta concepção, há a inversão de que o trabalho, antes compreendido como algo negativo, passa a ser positivo, mesmo sendo a origem da incidência de doenças e violência (p. 90).

É através da ideia de dominação que Amaral (2019) inclui Foucault na discussão. O filósofo francês, de acordo com Amaral (2019), não vê o exercício de dominação como uma ação proveniente, de maneira exclusiva, de um regime governamental, já que o poder se apresenta em relações que se estabelecem a partir “das práticas que visam o controle e disciplina de corpos e subjetividades como, por exemplo, os discursos e as práticas de saúde, da medicina, as práticas jurídicas, pedagógicas e educacionais, dentre outras (p. 91). São essas práticas e saberes que começaram, sobretudo a partir do século XVIII, a separar, categorizar e administrar corpos humanos, além de serem responsáveis por estabelecer o trabalho como uma tecnologia de dominação, algo bastante conveniente ao sistema capitalista, que já se insinuava de forma bastante intensa. A principal consequência dessa dinâmica foi que

o corpo passou a ser objeto de investimento na aparência pública, nas investigações de manutenção de saúde e, também, na produção de corpos e mentes adequadamente aptos à sustentação do sistema capitalista; associada a esta ideia, está a promoção também de corpos felizes, uma vez que estão a par das estratégias de poder. Este mecanismo idealizado por Foucault produz sujeitos dóceis e domesticados em face às práticas de poder (AMARAL, 2019, p. 91).

Essa forma de dominação foi responsável pelo surgimento do modelo de sociedade disciplinar. Mas, como apontamos no primeiro capítulo, Han (2017c) parte da ideia de que a disciplina, enquanto tecnologia de subjetivação, tem perdido espaço para o desempenho, muito embora o filósofo sul-coreano acredite que

há ainda a possibilidade de controle e disciplina, todavia, pelo avanço do produtivismo e alcance desenfreado do capitalismo, a necessidade de manter-se em atividade e útil desenvolve a sensação de pertencimento e participação social, mesmo com as diversas adversidades patológicas que surgirão como sintoma (AMARAL, 2019, p. 92).

É através dessas considerações que Amaral (2019) vai articulando os pensamentos de Arendt e Foucault através da filosofia de Han. Agamben é incluído no texto através de seu conceito de *homo sacer* – também apresentado no primeiro capítulo desta dissertação. Na leitura de Amaral, a vida do sujeito de desempenho é uma vida matável, na medida em que seu corpo não é mais assunto dos poderes governamentais. Ao deixar as vidas e os corpos dos indivíduos aos seus próprios cuidados, os sujeitos se tornam os responsáveis por toda desgraça que lhes ocorre, desresponsabilizando toda instância política governamental responsável pela gestão social. Na sociedade do desempenho há uma política do *deixar viver* e *deixar morrer*, onde o sujeito se torna o *homo sacer* de si mesmo (AMARAL, 2019).

O artigo *Byung-Chul Han em Cena: formulações e deformações*, publicado em 2019 pela Revista Filosófica São Boaventura, coloca em evidência a obra *Sociedade do Cansaço* (2017c), mas através de uma perspectiva diferenciada: o teatro.

O texto em questão, escrito por Freitas (2019) “descreve o processo criativo de construção do espetáculo teatral *Do pó ao pó*” (p. 73, grifo do autor), que foi inspirado pelo livro já citado e pelo pensamento filosófico de Han, como afirma o próprio autor: “Encontramos nas colocações de Byung-Chul Han o esteio que procurávamos para compreender o funcionamento da sociedade atual” (FREITAS, 2019, p. 74). O espetáculo *Do Pó ao Pó*, que “continha algo de dança, *stand up*, canções, coralidade e humor” (FREITAS, 2019, p. 75), relata a história de Adolfo e Evelyn – “uma *releitura* paródica do mito de Adão e Eva” (FREITAS, 2019, p. 75, grifo do autor). Para resumir a história dos dois personagens, Freitas (2019) conta que:

As duas personas, em nossa versão, foram degredadas do paraíso para o mundo contemporâneo após comerem o fruto proibido. Eles eram, nos termos de Byung, “sujeitos do desempenho”, em busca de realização profissional e pessoal, mas cada qual com seu castigo correspondente (a princípio, pelo menos): tal qual o mito bíblico, Adolfo foi penalizado com o trabalho, enquanto Evelyn sofreu a penitência da dor do parto. No entanto, ostracizados para a atualidade, os seus corretivos não permaneceram assim (FREITAS, 2019, p. 75, 76).

Na peça, Evelyn se divide entre as muitas tarefas domésticas e a busca por uma fonte de renda extra, e isso ocorre com ela grávida de seu primeiro filho. A personagem se reveza entre processos seletivos e provas em programas de auditório, cujo prêmio é uma vaga de emprego. O grande momento de Evelyn na peça é quando ela rasga sua carteira de trabalho ao enxergar a possibilidade de empreender. Freitas (2019) narra uma cena interessante da personagem:

Evelyn contava aos espectadores sobre sua atribulada vida – isto é, cuidados dos filhos, “bicos”, busca por trabalho, pensão alimentícia – e lançava, ao fim, uma “profecia autorrealizadora” (para utilizar o termo dos coaches): “as vingadoras vão lucrar”, ou em outras palavras, a personagem estava disposta a superar os homens por meio da demonstração de sua capacidade profissional. Na cena seguinte então ela colhia os louros de sua dedicação ao proclamar, já em “ritmo de festa”, sua promoção profissional e as benesses materiais adjuntas: poderia agora comprar um “celular novo para checar seus e-mails o tempo todo”, assim como conseguiria adquirir um vasto “pacote de canais televisivos por assinatura, para quando eu chegar em casa dormir antes de assistir” (p. 77).

Já Adolfo era um profissional autônomo com o discurso de empreendedorismo, de esforço pessoal, meritocracia e individualidade, ou seja, nada que levasse em conta qualquer determinante social e histórico. O personagem precisava se revezar entre vários trabalhos diferentes para fugir do desemprego e sustentar seu discurso empreendedor: “Em sua primeira cena, Adolfo retornava exausto a sua residência para o repouso noturno, carregando

sisificamente o fardo de sua maleta, mas nem bem fechava os olhos e era acordado pelo (insuportável) barulho do despertador de seu celular” (FREITAS, 2019, p. 78, grifo do autor). Ao longo da peça, Adolfo vira aluno de um *coach* que lhe ensinava sobre fé, superação e resiliência.

Apesar de todos os desdobramentos, o fim de Adolfo e Evelyn é o desânimo, o cansaço e a depressão, assim como é o do sujeito de desempenho narrado por Han. *Do pó ao pó* é uma experiência teatral digna de nota por evidenciar através das artes cênicas o contexto de trabalho que tem se desenhado em nosso país, seus determinantes e como o “Desemprego, fracasso, excesso de trabalho, insatisfação profissional, precarização, meritocracia” (FREITAS, 2019, p. 81) tem influenciado no mal-estar coletivo que tem se abatido sobre todos e todas nós.

Já no artigo *Do Homo Oeconomicus ao Sujeito de Desempenho: trajetória do sujeito no modelo neoliberal nos pensamentos de Foucault e Byung-Chul Han*, publicado em 2020 pela revista *Research, Society and Development*⁴⁹, Filho, Rosa e Marchiori (2020) pensam no sujeito de desempenho de Han como um aperfeiçoamento do *homo oeconomicus* de Foucault: um conceito usado pelo francês para se referir ao sujeito forjado pelo neoliberalismo, que assim como o sujeito de desempenho, também é atravessado por uma racionalidade econômica, mas que surge em um contexto biopolítico e disciplinar.

Apesar de ambos os sujeitos serem produtos do neoliberalismo, há uma mudança brusca de mentalidade entre um e o outro. De acordo com os autores e a autora, o sujeito do desempenho vive em um contexto bastante diferente do que o que o *homo oeconomicus* viveu. Para Filho, Rosa e Marchiori (2020),

Devido a mudanças no contexto social, político e econômico ocorridos no século XXI evidenciadas pelas transformações tecnológicas da farmacêuticalização para melhoria do desempenho e na positivação do discurso do sujeito, no qual acredita que tudo pode, levam a cada dia, muitos jovens a buscas constantes e exaustivas do aprimoramento de suas carreiras profissionais, seja através do doping físico, seja no doping cognitivo (p. 24).

O *homo oeconomicus* é dócil e disciplinado, enquanto sujeito de desempenho, para além disso, busca constantemente o máximo de eficiência possível, seja através da utilização dos processos mentais, do aprimoramento corporal ou das técnicas e dispositivos que melhoram performances. E todos os meios para que os objetivos do sujeito do desempenho sejam alcançados são oferecidos para consumo no mercado. Enquanto a racionalidade econômica, que produziu o *homo oeconomicus* se preocupa com o corpo dos indivíduos, a racionalidade

⁴⁹ ISSN: 2525-3409. Este periódico é classificado com Qualis B1 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

econômica que produz o sujeito do desempenho encontra nos processos cognitivos a grande força produtiva.

Para Filho, Rosa e Marchiori (2020), sempre foi fundamental ao neoliberalismo estimular uma racionalidade econômica nos indivíduos e iniciar um processo de subjetivação nessa direção, pois isso facilitaria a implementação de um estado mínimo que não interferisse nas diretrizes do mercado.

O caminho encontrado pelo neoliberalismo para estabelecer essa racionalidade foi, justamente, através de “mudanças na conduta do trabalhador e de suas relações com o trabalho” (FILHO, ROSA & MARCHIORI, 2020, p. 9). Para tanto, o Estado foi invadido por lógicas que estimulavam a concorrência com o princípio absoluto, a meritocracia e o apelo ao desempenho. O Estado, agindo em função do mercado, começa a introduzir, através de algumas políticas, esses princípios nos sistemas educacionais e acadêmicos e, logo, o cenário para a produção do empresário de si – o *homo economicus* para Foucault ou sujeito do desempenho para a Han – está montado.

Esse sujeito do desempenho, que é empresário de si mesmo, está cada vez mais presente dentro do trabalho docente brasileiro. Quem denuncia isso é Issler et al (2017), no artigo *Reflexões Sobre o Trabalho Docente: o mal-estar da performatividade na sociedade do cansaço*, publicado em 2017 pela Revista Temas e Matizes⁵⁰.

Neste artigo, os autores e autoras usam Han para mostrar como professoras e professores no Brasil, e estão se transformando em verdadeiros sujeitos do desempenho. A profissão docente tem sido marcada pela “demasiada carga de trabalho, pautada no esforço, pressão externa e na velocidade com que realizam suas funções” (ISSLER et al, 2017, p. 85); as consequências físicas e psicológicas desses excessos têm sido avassaladoras para os/as profissionais da área.

Há uma busca incessante por um padrão alto de performance que tem transformado docentes em reféns adoentados de si mesmos. Para Issler et al (2017), esse ideal performativo é planejado e incentivado por uma racionalidade econômica, tendo em vista que certas demandas apresentadas pelo sistema educacional, não tem outra função se não preencher critérios de desempenho. Dessa forma,

reduzimo-nos à estatísticas de mercado para fins de comparação e classificação. A sensação de ser avaliado constantemente, por diversos meios e inúmeras formas, bem como as expectativas que somos condicionados a corresponder, continuamente, vêm ao encontro de ideias anteriormente

⁵⁰ ISSN: 1981-4682. Este periódico é classificado com Qualis A3 de acordo com a Classificação de Periódicos do Quadriênio 2017-2020.

apresentadas em relação à sociedade do desempenho em que estamos inseridos (ISSLER et al, 2017, p. 91).

Os autores e autoras utilizam ainda uma citação de Ball (2005) para reforçar a ideia de que “O professor, o pesquisador e o acadêmico estão sujeitos a uma miríade de julgamentos mensurações, comparações e metas. Informações são coletadas continuamente, registradas e publicadas com frequência na forma de rankings” (apud ISSLER et al, 2017, p. 91).

A ideia de Issler et al (2017), muita ancorada na filosofia de Han, é que os professores e professoras, no contexto brasileiro, se tornaram seus próprios campos de trabalho, o que termina por colocá-los e colocá-las em um regime de auto exploração, onde cada um e cada uma é, ao mesmo tempo, violentador e violentado.

O violentador é caracterizado pela figura do sujeito obsessivo por desempenho e performance, enquanto o violentado é marcado pelo sofrimento que esse excesso traz. No trabalho docente

essa coerção acontece por meio da rotina de trabalho dos professores, que não lidam somente com os alunos em sala de aula, possuindo também inúmeras atividades frequentemente atribuídas a eles e que precisam ser realizadas em suas residências. Nesse sentido, o adoecimento por problemas relacionados ao trabalho, em suma, tem sintomas físicos, como dores de cabeça, indigestão, úlceras, pressão arterial elevada, palpitações, asma, dores musculares, problemas de sono, mudança no desejo sexual e queda de imunidade. Psicologicamente, os efeitos podem ser sentimento de raiva, ansiedade, depressão, nervosismo, irritabilidade, tensão e tédio e como efeitos comportamentais, como comer pouco ou em demasia, insônia, fumar e beber em excesso e o uso de drogas (ISSLER et al, 2017, p. 92).

Esse excesso atinge, sobretudo, a juventude, é o que aponta Silva (2019) no artigo *Trabalho, Educação e Juventudes: diálogo com o pensamento social de Christian Laval e Pierre Dardot*, publicado em 2019 pela Revista Trabalho, Educação e Saúde⁵¹. Neste texto, o autor investiga como a juventude é afetada pelas formas contemporâneas de organização do trabalho, através de arranjos subjetivos estimulados pelo neoliberalismo.

De acordo com Silva (2019), desde a década de 1980, a classe trabalhadora de diversos países da América do Sul tem visto um cenário laboral se desenhando de forma precária, informal e flexível, criando assim, uma nova morfologia do trabalho. Essas novas formas de organização do trabalho se devem pela influência que o neoliberalismo tem exercido na política global.

É nesse cenário neoliberal de trabalhos cada vez mais precários, flexíveis, informais e destituídos de direitos, que a subjetividade da juventude contemporânea vai se formando. A

⁵¹ ISSN: 1981-7746. Este periódico é classificado com Qualis B1 de acordo com a Classificação de Periódicos do Quadriênio 2017-2020.

filosofia de Han é acionada por Silva (2019) a partir deste ponto, já que para o autor do artigo, os jovens, desde muito cedo em sua vida, aprendem a entrar em uma guerra consigo mesmo.

A subjetividade do sujeito que se violenta através de uma exploração autorreferente é forjada ainda nos primeiros anos de vida, quando a criança começa a se odiar por causa de padrões estéticos e costuma correr atrás de se adequar a todos e todas em sua volta, desejando se parecer com seus/suas colegas e/ou ter o mesmo que eles e elas. Em suma o neoliberalismo constrói o sujeito do desempenho desde sua infância e nesse sentido a educação exerce um papel fundamental tendo em vista que ela pode ser alienante ou libertadora.

Por se tratar de uma racionalidade política e econômica, pelo menos de acordo com Silva (2019), o neoliberalismo cria e estimula uma sociedade do cansaço, já que o “conjunto de destrezas e habilidades específicas” (SILVA, 2019, p. 7) esperadas da juventude contemporânea “expõem estes sujeitos a condições subjetivas cada vez mais individualizantes e competitiva”. Para Silva (2019),

o neoliberalismo fabrica um ‘neossujeito’, que toma a empresa como modelo e a realização pessoal como projeto. Uma nova ética do trabalho parece delinear-se, não mais centrada na acumulação, mas em um ‘dispositivo desempenho/gozo’ combinando poder e liberdade. Importa explicar que a busca por desempenho e satisfação permanentes, ao articularem os discursos psicológico e econômico, tendem a desencadear um conjunto de efeitos patológicos (SILVA, 2019, p. 9 e 10).

A força apresentada pelo neoliberalismo, manifestada nesta ideia de sociedade do cansaço, se dá pela construção de captura de subjetividades. No artigo, *A Forças Conservadoras da Vida Como Possibilidade de Enfrentamento à Dialética opressão/insurgência em Face a Cultura de Paz*, publicado em 2021 pela *Revista Iberomerica de Filosofia, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales*⁵², Coelho e Oliveira (2021) trabalham com a ideia de que uma sociedade é constituída por um conjunto de subjetividades que formam a cultura, ao mesmo tempo em que são formadas por ela. Logo, quem se apodera do processo de subjetivação acaba tendo em mãos as oportunidades para construir qualquer modelo de sociedade. É no que acreditam as autoras e é no que acredita Han também.

Coelho e Oliveira (2021) propõem que esse modelo, não só laboral, mas de sociedade, que se baseia em uma racionalidade econômica, só pode chegar ao fim através de um novo sistema educacional que privilegie “outros valores, saberes e fazeres. Educar para a afetividade e solidariedade, e não para a indiferença. Educar para a cooperação e comunhão, e não para a

⁵² ISSN: 1575-6823. Este periódico é classificado com Qualis A1 de acordo com a Classificação de Periódicos do Quadriênio 2017-2020.

competitividade. Educar para a democracia e não para a opressão. Educar para a esperança” (p. 397).

A educação é fundamental, na concepção das autoras, para a construção de uma subjetividade humanizada que reconheça seu lugar histórico e social no mundo, que tenha ambições, mas que reconheça seus limites e, sobretudo, tenha a noção de coletividade. É preciso “parar de gerar opressores. Precisamos parar de educar para a competitividade. Precisamos parar de estimular a vaidade em detrimento de um caráter forte” (COELHO & OLIVEIRA, 2021, p. 395).

Para Coelho e Oliveira (2021), o processo de subjetivação neoliberal desintegra a capacidade do indivíduo em estabelecer relações entre partes. O empresário de si mesmo, ou sujeito do desempenho, não consegue reconhecer como seu organismo e seu ambiente se relacionam, justamente pelas artimanhas neoliberais de isolar os indivíduos em si mesmos. Dessa forma, toda espécie de infortúnio e desventura sofrida pelo sujeito acaba sendo interpretado como um fracasso pessoal.

As autoras utilizam a filosofia de Han justamente pelo fato de o filósofo sul-coreano entender que o sistema econômico fecha o sujeito em si mesmo e o oprime – mesmo sem parecer opressão – através da ilusão de liberdade e autonomia. E o universo do trabalho acaba se tornando bastante suscetível a essa dinâmica. De acordo com Coelho e Oliveira (2021),

a cultura atual, extremamente materialista e tecnicista, valoriza resultados dos procedimentos técnicos sem se preocupar com aspectos éticos (como a saúde do sujeito ou as consequências de suas ações), condiciona a cada dia mais os sujeitos à produção a qualquer custo. A ação procedurística assume que a dimensão mental sobreviveria sem as demais. Desta forma adoece gravemente a dimensão material por excesso de atividade; polui a dimensão sensorial, fere fortemente a dimensão emocional e ocasiona o enfraquecimento da dimensão espiritual (p. 386).

Dessa maneira,

O sujeito ferido e doente se adapta a esta realidade que o fere e o adoece de forma mecânica e alienada, perdendo a capacidade de reunir condições de transformá-la, produzindo esta cultura tóxica que vemos se fortalecer mundialmente – uma cultura cujo sentido axiológico favorece a indiferença e a belicosidade (COELHO & OLIVEIRA, 2021, p. 386).

Em “*Estar na Hora do Mundo: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos*”, artigo publicado em 2019 pela revista *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*⁵³, Rago (2019) explora o tema da subjetividade usando os feminismos como posturas subversivas aos modelos de feminilidade que por muitos anos foram – e são ainda – impostos a mulheres.

⁵³ ISSN: 1414-3283. Este periódico é classificado com Qualis A3 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

Tendo em vista a capacidade neoliberal de inibir possibilidades de resistência, como afirma Han (2018) e reforça Rago (2019), apontar os movimentos feministas como alternativas às subjetividades neoliberais e sexistas foi uma ideia de provocação muito boa por parte da autora.

Rago (2019) entende que o neoliberalismo se estabelece com uma força social devido ao seu projeto muito particular de subjetivação pois “a captura da subjetividade é fundamental, pois o indivíduo deve passar a perceber sua vida como um tipo específico de capital” (p. 5). O diálogo, que Rago (2019) faz com Han (2018) é justamente através do conceito de psicopolítica, já que a autora concorda com o postulado do filósofo sul-coreano de que o neoliberalismo explora a psique dos indivíduos. Para a autora, há em curso um modelo de subjetividade empreendedora que só consegue existir através de diretrizes de mercado: custo-benefício e desempenho-fracasso.

Pensar em subjetividades, processos de subjetivação e possibilidades de resistência é muito importante para Rago (2019) e, nesse sentido, o feminismo tem um papel fundamental:

Está claro, a meu ver, que a feminização cultural, que vivemos há décadas e que resulta das lutas micropolíticas dos movimentos feministas, pode sinalizar para novas formas de “estar na hora do mundo”, reimaginando o presente em oposição radical às forças misóginas, sexistas, racistas, altamente destrutivas, ativadas pelo capitalismo empresarial, como temos presenciado, afirmando, ao contrário, uma maneira alegre, solidária, feminista e positiva de viver, em vista tanto da coletividade quanto da nova “artista de si”, que se constrói em outras redes sociais ou em novos territórios de afetos (p. 9, 10).

Na concepção de Ferreira (2017), os processos de subjetivação não estão dando conta de oferecer subjetividades que respondam de maneira efetiva aos ideais cada vez mais intensos de aceleração e desempenho. Os projetos neoliberais que avançam e se consolidam mundo afora buscam, justamente, acelerar processos, métodos e mecanismos. Um exemplo que Ferreira (2017) traz dessa dinâmica é a precarização do trabalho, marcada por uma perda de direitos do trabalhador e da trabalhadora, para que os procedimentos da máquina laboral sejam acelerados ao máximo, incluindo a mão de obra, o que termina por ser bastante violento e contribuir para uma série de sofrimentos mentais.

Essa ideia aparece no artigo *Saúde Mental, Subjetividade e o Dispositivo Psicofarmacológico Contemporâneo*, publicado em 2017 pela Revista *Latinoamericana de Estudios Sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*⁵⁴. Ferreira (2017) aponta que, se temos subjetividades cada vez mais voltadas a ideais de performance, é porque desde muito cedo aprendemos a usar uma linguagem do desempenho – linguagem essa validada por algumas

⁵⁴ ISSN: 1852-8759. Este periódico é classificado com Qualis A4 de acordo com a Classificação de Periódicos do Quadriênio 2017-2020.

ciências, inclusive. O autor fala da psiquiatria, que através de seus manuais e suas categorias diagnósticas, acabam construindo uma ideia de que situações que impossibilitam a produtividade são transtornos mentais; e fala também da farmacologia, que se ancora na ideia regulatória psiquiátrica para fornecer cada vez mais medicamentos que, mais do que tratar, “curam” a improdutividade.

Para Ferreira (2017),

Há entre o discurso da subjetividade e o discurso da normalidade psíquica um elo claro, e historicamente evidente, posto que a ideia de um sujeito racional, autônomo, maduro, no controle de suas emoções, é tanto um critério decisivo para avaliar a saúde mental quanto eixo em torno do qual gravita a racionalidade do sujeito. [...] Essas práticas, [...] alinham-se ao interesse amplo do modo de produção capitalista por normalizar condutas, por torná-las previsíveis, e portanto produtivas (p. 14).

Neste artigo, Han surge como aquele que entendeu a “dimensão profunda desse problema” (FERREIRA, 2017, p. 18), tendo em vista que a filosofia do sul-coreano ganhou projeção global, justamente, por entender muitas formas de sofrimento mental contemporâneas como resultado último de uma dinâmica neoliberal que subjetiva em favor da economia e da produtividade:

Exaurimos tudo, sem realizar nada, pondera Han. Essa impotência estrutural é a marca de nosso sofrimento. Onde nada podemos realizar, contentamo-nos em funcionar. A ideia de funcionalidade, é preciso que se diga, apresenta essa significação dupla: funcionar é tanto a necessidade de um sistema em perpétua aceleração da aceleração, como a necessidade do indivíduo capturado em uma dinâmica empobrecedora e veloz (FERREIRA, 2017, p. 21, grifo do autor).

Um elemento importante que contribui de forma emblemática ao processo contemporâneo de subjetivação no qual estamos sujeitos é a tecnologia. A quantidade massiva de inovação tecnológica que acompanhamos todos os dias nos transforma de dentro para fora. Nossos recursos cognitivos passam a ser utilizados/sub-utilizados de formas diferentes, já que os aparelhos que carregamos no bolso acabam dando conta do que era anteriormente separado para nossa cognição. Nossa forma de se comportar e nossas capacidades de sociabilidade são reconfiguradas na medida em que novas funções tecnológicas são descobertas. As tecnologias

alteram profundamente a relação com o corpo, a natureza e o ambiente cultural. As tecnologias que criamos afetam nossa biologia, nossas concepções do que é a realidade, nossa experiência do que é ser um humano. Inventamos coisas e somos de volta reinventados por elas (BEZERRA JUNIOR, 2020, p. 496).

Essas preocupações são encontradas no artigo *Tecnologias Digitais, Subjetividade e Psicopatologia: possíveis impactos da pandemia*, publicado em 2020 pela Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental⁵⁵.

⁵⁵ ISSN: 1415-4714. Este periódico é classificado com Qualis A2 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

Bezerra Junior (2020) aponta que a forma como sujeito experencia a vida, o mundo, o sofrimento, prazer, a saúde etc., tem sido balizada por algoritmos que estão nos conteúdos acessados por computadores e smartphones que, mesmo que não tenham sido criados com esse fim, acabam alimentando uma rede gigantesca de vigilância e de controle que alcança todos e todas nós.

Han se atenta a isso que está acontecendo e apresenta suas conclusões em *Sociedade da Transparência* (2017b) e *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), e Bezerra Junior (2020) acaba repassando a mensagem do filósofo sul coreano:

A sensação de liberdade propiciada pelo uso das tecnologias de informação e comunicação universalmente disponíveis se transforma numa das formas mais eficientes de subjetivação e assujeitamento. Hoje não nos enxergamos como *sujeitos* (assujeitados), mas como projetos livres que se questionam e se reinventam constantemente. No panóptico digital não há prisioneiros. Seu elemento fundamental é a ilusão de liberdade. No mundo da psicopolítica, o controle não encontra barreira quando a autoexibição não decorre de constrangimentos externos, mas de movimentos vividos como expressão de legítimos anseios e impulsos internos. O Big Brother deu lugar ao Big Data (p. 503, grifo do autor).

Não há para onde fugir nem para onde retornar. As tecnologias digitais e a imensa rede de dados que chamamos de *internet* transformaram e ainda transformam nossa realidade mental/psíquica, o que leva Bezerra Junior (2020) a insinuar que temos hoje uma espécie de fenótipo digital, definido no artigo como

a quantificação momento a momento do fenótipo humano no nível individual em seu próprio ambiente, por meio de aplicativos em celulares e outros dispositivos pessoais [...]. Essa quantificação abarca o uso de várias métricas, que incluem dados referentes à atividade do usuário e a sua localização física, padrões de voz e estrutura do discurso (prosódia, sintaxe e conteúdo), interações entre o usuário e seus dispositivos (dinâmica de uso de teclados, padrões de busca na internet, número e duração de chamadas, extensão e ritmo de mensagens, frequência de presença nas redes sociais etc. (p. 498, 499).

É no meio de todas essas análises que surge a grande questão para Bezerra Junior (2020): está bastante claro que nossa subjetividade é atravessada por um novo modelo de organização do trabalho e por uma revolução tecnológica em andamento; está claro também que toda essa dinâmica faz surgir um novo sujeito nomeado por Han (2017d) de sujeito do desempenho, que se caracteriza por um comportamento auto exploratório que resulta em toda uma paisagem patológica de sofrimento; dito isso, como se manifestam, quais os papéis e os desafios dos dispositivos, abordagens e epistemologias em Saúde, sobretudo, Mental, em nossa sociedade contemporânea, neoliberal e digitalizada? A próxima categoria serve para tentar oferecer perspectivas e inquietações para essa questão que se coloca.

2.2.4 Os interesses farmacêuticos, neoliberais e psiquiátricos sobre o campo da Saúde Mental e como o sofrimento é percebido e utilizado na contemporaneidade

Como fica evidenciado no Gráfico 1, essa categoria é composta por 5 artigos que analisam as questões relacionadas a Saúde Mental, mas que também são de interesse da Saúde Coletiva, tendo em vista que essa última é atravessada por estudos sociais que buscam entender e avaliar os impactos sociais que discursos, dispositivos e instrumentos em saúde podem causar nos indivíduos e na sociedade. Aqui, Saúde Mental é observada tanto como campo e como estado emocional; os saberes, práticas e tendências que atravessam este campo também são evidenciados e problematizados, tais como a psiquiatria, a psicologia, a psicopatologia e a psicofarmacologia. O que todos os textos têm em comum é ter Byung-Chul Han como um de seus referenciais teóricos.

Essa discussão se inicia com Bezerra Júnior (2020), que é um autor que mostra o quanto o campo psiquiátrico tem acolhido a revolução digital. Bezerra Junior (2020) cita a trajetória de Thomas Insel, que foi diretor do *National Institute of Mental Health* (NIMH) entre 2002 e 2015, ano em que troca o NIMH pela *Google* para trabalhar na *Verily*, “uma *startup* de tecnologia em saúde com foco em fenotipagem digital” (BEZERRA JUNIOR, 2020, p. 499). Pouco tempo depois, Insel funda suas duas próprias empresas: *Mindstrong* em 2017 e a *NEST Health* em 2020, sendo ambas focadas em construir uma psiquiatria mais precisa em termos diagnósticos, tendo tecnologia digital e informacional como base fundamental.

Bezerra Junior (2020) aponta alguns estudos realizados no Brasil que mostram como a psiquiatria brasileira tem utilizado o processamento computacional e ferramentas digitais para dar diagnósticos de esquizofrenia, transtornos do humor, ideação suicida, Alzheimer, transtorno de personalidade e depressão. Tudo isso com uma precisão de mais de 90%.

Não há outro caminho para a psiquiatria, de acordo com Bezerra Junior (2020), que não a digitalização de sua práxis e episteme. A psiquiatria computacional é uma realidade e essa é uma tendência que, para o autor, vai se espalhar por todas as esferas da saúde. Mas, para além de um aperfeiçoamento de “estratégias de prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação, tornando sua atuação mais precoce, mais precisa, mais objetivamente avaliável, mais segura, mais confiável, mais eficaz” (BEZERRA JUNIOR, 2020, p. 503), é preciso ter cuidado com os efeitos que essa digitalização tecnológica pode trazer.

Bezerra Junior (2020) compartilha receios semelhantes aos apresentados por Bauman e Lyon (2013), quando alertam que a fronteira entre cuidado e controle pode se tornar bastante flexível:

A arquitetura e a dinâmica das tecnologias eletrônicas, que envolvem Big Data, algoritmos e indivíduos produzindo voluntariamente informações sobre si próprios permitem uma nova transparência em que todos somos permanentemente vasculhados, monitorados, testados, e persuadidos (BEZERRA JUNIOR, 2020, p. 503).

Para Han (2018; 2017c), conforme pontua Bezerra Junior (2020), é disso que se trata esse olhar sobre o sujeito a partir daquilo que os dados os algoritmos fornecem: controle. Para o sul-coreano, não há prática de cuidado nessa abordagem que torna o sujeito transparente, mas sim, uma tecnologia que, a partir da quantificação e administração dos dados fornecidos por cada sujeito, controla e manipula os indivíduos de dentro para fora. É apenas dessa maneira que se consegue uma subjetividade coletiva voltada para o desempenho. É a psicopolítica em curso.

Feijoo (2019) é uma autora que pensa nossa sociedade contemporânea como um local onde a existência vai perdendo sua profundidade, justamente por estar tão submetida a ações operacionais que tentam calcular e controlar tudo. A dor e o sofrimento se enquadram nesse contexto: as experiências desagradáveis só são toleradas quando submetidas ao cálculo racional. O que escapa da técnica operacional é demonizada pelos indivíduos e estudada por saberes diversos que tentam estabelecer discursos sobre o que é, ainda, incontrolável.

Tal como Han em *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021), Feijoo (2019) também se preocupa com a questão da dor e do sofrimento e como essas experiências são encaradas hoje atualmente. No artigo *Dor, Sofrimento e Escuta Clínica*, publicado nos Arquivos do IPUB⁵⁶ em 2019, a autora estabelece um diálogo entre a filosofia e a psicologia fenomenológica para tentar pensar a relação do sujeito contemporâneo com aquilo que é considerado desagradável.

Levando essas reflexões em consideração, Feijoo (2019) defende que uma terapêutica da dor e do sofrimento, mais do que mensurar e eliminar o que é desagradável, precisa “aceitar de uma vez por todas que vida e dor são inseparáveis” (p. 27). Para a autora, não há sentido na revolta ao doloroso, já que sofrer está para além da técnica; não há como escapar da morte, da velhice e das mazelas inerentes à existência humana.

Com a chegada da modernidade, a ciência e a religião se revezaram nas promessas de dar fim, ou pelo menos diminuir, a dor e o sofrimento. Mas na medida em que avançamos na história, uma outra instância surge e se junta a essa empreitada contra o sofrido e o doloroso: o mercado.

⁵⁶ ISSN: 2675-1763. Não foram encontradas informações sobre o Qualis do periódico.

De acordo com Alvarenga e Dias (2021), vivemos hoje uma epidemia de drogas psiquiátricas e o mercado tem um papel nuclear nesse fenômeno. Para os autores, essa epidemia se divide sobre dois eixos e o mercado atua sobre ambos: no primeiro, as drogas psiquiátricas são produtos oferecidos por ciências específicas sob regulação e incentivo do mercado para ajudar no combate a experiências dolorosas e sofridas que, por razões já apontadas no primeiro capítulo, são tidas como intoleráveis; no segundo eixo, as drogas psiquiátricas surgem como produtos do desempenho que são oferecidos pelo mercado como alternativas para se lidar com as altas demandas impostas pelo próprio mercado. O artigo que se debruça sobre essa temática foi publicado em 2021 pela revista *Psicologia e Sociedade* e se chama *Epidemia de Drogas Psiquiátricas: tipologias de uso na sociedade do cansaço*.

Alvarenga e Dias (2021) partem da ideia que a sociedade do consumo e a cultura de mercado influenciam na ontologia psiquiátrica, fazendo com que sua epistemologia, práxis e, principalmente, terapêutica, se transformem em mercadorias. Os autores se baseiam nas denúncias de Whitaker (2017) acerca do caráter mentiroso da hipótese do desequilíbrio neurofisiológico como explicação para condições de sofrimento psíquico, com o objetivo de mostrar que quando é lucrativo, uma teoria pode se manter vigente, mesmo sendo provada falsa, como é o caso da já citada hipótese. Desde a terceira edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-III), em 1980, quando começou a se divulgar que a depressão se resumia em um déficit de serotonina no cérebro, substâncias estimulantes e que impulsionavam a via serotoninérgica começaram a ser divulgados como antidepressivos, o que alavancou de sobremaneira a venda desses produtos em diversos lugares do mundo.

Em suma, o que Alvarenga e Dias (2021) querem mostrar é que discursos vão sendo montados para justificar o interesse coletivo pelo uso de dispositivos e produtos – é a lógica do lucro acima da ética. Nesse sentido, poucas coisas são tão lucrativas quanto adoecer e o sofrer, e o neoliberalismo percebe isso muito bem.

De todas as formas o neoliberalismo, incorporado nas figuras dos dispositivos de Saúde Mental como a psiquiatria ou a psicologia, sai vitorioso, tendo em vista que o sujeito do desempenho sempre vai depender desses saberes e suas terapêuticas para lidar com a sociedade que o próprio neoliberalismo criou. As diversas formas de terapia e de drogas psiquiátricas servem para os sujeitos que buscam potencializar sua performance sexual, laboral e/ou acadêmica; serve para sujeitos esgotados física e psicologicamente pelo excesso do desempenho; e serve para o sujeito que sofre por não dar conta de todas as demandas e, por isso, acaba desenvolvendo uma série de problemas de ordem psíquica. É nesse ponto que Alvarenga e Dias (2021) utilizam a filosofia de Han. Para os autores

Uma das características da sociedade do cansaço é, justamente, a produção de uma subjetividade que se percebe sempre em dívida consigo mesma, nunca se é aquilo o que deveria ser. Trata-se de uma forma de opressão que atinge diretamente os sujeitos em sua intimidade psíquica, colocando-os em situação de vulnerabilidade frente aos transtornos mentais e à medicalização, seja como meio de se adequar aos padrões incentivados de desempenho, seja para lidar com os efeitos do grau excessivamente elevado de exigências que são internalizadas e tornam-se insuportáveis (ALVARENGA & DIAS, 2021, p. 11).

E, de fato, as exigências são muitas. Para Peters (2021), se temos hoje um contingente alto de pessoas deprimidas, é porque estamos mergulhados e mergulhadas em uma dinâmica social/coletiva “que exige dos corpos e mentes dos seus membros individuais mais do que eles podem dar” (p. 82). O autor parte da ideia que, da mesma maneira que o nosso modelo de sociedade produz catástrofes ambientais, ele também produz catástrofes psicológicas, sendo a depressão e sua alta incidência na atualidade um forte indício disso. Enquanto Alvarenga e Dias (2021) falam em epidemia de drogas psiquiátricas, Peters (2021) fala de uma pandemia de depressão.

No artigo *O Novo Espírito da Depressão: imperativos de autorrealização e seus colapsos na modernidade tardia*, publicado em 2021 pela Civitas - Revista de Ciências Sociais, Peters (2021) busca uma explicação sociológica para essa pandemia de depressão, levando em conta que há uma inflação de diagnósticos psiquiátricos sendo dados por médicos e médicas, e psicólogos e psicólogas; mas também sem desconsiderar a responsabilidade que as estruturas sociais têm sobre os o sofrimento que se abate cada vez mais sobre as pessoas.

Peters (2021) cita Han de forma bem breve em seu texto apenas para mostrar que está alinhado com o filósofo sul coreano, que vê a depressão como um sintoma de uma sociedade que se encontra esgotada de tanto buscar desempenho, produtividade e performance. Na concepção de Peters (2021), nosso modelo de sociedade só aceita indivíduos que carregam consigo características como adaptabilidade, flexibilidade, autonomia, disposição para assumir riscos, postura sociável e orientação inovadora; e essas características precisam se mostrar 24 horas por dia, 7 dias por semana, em todas as áreas da vida do sujeito.

Entretanto, ninguém consegue ser flexível, autônomo, disposto, sociável e inovador em um regime de 24/7. Por isso, esses altos níveis de exigência, somado a todos os imperativos de desempenho e produtividade, condenam o indivíduo ao fracasso e ao sofrimento, que é entendido pelo neoliberalismo como responsabilidade do sujeito fracassado e sofredor. Para Peters (2021), “a ‘subjetividade empreendedora’ e ‘subjetividade depressiva’ se revelam verso e reverso de uma mesma moeda sócio-histórica” (p. 76).

E no meio disso tudo, ainda tem instituições, como a indústria farmacêutica e saberes como a psiquiatria e a psicologia, se valendo de um cenário de sofrimento generalizado para reforçar diretrizes neoliberais e lucrar de forma exagerada, como alerta Peters (2021):

não resta dúvida de que a psiquiatria contemporânea traz uma forte tendência a tomar como patológicas certas modalidades de conduta e experiência outrora tidas por normais, como o luto, a distração, a impulsividade e assim por diante [...]. Clara também é a poderosa influência da indústria farmacêutica sobre a pesquisa e a clínica psiquiátricas, influência que tende a se refletir no recurso de psiquiatras aos neurofármacos como modo privilegiado, quando não exclusivo, de tratamento do sofrimento psíquico nas suas diversas formas (p. 76).

Londero e Takara (2019) são dois autores que parecem perceber essa epidemia de drogas psiquiátricas e essa pandemia de depressão, e assim como Alvarenga e Dias (2021) e Peters (2021), os dois tentam oferecer um olhar mais crítico a essa questão. Para Londero e Takara (2019), há uma produção deliberada e racional de sujeitos depressivos e viciados em drogas psiquiátricas. As considerações dos dois autores se encontram no artigo *Tempo, Depressão e Sociedade Deadline: um diálogo entre Han, Rosa e Bauman*, publicado pela revista *Ação Midiática*⁵⁷ no ano de 2019.

Londero e Takara (2019) encontraram uma conexão entre autores como Byung-Chul Han, Hartmut Rosa e Zygmunt Bauman, no que diz respeito à forma como lidamos com o tempo e de como isso nos causa sofrimento. Os dois autores enxergam através das análises realizadas pelos intelectuais que aparecem no nome do artigo, que vivemos em uma época marcada por um tempo fragmentado e pontilhado, que se caracteriza por um conjunto infinito de momentos imediatos que não se conectam entre si; algo bastante diferente do tempo em linha que cria uma narrativa existencial por se basear em passado, presente e futuro.

No tempo pontilhado não há passado e muito menos compromisso com o futuro, apenas o momento presente. Justamente por ser um tempo desprovido de narrativa, ele não abre espaço para o planejamento, para o descanso ou o tempo vazio. Dessa maneira, há um apelo para que oportunidades sejam aproveitadas de forma quase que compulsória. Há muito para ser feito, consumido e aproveitado, e o imediato não espera, pois logo se acaba. Nesse sentido, as drogas psiquiátricas seriam os produtos que auxiliariam a experiência de se viver e aproveitar ao máximo tudo que esse tempo tem a oferecer, e a depressão seria a marca do fracasso de quem não conseguiu.

Londero e Takara (2019) usam um conceito elaborado por Han (2017c) de infarto psíquico, para mostrar a depressão como um estado de colapso de um organismo que paralisa

⁵⁷ ISSN: 2238-0701. Este periódico é classificado com Qualis B2 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

diante da impossibilidade de se experienciar tantas possibilidades; de um organismo que é obrigado a engolir muito o tempo todo, mas que não pode parar para fazer a digestão.

Os mesmos poderes responsáveis por criar um modelo de sociedade tão sofrido, são os mesmos poderes que buscam oferecer explicações ao sofrimento e tratá-lo. Categorizar as diversas formas de sofrer e existir, atribuir a essas categorias um sentido orgânico e biológico, patologizar essas experiências e submetê-las cada vez mais a terapêuticas medicamentosas são estratégias utilizadas pelo neoliberalismo para lucrar com a dor e com o sofrimento.

Não é sem motivo que o campo da psicopatologia psiquiátrica tem se tornado tão frequente em cursos de psicologia, por exemplo. Há um investimento muito forte para que alunos e alunas que trabalharão com saúde mental saiam das universidades com um olhar biologizante, cerebralista e patologizante sobre o sofrimento. Quem evidencia essa realidade é Sathler e Mascia (2020), no artigo *Uma Análise Discursiva de Ementas de Psicopatologia em Cursos de Psicologia*, publicado em 2020 pela revista ETD - Educação Temática Digital⁵⁸.

O autor e a autora pegaram três ementas de universidades confessionais, uma de uma universidade pública e uma de uma universidade particular, e perceberam o predomínio de uma perspectiva organicista sobre diversas formas de sofrer e existir, que articulam “discursos biológicos, estatísticos, psicométricos e farmacológicos, entre outros” (SATHLER & MASCIA, 2020, p. 128). Na concepção de Sathler e Mascia (2020), o campo da psicopatologia psiquiátrica, sobretudo em suas ementas universitárias, tem se construído de forma a representar

a produção de uma subjetividade voltada à normatização dos comportamentos, um dispositivo de classificação que parte do corpo do sujeito avaliado para produzir, em uma aplicação direta, a normalização de biotipos promotora de bioidentidades marcadas pela força da biopsiquiatrização, argumento final do controle dos sujeitos sociais (SATHLER & MASCIA, 2020, p.202).

Nesse artigo, Han, juntamente com outros autores, é citado brevemente como parte de um movimento que tem tentado olhar para a psicopatologia através de “uma leitura do momento social” (SATHLER & MASCIA, 2020, p. 138), ao invés de pura e simplesmente medicalizar e questionar o organismo do sujeito sofredor.

Sathler e Mascia (2020) olham para as disciplinas de psicopatologia nas ementas investigadas como “herdeira de um currículo em modelo biomédico” (SATHLER & MASCIA, 2020, p. 129), do qual a psicologia sempre tentou se apropriar. O problema, para o autor e para a autora, é que essa construção não apenas não tem serventia ao Sistema Único de Saúde (SUS), como ainda forma “um profissional formado para o passado e não para o futuro, com pouca

⁵⁸ ISSN: 1676-2592. Este periódico é classificado com Qualis A1 de acordo com a Classificação de Periódicos do quadriênio 2017-2020.

capacidade de pensar e promover uma modificação da realidade vivida, sendo geralmente promotor dos discursos de adaptação e não de renovação ou transformação social” (SATHLER & MASCIA, 2020, p. 130).

Essa linguagem classificatória é, portanto, útil apenas aos avaliadores e avaliadoras que ao se apropriarem da máquina diagnóstica, se inserem em um lugar/status de poder e se tornam uma representação daquele “sujeito que sabe”; é útil também ao neoliberalismo, que através desse discurso, consegue estabelecer cada vez mais o campo da Saúde Mental como um negócio lucrativo, um importante nicho de mercado.

*

Diante de tudo que foi exposto e depois de observar a forma como a filosofia de Byung-Chul Han está sendo utilizada em trabalhos que dialogam com temas em saúde, vale expor algumas considerações.

Chama a atenção a quantidade de artigos que abordam questões relacionada à pandemia. Como se observa no Gráfico 1, quase metade (40%) dos textos encontrados em nosso levantamento bibliográfico se refere ao contexto pandêmico, o que também explica a maior quantidade dos artigos encontrados terem sido publicados em 2021, conforme mostrado no Gráfico 4.

Uma hipótese inicial que nos ocorreu ao observar esse volume de artigos sobre a pandemia que tem Han como um dos referenciais teóricos foi que talvez isso tivesse alguma relação com a própria produção do filósofo sul-coreano sobre a pandemia. Como já foi visto aqui, em 2020, Han publicou um texto chamado *La Emergencia Viral y el Mundo de Mañana*, que faz parte de uma coletânea composta por intelectuais seletos que tinham algo a dizer sobre a pandemia. Esse texto foi traduzido para o português e publicado na íntegra e de forma gratuita pelo site *El País*. Para além deste texto, que foi bastante compartilhado nas redes sociais no Brasil, o site *La Tercera* publicou em 2021 uma matéria chamada *Cansancio, Depresión, Videonarcisismo: los efectos de la pandemia según Byung-Chul Han*⁵⁹ onde o filósofo sul-coreano oferece mais uma análise sobre o contexto pandêmico. E ainda há seus livros, como o *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021), que também contém reflexões sobre a pandemia.

⁵⁹ RETAMAL, Pablo. *Cansancio, Depresión, Videonarcisismo: los efectos de la pandemia según Byung-Chul Han*. 2021. Publicado por La Tercera. Disponível em: <https://www.latercera.com/culto/2021/03/21/cansancio-depresion-videonarcisismo-los-efectos-de-la-pandemia-segun-byung-chul-han/>. Acesso em: 18 de dez. 2022.

Entretanto, nossa hipótese inicial não se confirma. Como pode ser visto no tópico sobre a pandemia, até se encontra artigos em que o diálogo com Han se dá através das análises que o filósofo sul-coreano fez do cenário pandêmico, contudo, esses artigos são a minoria. O que foi visto com mais frequência foram textos em que a pandemia é pensada a partir de conceitos e livros mais famosos de Han, como *Sociedade do Cansaço* (2017c), *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018) e *Sociedade da Transparência* (2017b).

A maior parte dos artigos sobre a pandemia em nosso levantamento parece disposta a compreender questões como, por exemplo, a forma como o cenário pandêmico reforçou características da sociedade do cansaço e do desempenho e como isso afetou a saúde mental das pessoas e suas condições de trabalho; de que maneira os mecanismos psicopolíticos atuaram no Brasil e quais foram as consequências disso; como o sujeito do desempenho reagiu a um cenário de produtividade reduzida; qual foi a função que o imperativo de transparência exerceu na pandemia e mais uma série de questões. Em suma, os artigos que integram esse tópico, em sua maior quantidade, utilizam as ideias de Han que são anteriores à pandemia, para pensar o contexto pandêmico, sobretudo, no Brasil, ou seja, há uma exploração da filosofia do autor em cenários que não foram previstos por ele.

Essa movimentação não é percebida no tópico seguinte, onde a violência é tomada como objeto de análise, mas apenas em seu caráter simbólico e psicológico. Os artigos que compõem este tópico abordam o fenômeno da violência dentro dos limites da análise do próprio Han sobre o tema. As ideias do autor não são extrapoladas para além das realidades imaginadas e vividas pelo filósofo sul-coreano e postas em diálogo com ocorrências mais próximas às nossas realidades. Faltou aos autores e autoras dos artigos presentes neste tópico, tentar ir além de uma apresentação de conceitos de Han.

A ideia de que o sofrimento psíquico/mental do sujeito do desempenho é, na verdade, a manifestação de uma nova forma de violência que se caracteriza por ser des-subjetivada, positiva e neuronal, é bastante explorada no tópico.

É possível ver também, em determinado momento, a sugestão de que a violência da sociedade do desempenho é um dispositivo psicopolítico de controle. Através da psicopolítica, o neoliberalismo controla os indivíduos de dentro para fora, intervindo sobre emoções e percepções, e é dessa forma que essa violência auto explorativa e autorreferente, tal como Han a interpreta, vai ser vista pelos indivíduos, de forma distorcida, como um meio para a autorrealização. Assim, por não ser vista como tal, a violência, ao invés de ser evitada, passa a ser cada vez mais almejada.

Entretanto, tudo isso já é dito pelo filósofo sul-coreano. Os artigos que compõem esse tópico acertam na apresentação da filosofia de Han, mas pecam em tentar pensar de que maneira esse arsenal teórico poderia contribuir para discussões que atravessam a vida de pessoas que vivem em um país como o Brasil.

Brasileiros e brasileiras sofrem violências que vem de várias direções e, em muitos casos, não é ocasionada por uma figura específica e bem delimitada. É o caso, por exemplo, do machismo/racismo estrutural, que violenta pessoas negras e mulheres diariamente, limitando seus espaços de circulação, reduzindo suas possibilidades e oportunidades, preterindo essa população em detrimento de uma outra que vai sendo cada vez mais privilegiada. Esses fenômenos atuam na estrutura de instituições e práticas e, por isso, violentam pessoas sem que seja necessário um agente da violência.

Seria interessante ver artigos abordarem essas formas de violência em diálogo com a filosofia de Han, e que pensam de que forma o pensamento deste autor pode contribuir para essas temáticas, já que o filósofo sul-coreano não aborda fenômenos como esses em seus textos, ainda mais em suas faces estruturais.

Mas, diferentemente do que se observa neste tópico sobre violência, o tópico seguinte, que se detém em questões relacionadas aos contextos de trabalho e ao processo social de subjetivação, é composto por artigos que se debruçam sobre realidades brasileiras mais recorrentes e concretas. A filosofia de Byung-Chul Han foi acionada em diversas questões que são proeminentes no Brasil, tais como o processo histórico de precarização do trabalho e as formas de sofrimento causadas por esse fenômeno, a predominância do discurso empresarial e da racionalidade econômica nos modos de ser e existir dos indivíduos, a influência da linguagem neoliberal sobre as lógicas de empreendedorismo e do desempenho, entre outras.

O processo de subjetivação que gera o sujeito do desempenho, observado por Han e seus textos, neste terceiro tópico, é totalmente pensado dentro do cenário brasileiro, marcado não apenas por trabalhos precários, altas demandas de produtividade, bastante insegurança e falta de garantias, mas, também, por um modelo educacional que ensina pessoas, desde muito cedo, a competir umas com as outras.

Além disso, é possível observar o filósofo sul-coreano sendo chamado a contribuir para tais questões em diálogo com outros autores e autoras que já são citados com mais frequência em discussões como essas, como é o caso de Arendt, Agamben e Foucault – intelectuais utilizados no processo de ensino-aprendizagem no campo da Saúde Coletiva, inclusive. Foi interessante ver artigos articulando conceitos nucleares da filosofia de Han com outros como *vida activa*, *homo sacer* e *homo oeconomicus*, que são mais clássicos em análises sociais que

atravessam temas como os contextos de trabalho, os processos de subjetivação e a saúde do trabalhador.

Vale destacar também que, por meio de discussões acerca de como as atuais formas de organização do trabalho causam sofrimento, a obra de Byung-Chul Han alcançou as artes cênicas, conforme descrito no terceiro tópico.

Nossa hipótese para justificar essa adequação mais significativa da filosofia de Han ao cenário brasileiro pelas vias de discussões sobre trabalho e subjetividade é que, conforme afirmam Dardot e Laval (2016) e Bauman (2008), as diretrizes neoliberais e as lógicas de mercado atuam de forma semelhante aonde conseguem se estabelecer, por isso, não fica difícil encontrar correlatos entre as análises empreendidas por um filósofo sul-coreano que vive na Alemanha e a situação laboral de um país como o Brasil.

Isso é mais difícil de acontecer em um tema como violência, por exemplo. Uma pessoa que nasceu e cresceu em uma região mais periférica de uma grande cidade brasileira pode encontrar identificações com uma análise de Han sobre trabalho e sofrimento, mas talvez não sobre violência. Devido a todo o contexto histórico, cultural e geográfico, é bastante justificável imaginar que tal pessoa e Han façam associações completamente diferentes ao pensar no fenômeno violento. Isso talvez explique a ausência de temas mais presentes no cotidiano brasileiro em artigos sobre violência escritos à luz de Byung-Chul Han.

O último tópico apresenta discussões que interessam e atravessam o campo da Saúde Coletiva de sobremaneira, mas que também são temas centrais na obra de Han. Muito embora o filósofo sul-coreano não use a expressão “pandemia de depressão”, é o excessivo número de pessoas consideradas depressivas pelo mundo que faz com que Han se atenha ao fenômeno da depressão e comece uma empreitada analítica em busca de explicações.

A chamada “epidemia de drogas psiquiátricas” também é uma questão sobre a qual a Saúde Coletiva e Byung-Chul Han se debruçam. Assim como é abordado neste quarto tópico, na obra do filósofo sul-coreano também há uma distinção de usos de drogas psiquiátricas: enquanto em *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021), Han aborda o uso que é feito para se evitar a todo custo o sofrimento, em *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018), o autor cita o uso feito para se obter mais desempenho. Em ambos os casos, para Han (2021; 2018), há uma influência das lógicas de mercado organizadas pelo neoliberalismo, assim como há um interesse por parte de grandes corporações e saberes presentes no campo da Saúde Mental, para que esse uso seja cada vez mais intenso, necessário e prolongado.

Entretanto, apesar deste quarto tópico apresentar discussões que aproximam o projeto filosófico de Han do campo da Saúde Coletiva, em praticamente todos os artigos que compõem

essa parte da dissertação, o filósofo sul-coreano não é utilizado com tanta frequência, sendo, em alguns casos, apenas mencionado brevemente. A exceção foi a discussão sobre a tendência psiquiátrica aos dispositivos tecnológicos, onde houve um diálogo bem sólido com o pensamento de Han e com parte da sociologia de Bauman.

Não sabemos explicar as razões pelas quais os autores e autoras dos artigos que compõem este tópico optaram por não desenvolver um diálogo mais sólido com as ideias de Han, tendo em vista a contribuição do filósofo sul-coreano para os temas em questão. Mas, diante do que já foi exposto em toda esta dissertação, recomenda-se a profissionais que atuam na Saúde Mental e a pesquisadores e pesquisadoras que leem e escrevem sobre esse campo, um olhar mais cuidadoso e mais aprofundado sobre a obra de Byung-Chul Han.

Essa recomendação serve também e sobretudo, ao campo da Saúde Coletiva de uma maneira geral, e não apenas àquelas pessoas que estão pensando, escrevendo e atuando com que questões da área de Saúde Mental. Este capítulo 2 mostrou que pesquisadores e pesquisadoras no Brasil estão utilizando a obra de Han para dialogar com temas que são de interesse do campo da Saúde Coletiva, conforme visto nas discussões empreendidas dentro de cada categoria apresentada. Em todos os artigos presentes no levantamento realizado, há um esforço, em algum nível, por parte de quem escreveu para apresentar as contribuições que o filósofo sul-coreano poderia dar ao tema proposto por cada texto.

É inegável, diante de tudo que foi exposto, que a filosofia de Byung-Chul Han tem sido recebida com apreço por pessoas que estão promovendo discussões com caráter mais social sobre saúde. Todos os artigos deste levantamento apresentam temáticas que estão inseridas na Saúde Coletiva, ou pelo menos se aproximam do campo, o que revela que, de certa forma, existem diálogos e contribuições sendo construídas entre Han e a Saúde Coletiva. Entretanto, apenas um destes artigos foi encontrado em uma revista de Saúde Coletiva no Brasil.

Na época em que este levantamento foi realizado, ocorreram algumas buscas individuais nos *sites* dos periódicos *Ciência e Saúde Coletiva*, *Saúde em Debate*, *Saúde e Sociedade* e *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, mas nenhum artigo que contenham Han como uma das referências foi encontrado.

Conclui-se a partir disso que, muito embora haja uma abertura cada vez maior para a obra de Han dentro de discussões que interessam à Saúde Coletiva, a popularidade do filósofo sul-coreano ainda não alcançou os periódicos do campo. São nas revistas de Ciências Sociais e nas de Filosofia que artigos com temas em saúde e que fazem uso do pensamento de Han são publicados – pelo menos de acordo com nosso levantamento, conforme indica o Gráfico 2.

É difícil saber as razões que justificam isso, tendo em vista as aproximações tão coerentes entre o autor e o campo, tantas vezes apontada nesta dissertação. Talvez valesse uma investigação apenas sobre isso, mas nossa hipótese é que a ausência de Byung-Chul Han em artigos publicados em revistas de Saúde Coletiva se dá pelo pouco tempo de circulação que sua filosofia tem no Brasil. Apesar de toda popularidade do autor, já apontada no primeiro capítulo, seus livros circulam por aqui há menos de 10 anos. Ainda há muito a ser explorado no pensamento do filósofo sul-coreano, e o próprio ainda tem muito a mostrar e a provar.

Dito isso, nos resta apenas esperar para ver de que maneira essa relação, ainda tímida, entre Byung-Chul Han e o campo da Saúde Coletiva vai se desdobrar e quais diálogos, contribuições e caminhos se desenvolverão a partir dessas movimentações.

CONCLUSÃO

É de muita importância esclarecer, sobretudo agora, que nos aproximamos do fim, que nosso objetivo, com esta dissertação, nunca foi o de tratar a filosofia de Byung-Chul Han como uma espécie de verdade sobre o mundo ou sobre a sociedade. Tendo em vista o caráter generalista das análises sociais empreendidas por Han, muito parecidas, inclusive, com as de outros autores e autoras que estudamos em Saúde Coletiva, o grande desafio colocado diante de nós foi o de traçar paralelos entre sua filosofia e a realidade brasileira, que em muitos aspectos se distancia das realidades europeias com as quais o filósofo sul-coreano está mais habituado.

Temos a total convicção de que conjunto nenhum de pensamentos dá conta do que é o ser humano ou de como funciona esse tecido social onde ele está inserido, e com a filosofia de Han não é diferente. Esta dissertação, longe de dar respostas definitivas a qualquer questão, teve como meta fornecer – ou pelo menos tentar – um conjunto original de questões e análises a partir da perspectiva de um autor que tem repercutido tanto no mundo e cada vez mais em nosso país, a fim de somar ao que já tem sido feito e pesquisado no campo da Saúde brasileira, sobretudo, Coletiva.

Ainda no primeiro capítulo, quando há uma apresentação de ideias e conceitos nucleares da filosofia de Han, é possível notar como alguns diálogos entre o autor e o campo da Saúde Coletiva são insinuados. Em primeiro lugar, pelos temas que atravessam o projeto filosófico de Han e sob quais perspectivas ele aborda. Como foi possível notar, o filósofo sul-coreano entende o sujeito como um ser social, histórico e cultural, cuja forma de ser, existir, sofrer e se desenvolver está atrelada à influência exercida por estruturas sociais que reforçam e propagam determinadas relações de poder.

Assim como os pressupostos básicos da Saúde Coletiva determinam, na obra de Han também há um apelo para que determinantes sociais sejam levados em consideração, além de se evitar que o sujeito seja resumido a um olhar unicamente organicista e biologizante. Ao longo do primeiro capítulo, ficou evidente o interesse do filósofo sul-coreano por buscar explicações para o que ele identifica como *paisagem patológica*, caracterizada por formas diversas de sofrimento e que atravessam a vida dos indivíduos na contemporaneidade. Mas, ao invés de lermos análises sobre o cérebro e suas partes, fluxos neuroquímicos e organismos disfuncionais, o que encontramos na obra de Han, são análises sobre o tecido social, configurações políticas,

diretrizes econômicas, aparelhos tecnológicos e todo o meio no qual o indivíduo que sofre, está inserido.

Em suas discussões, Han se vale muito do pensamento de outros autores e autoras que, de certa forma, também são utilizados pela Saúde Coletiva, principalmente em seu processo de ensino-aprendizagem, como é o caso de Agamben, Arendt e Bourdieu - nomes sempre citados pelo filósofo sul-coreano. Mas entre as referências que sustentam o edifício filosófico de Han, um nome se destaca: Foucault.

O campo da Saúde Coletiva tem interesse ímpar por discussões que foram provocadas pelo filósofo francês, tais como a medicalização e disciplinarização dos corpos, dispositivos biopolíticos, o nascimento da Medicina Social, a forma como as relações de poder se manifestam socialmente, as tecnologias de si, a história da loucura, entre outras. Como mostrado no primeiro capítulo, Han, por sua vez, não apenas se apropria dessas discussões e as reproduz, como também, tenta contribuir para elas dando um novo vigor: na filosofia de Han, a sociedade disciplinar se transforma em sociedade do desempenho, a biopolítica perde espaço para a psicopolítica, o conceito de panóptico digital é apresentado, o surgimento do sujeito do desempenho, que nada mais é que um desdobramento do conceito de *homo oeconomicus* foucaultiano, além do fato de que, da mesma forma que Foucault se preocupava com a loucura, Han se preocupa com o *burnout* e a depressão.

Entender essas aproximações é muito importante, não porque existe uma necessidade de convencer quem está lendo esta dissertação a aceitar Byung-Chul Han como mais um autor, entre tantos, a compor o quadro referencial da Saúde Coletiva no Brasil. A importância dessa compreensão se dá pelos diálogos e pelas contribuições que podem ser construídas ao se levar em consideração a perspectiva do filósofo sul-coreano.

Dias (2020) é um dos autores, no meio de tantos que são citados ao longo do capítulo 2, que consegue seguir nessa direção: conforme mostrado, Dias (2020) enxerga os desdobramentos sociais nefastos da Covid-19 no Brasil como a consequência de um governo federal que geriu a pandemia de maneira criminosa, contribuindo para o caos, desinformação e negacionismo. Para tentar alcançar a complexidade da situação, o autor utiliza a ideia de *biopsicopolítica*, pois enxerga traços tanto *biopolíticos* quanto *psicopolíticos*, nas atuações políticas do Governo Federal.

Ao invés de adotar uma perspectiva enquanto ignora outra, Dias (2020) mostra que é possível trabalhar bem, alinhando ideias e estabelecendo diálogos entre conceitos diferentes. Quem ganha com isso são os campos do saber, como o da Saúde Coletiva, nesse caso, que ao

seguir nessa direção, passa a ter em seu corpo, análises cada vez mais sólidas e que levam em consideração fatores diversos.

Isso poderia ser realizado através de temas relacionados à Saúde Mental, principalmente enquanto área de atuação. Enxergamos possibilidades de possíveis diálogos entre Han e a Saúde Coletiva a serem explorados nessa direção. Como observado no capítulo 2, o levantamento realizado mostrou que algumas discussões em Saúde que utilizam algo do pensamento do filósofo sul-coreano são mais fáceis de serem encontradas, como é o caso de artigos que se debruçam sobre o Brasil no momento pandêmico, sobre os contextos de trabalho brasileiros e as subjetividades que eles forjam. Entretanto, as contribuições aos temas em Saúde Mental, parecem poucas se comparadas a outras discussões.

Sentimos falta de mais artigos que utilizam Han para problematizar atuações e tendências médico-psiquiátricas, discussão frequente do campo da Saúde Coletiva. Lembremos que esse campo só se forma e se consolida como tal no Brasil, justamente, por entender que há outras determinações no processo saúde-doença e na qualidade de vida dos indivíduos, que estão para além das explicações biomédicas (VIEIRA-DA-SILVA, 2018).

A sensação de falta não é arbitrária. Ela se justifica porque em diversos momentos dessa dissertação é possível perceber que o filósofo sul-coreano é um autor incomodado com a tendência contemporânea de reduzir o indivíduo a uma perspectiva apenas biológica, fisicalista e cerebral. Em muitos lugares de sua produção filosófica, Han mostra o quanto esse olhar sobre o indivíduo estimula processos de medicalização e farmacologização, e também como o neoliberalismo promove e se beneficia dessa racionalidade, seja transformando tratamentos, terapêuticas e formas de ser e existir no mundo em mercadorias, seja forjando sujeitos que colocam o desempenho e a sobrevivência como valores máximos e absolutos.

Acreditamos que as narrativas médicas/psiquiátricas acerca das formas como agimos e somos afetados no/pelo mundo e a influência que as diretrizes neoliberais exercem sobre elas são questões que não podem deixar de serem abordadas. Não é de hoje que a psiquiatria tem olhado para essa paisagem de sofrimento, que se desenha a partir das diretrizes neoliberais, de maneira individualizante, biologizante e patologizante. A práxis médica/psiquiátrica tem ignorado as condições concretas de existência de cada sujeito em detrimento de uma epistemologia que olha e pensa o sofrimento apenas como uma questão biológica/neurológica, tirando a responsabilidade das estruturas sociais e a jogando sobre os ombros das pessoas (AMARANTE & FREITAS, 2017; WHITAKER, 2017). Até aquilo que é oferecido como “tratamento”, como as drogas psicotrópicas e nootrópicas, emerge nesse contexto como uma ferramenta de aprimoramento e adequação.

Han é uma das vozes ativas dentro do campo da Filosofia em uma perspectiva crítica acerca desses reducionismos. Para ele as pessoas não são tratadas, mas anestesiadas e adaptadas às exigências dos imperativos de desempenho neoliberais. Por isso entendemos que trabalhar a partir da perspectiva de Han em diálogo com o campo da Saúde Coletiva pode vir a contribuir de forma singular a tais questões, o que fica até como ideia para desdobramento dessa pesquisa.

A forma como Han constrói seus conceitos dá abertura para que diálogos ocorram com diversas áreas diferentes, inclusive com a Saúde Coletiva. Uma contribuição a partir da obra do filósofo sul-coreano que poderia ser dada ao campo, está inserida dentro do debate sobre medicalização psiquiátrica, por exemplo. Os paradigmas de positividade e negatividade, da forma como trabalhados por Han, permitem facilmente que se construa uma *topologia da medicalização*.

É possível pensar em uma medicalização psiquiátrica da negatividade, caracterizada por uma psiquiatria da loucura, que aprisiona, que impõe, que amarra na camisa de força, que violenta através de choques e lobotomias, que exclui através da máquina diagnóstica e, em último caso, que elimina.

Assim como, também é possível pensar em uma medicalização psiquiátrica da positividade, caracterizada por uma psiquiatria farmacológica, balizada não por anormalidades, mas por desempenho, que receita dispositivos que são comprados e ingeridos pelos próprios indivíduos por vontade própria; que se utiliza da máquina diagnóstica não para excluir, mas para fornecer sentido para pessoas, para inseri-las em políticas assistenciais e, sobretudo, para torná-las consumidoras e dependentes desses saberes e dessas terapêuticas. Essa medicalização psiquiátrica é positiva porque não se impõe ao sujeito, mas sim, é procurada por ele. Ela se organiza para que sua episteme alcance cada vez mais pessoas, seja por diagnósticos cada vez mais amplos, seja por medicamentos que “resolvam” cada vez mais problemas, principalmente, de desempenho e performance.

Claro que essa ideia sugestão de contribuição nasce da relação entre quem escreve esta dissertação e sua trajetória de estudos e atuações dentro da Saúde Mental. Entretanto, o capítulo 2 mostra que são muitas as possibilidades de temas em Saúde Coletiva que podem gerar diálogo e contribuições para quem deseja trabalhar e estudar a partir da perspectiva de Byung-Chul Han: violência, saúde do trabalhador, processo de subjetivação, educação, o papel de dispositivos tecnológicos no sofrimento e nos tratamentos, informação midiática, mecanismos de atuação políticos que orientam governos e instituições, negacionismo, entre muitos outros.

Apesar de tantas possibilidades, há ainda, pouca abertura de periódicos característicos da Saúde Coletiva para com a obra de Han. É nessa conclusão que o capítulo 2 chega. Já a

conclusão em que chegamos, de uma maneira geral, é que há muito a ser explorado ainda, no que diz respeito ao filósofo sul-coreano e o campo da Saúde Coletiva. Como já foi dito algumas vezes ao longo desta dissertação, autor e campo se alinham em diversos momentos, seja por temas tratados, por diálogos com determinados intelectuais ou pela perspectiva social em que as discussões se inserem.

Sendo assim, é difícil acreditar que essa dificuldade em achar artigos que se valem da filosofia de Han em periódicos de Saúde Coletiva se mantenha assim pelos próximos anos. Os periódicos de outras áreas, como foi visto neste trabalho, estão publicando artigos que mostram ser possível articular discussões em Saúde com o projeto filosófico de Han. Acreditamos que é só questão de tempo para que essa movimentação alcance o campo da Saúde Coletiva, afinal de contas, apesar desse *efeito Han* que tem se ampliado pelo Brasil, tornando o filósofo sul-coreano cada vez mais popular por aqui, não podemos esquecer que este autor ainda é muito recente em nosso país. Ainda há muito a ser lido, analisado, escrito, alinhado e criticado, por ele e sobre ele, nos próximos anos.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Rodrigo; DIAS, Marcelo Kimati. Epidemia de Drogas Psiquiátricas: tipologias de uso na sociedade do cansaço. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 33, p. 1-15, 2021.
- AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Byung-Chul Han Como Elo Interseccional Entre Hannah Arendt, Giorgio Agamben e Michel Foucault. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 85-98, 2019.
- ARROYO, Francisco. *Aviso de Derrumbe*. 2014. Publicada por El País. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2014/03/18/actualidad/1395166957_655811.html. Acesso em: 11 abr. 2022.
- AZIZE, Rogerio Lopes. *A Química da Qualidade de Vida: um olhar antropológico sobre o uso de medicamentos e saúde em classes médias urbanas brasileiras*. 2002. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- _____. Antropologia e Medicamentos: uma aproximação necessária. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 134-139, 2012.
- _____. O Cérebro Como Órgão Pessoal: uma antropologia de discursos neurocientíficos. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 563-574, 2010.
- BARBALHO, Alexandre; UCHOA, Carolina do Vale. As Linguagens do Novo Capitalismo: os casos exemplares da Endeavor Brasil, Artemisia e Ashoka Brasil. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, n. 50, p. 156-174, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Vida Para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____; LYON, David. *Vigilância Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BENEVIDES, Pablo Severiano. Neoliberalismo, Psicopolítica e Capitalismo da Transparência. *Psicologia & Sociedade*, Recife, n. 29, p. 1-11, 2017.
- BEZERRA, Aline Rocha; FERNANDES, Ana Vitória Gomes. Covid-19 e Saúde Mental: abordagens do pesamento crítico. *Holos*, Natal, v. 3, p. 1-16, 2021.
- BEZERRA JUNIOR, Benilton. Tecnologias Digitais, Subjetividade e Psicopatologia: possíveis impactos da pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 495-508, 2020.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. O Luto Como Subversão na Sociedade do Desempenho. *Cadernos Zygmunt Bauman*, São Luís, v. 11, n. 25, p. 190-200, 2021.
- BOTELHO, Patrick Braganca. *Você Sabe o Que é Infodemia?*. 2021. Publicado por Politize!. Disponível em: <https://www.politize.com.br/infodemia/>. Acesso em: 15 de dez. 2022.

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*. São Paulo: UBU, 2022.

CARDOSO, Artur Junior Santos; GONÇALVES, Lucas Rocha; GUTIERREZ, Victoria Antonieta Tápia. *O Neoliberalês: um ensaio filosófico sobre o idioma da sociedade do desempenho*. Nova Petrópolis: Ed. do Autor, 2022.

CARNEIRO, Elizabeth. *Byung-Chul Han: você ainda vai ouvir falar dele*. 2020. Publicada por Veja Rio. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/coluna/manual-de-sobrevivencia-no-seculo-21/byung-chul-han/>. Acesso em: 21 fev. 2022.

CARVALHO, Mario; et al. Metáforas de um Vírus: reflexões sobre a subjetivação pandêmica. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 32, p. 1-15, 2020.

COELHO, Carla Jeane Helfemsteller; OLIVEIRA, Liziane Paixão Silva. A Forças Conservadoras da Vida Como Possibilidade de Enfrentamento à Dialética Opressão/Insurgência em Face a Cultura de Paz. *Revista Iberoamericana de Filosofia, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales*, Sevilha, v. 48, n. 23, p. 377-400, 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). *Neuropsicologia: ciência e profissão*. Brasília, 2023.

CORDEIRO, Francisco Antonio Vieira; FRIEDE, Reis; MIRANDA, Maria Geralda de. A Violência Simbólica na Sociedade do Cansaço do Século XXI. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 30-53, 2018.

CORRÊA, Laura Henrique. A Violência Sistêmica e Autoexplorativa do Empresário de Si: o paradoxo da liberdade no ethos neoliberal e o consequente adoecimento psíquico na sociedade do cansaço. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 216, p. 63-74, 2019.

CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: UBU, 2016.

CUNHA, Eduardo. *Mas, Afinal, Qual Livro Foi o Mais Vendido no Brasil em 2021?*. 2022. Publicado por PublishNews. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2022/02/04/mas-afinal-qual-livro-foi-o-mais-vendido-no-brasil-em-2021>. Acesso em: 26 maio 2022.

CUNHA, Francisco Mogadouro da; MENDES, Aquilas. A Abordagem da Questão do Trabalho no Campo da Saúde Coletiva Com Seus Limites e Desafios. *Journal Of Management & Primary Health Care*, Uberlândia, v. 13, p. 1-28, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Érika. A Educação, a Pandemia e a Sociedade do Cansaço. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 112, p. 565-573, 2021.

DIAS, Renato Duro. Governamentalidade, Biopolítica E Vida Precária: a pandemia de covid-19 no brasil. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, Santa Maria, v. 15, n. 2, p. 2-26, 2020.

EHRENBERG, Alain. *O Culto da Performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Dor, Sofrimento e Escuta Clínica. *Arquivos do IPUB*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 22-34, 2019.

FERNANDES, Paulo Emílio de Paiva Bonillo; FERNANDES, Andre de Paiva Bonillo. Por Uma filosofia do Presente: em torno da pandemia, da reificação do tempo e de uma utopia do tempo que vem. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 248-272, 2021.

FERREIRA, Jonatas. Saúde Mental, Subjetividade e o Dispositivo Psicofarmacológico Contemporâneo. *Revista Latinoamericana de Estudios Sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, Córdoba, v. 25, n. 9, p. 12-23, 2017.

FILHO, Florêncio Augusto; ROSA, Pablo Ornelas; MARCHIORI, Giovanna Rosario Soanno. Do Homo Oeconomicus ao Sujeito de Desempenho: trajetória do sujeito no modelo neoliberal nos pensamentos de foucault e byung-chul han. *Research, Society And Development*, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 4, p. 1-27, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia Poder-Saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Microfísica do Poder*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no College de France (1978-1979)*. São Paulo: Martin Fontes, 2008.

_____. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREITAS, Murilo Tiago Franco de. Byung-Chul Han em Cena: formulações e deformações. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 73-83, 2019.

FREITAS, Fernando; AMARANTE, Paulo. *Medicalização em Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALINDO, Juan Carlos. *Byung-Chul Han, o Filósofo Coreano Que Ataca as Redes e Se Tornou Viral*. 2018. Publicada por El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/09/cultura/1518178267_725987.html. Acesso em: 21 fev. 2022.

HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017a.

_____. La Emergencia Viral y el Mundo de Mañana. In: AGAMBEN, Giorgio. *et al. Sopa de Wuhan: pensamiento contemporaneo en tiempos de pademias*. Buenos Aires: Aspo, 2020. Cap. 10. p. 97-112.

_____. *Morte e Alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. *O Que é Poder?*. Petrópolis: Vozes, 2019.

_____. *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

_____. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017b.

_____. *Sociedade do Cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017c.

_____. *Sociedade Paliativa: a dor hoje*. Petrópolis: Vozes, 2021.

_____. *Topologia da Violência*. Petrópolis: Vozes, 2017d.

- HANCOCK, Jaime Rubio. *Nós Somos o 'Big Brother': o que Byung-Chul Han escreve sobre as redes sociais. o que Byung-Chul Han escreve sobre as redes sociais*. 2018. Publicada por El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/09/cultura/1518186464_156425.html. Acesso em: 21 fev. 2022.
- HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- HFG KARLSRUHE (Alemanha). *Lehrende (SS 2010)*. Karlsruhe, 2020. Disponível em: https://ka.stadtwiki.net/Staatliche_Hochschule_f%C3%BCr_Gestaltung. Acesso em: 11 abr. 2022.
- HISSA, Débora; ARAUJO, Nukácia. Infodemia na sociedade do desempenho: entre o mural panfletário e o panóptico digital. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p. 1011-1035, 2021.
- ILLICH, Ivan. *A Expropriação da Saúde: nêmesis da medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- ISSLER, Marcio; *et al.* Reflexões Sobre o Trabalho Docente: o mal-estar da performatividade na sociedade do cansaço. *Temas e Matizes*, Cascavel, v. 11, n. 21, p. 85-95, 2017.
- LONDERO, Rodolfo Rorato; TAKARA, Samilo. Tempo, Depressão e Sociedade Deadline: um diálogo entre Han, Rosa e Bauman. *Ação Midiática*, Curitiba, v. 1, n. 17, p. 99-117, 2019.
- KUANA, Rubens Akira. Tristes Psicotrópicos: colapso global, colapso mental. *Cadernos Pet de Filosofia*, Curitiba, v. 19, n. 1, p. 91-131, 2021.
- MARX, Karl. *O Capital [Livro I]: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013 [1867].
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1, 2018.
- MOCELLIM, Alan Delazeri. Psicopolítica e Mal-Estar da Contemporaneidade. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 94-107, 2021.
- NALLI, Marcos Alexandre Gomes; MANSANO, Sonia Regina Vargas. Da Violência Psicopolítica na Contemporaneidade: uma análise das dimensões afetivas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 24, p. 1-12, 2019.
- NAVARRO, Núria. *Menos darle al 'like' y más coger el azadón*. 2018. Publicada por Ocio y Cultura. Disponível em: <https://www.elperiodico.com/es/ocio-y-cultura/20180206/byung-chul-han-filosfia-ccc-b-capitalismo-digital-6604688>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- OLIVEIRA, Walter Ferreira de. Violência e Saúde Coletiva: contribuições teóricas das ciências sociais à discussão sobre o desvio. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 42-53, 2008.
- OSMO, Alan; SCHRAIBER, Lilia Blima. O campo da Saúde Coletiva no Brasil: definições e debates em sua constituição. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 205-218, 2015.
- PEREIRA, Crisalex Rodrigues. O Que o Pós Pandemia Nos Reserva?: a sociedade paliativa de Byung-Chul Han. *Revista Cacto*, Petrolina, v. 1, n. 2, p. 204-218, 2021.
- PETERS, Gabriel. O Novo Espírito da Depressão: imperativos de autorrealização e seus colapsos na modernidade tardia. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-83, 2021.

PINTO, Simã Catarina de Lima. Sociedade do Excesso: a pandemia da indiferença. *Cadernos Zygmunt Bauman*, São Luís. v. 10, n. 23, p. 116-119, 2020.

RAGO, Margareth. “Estar na Hora do Mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 23, p. 1-11, 2019.

RODRIGUES, Pedro. *Peça Teatral ‘Ficções’ Estreia Nessa Quarta-Feira (28) no CCBB*. 2022. Publicada por Band News. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/rio-de-janeiro/noticias/peca-teatral-ficcoes-estreia-nesta-quarta-feira-28-no-ccbb-16536669>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SALGADO, Ricardo Henrique Carvalho; VIEIRA NETO, Levindo Ramos. Violência e Liberdade no Mundo Digital. *Revista de Estudos e Debates*, Lajeado, v. 4, n. 1, p. 49-58, 2018.

SATHLER, Conrado Neves; MASCIA, Márcia Aparecida Amador. Uma Análise Discursiva de Ementas de Psicopatologia em Cursos de Psicologia. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 127-144, 2020.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. Trabalho, Educação e Juventudes: diálogo com o pensamento social de christian laval e pierre dardot. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 1-18, 2019.

SOUSA, Ricardo Lima Praciano de; TELES, Lúcio França. Ensaio Sobre o Trabalho Docente na Pandemia Covid-19, Norteadado Pela Obra "Sociedade do cansaço" de Byung-Chul Han. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 77-88, 2021.

VIEIRA, Isabela Maria Magali Mello. *Construção Social do Burnout no Brasil: medicalização da fadiga no trabalho e seus efeitos*. 2017. 216 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

VIEIRA-DA-SILVA, Ligia Maria. Gênese Sócio-Histórica da Saúde Coletiva no Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade; SANTANA, José Paranaguá de; PAIVA, Carlos Henrique Assunção. *Saúde Coletiva: a abraço em 35 anos de história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015. Cap. 1. p. 25-48.

_____. *O Campo da Saúde Coletiva: gênese, transformações e articulações com a reforma sanitária brasileira*. Salvador; Rio de Janeiro: EDUFBA; Fiocruz, 2018.

VOMMARO, Pablo. O Mundo em Tempos de Pandemia: certezas, dilemas e perspectivas. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 1095-1115, 2021.

WEISZ, Eduardo; AMORIM, Wellington Lima. A Lógica Imunológica Segundo Byung-Chul-Han. *Revista Húmus*, Porto Alegre, v. 10, n. 29, 2020.

WHITAKER, Robert. *Anatomia de Uma Epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.

WILLRICH, Janaína Quinzen; et al. O (Des)governo na Pandemia de Covid-19 e as Implicações Psicossociais: disciplinarizações, sujeições e subjetividade. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 56, p. 1-8, 2022.

ZIZEK, Slavoj. *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.